

MEG

ROTA DE MEGALITISMO

WISEU DÃO LAFÕES · SEVER DO VOUGA

FICHA TÉCNICA

TÍTULO
MEG – ROTA DO MEGALITISMO
VISEU DÃO LAFÕES · SEVER DO VOUGA

EDIÇÃO
CIM VISEU DÃO-LAFÕES

COORDENAÇÃO
PEDRO SOBRAL DE CARVALHO
(EON, INDÚSTRIAS CRIATIVAS)

TEXTOS
PEDRO SOBRAL DE CARVALHO
(EON, INDÚSTRIAS CRIATIVAS)

DESIGN GRÁFICO E INFOGRAFIA
CATARINA SOUSA

FOTOGRAFIA
JOSÉ ALFREDO

ILUSTRAÇÕES
LUÍS TAKLIM
(ANYFORMS DESIGN)

REVISÃO CIENTÍFICA
ANTÓNIO FAUSTINO CARVALHO
LARA BACELAR ALVES

AGRADECIMENTOS
DEUTSCHES ARCHÄOLOGISCHES INSTITUT (DAI)
DIREÇÃO-GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL (DGPC)
FERNANDA TORQUATO [COORD. DA ÁREA DAS
BIBLIOTECAS/DIV. DE ARQUIVO, DOCUMENTAÇÃO E
BIBLIOTECAS/FORTE DE SACAVÉM (DADB/FS)]
FERNANDO CARRERA RAMÍREZ
GONÇALO PEREIRA
JOÃO LUÍS CARDOSO
JOSÉ MANUEL QUINTÁ VENTURA
MARIA LATOVA (DAI)
MÁRIO VARELA GOMES

IMPRESSÃO
AAAA

TIRAGEM
0000

DEPÓSITO LEGAL
111111111

ISBN
99999999

ANO
2024

GUIA



ROTA DE MEGALITISMO
VISEU DÃO LAFÕES · SEVER DO VOUGA



COMUNIDADE INTERMUNICIPAL
VISEU DÃO LAFÕES

ÍNDICE

8 GLOSSÁRIO

MEGALITISMO

16 TITÃS DE PEDRA

30 MEGALITISMO NO CENTRO DE PORTUGAL

30 OS PROTAGONISTAS DAS PESQUISAS

37 MEGALITISMO DA MEG: UMA BREVE BIOGRAFIA

A ROTA

46 INTRODUÇÃO

52 VISEU

54 ANTA DE MAMALTAR DO VALE DE FACHAS

58 ANTA MAIOR DA PEDRALTA

62 ORCA DAS CASTENAIRAS

66 ORCA DO PICOTO DO VASCO

70 ORCA DE PENDILHE

74 VILA NOVA DE PAIVA

76 ORCA DOS JUNCAIS

82 SÁTÃO

84 ORCA DO TANQUE

88 ORCA DE FORLES

94 AGUIAR DA BEIRA

96 DÓLMEN 1 DE CARAPITO

104 ANTA DO PENEDO DO COM

108 PENALVA DO CASTELO

110 MANGUALDE

114 ORCA DA CUNHA BAIXA

120 ORCA DOS PADRÕES

124 NELAS

126 ORCA DO FOLHADAL

130 ORCA DE PRAMELAS

134 ORCA DE FIAIS DA TELHA

138 ORCA DA PALHEIRA

142 CARREGAL DO SAL

144 ORCA DE SANTO TISCO

148 ANTA DA ARQUINHA DA MOURA

154 TONDELA

158 ESTELA-MENIR DA CAPARROSA

162 VOUZELA

164 CASA DA ORCA DA MALHADA DO CAMBARINHO

168 MEG – CENTRO DE INTERPRETAÇÃO

170 LAPA DA MERUJE

174 ANTA DO ESPÍRITO SANTO D'ARCA

178 OLIVEIRA DE FRADES

180 DÓLMEN DE ANTELAS

188 DÓLMEN 2 DE CHÃO REDONDO

192 ANTA DA CAPELA DOS MOUROS

196 SEVER DO VOUGA

198 DÓLMEN DA ARCA DA CERQUEIRA

202 DÓLMEN DO JUNCAL

206 SÃO PEDRO DO SUL

210 ANTA DO REPILAU

EXPLORAR A REGIÃO

218 ECOISTAS

220 A ROTA DOS VINHOS DO DÃO

221 TERMALISMO

221 REDE PATRIMONIAL

222 MONTANHAS MÁGICAS®

223 BIBLIOGRAFIA ESSENCIAL

A scenic landscape featuring a winding asphalt road on the left, bordered by a metal guardrail. The road curves towards a steep, rocky hillside. The hillside is covered in sparse vegetation and has a distinct diagonal line, possibly a dry stream bed or a path. The sky is a deep, warm orange-red, suggesting a sunset or sunrise. A few trees are visible on the hilltop and along the road. The overall mood is serene and majestic.

**Bem-vindo/a a esta viagem
alucinante através do
tempo e do espaço. Venha
conhecer alguns dos mais
extraordinários monumentos
megalíticos do centro de
Portugal. Deixe-se envolver
por paisagens deslumbrantes
e narrativas únicas.**

GLOSSÁRIO

Estes pequenos textos servem de apoio à leitura do guia, pois, por vezes, a especificidade do tema obriga a usar termos pouco conhecidos pela maioria das pessoas.



Alabarda

Os arqueólogos denominam de alabardas algumas peças que surgem em contextos funerários pré-históricos, do Calcolítico e da Idade do Bronze, fabricadas respetivamente em sílex e em bronze. Esta denominação é atribuída por paralelo com objetos homólogos, mas fabricados em ferro, muito difundidos no século XVI por toda a Europa. São armas constituídas por lâminas de morfologia triangular alongada que seriam encabadas, na sua base, em cabos longos. O facto

de, em época pré-histórica, surgirem em contextos funerários atribui-lhes um profundo valor simbólico.

Anfibolito

Rocha comum na região de Viseu muito utilizada como matéria-prima para os artefactos de pedra polida como machados, enxós e goiva. Trata-se de uma rocha metamórfica, densa e dura, de grão fino a muito fino e, geralmente, de cor esverdeada escura.

Antropomórfico

Com a forma de ser humano. O termo tem origem na palavra grega ánthropos que exprime a noção de Homem.

Átrio

Espaços livres, de reduzidas dimensões, ao ar livre e, por vezes, lajeados, onde eram feitos muitos dos rituais fúnebres de carácter público. Neste espaço, acendiam-se fogueiras e depositavam-se oferendas. O átrio é, geralmente, delimitado por uma fiada de pedras denominada de fecho do átrio.



Braçal de arqueiro

Peça em pedra, que se colocava na parte interior do pulso, onde chicoteava o fio do arco após o arremesso do projétil.

Campaniforme (vaso, fenómeno)

O termo “campaniforme” é usado para definir um fenómeno cultural que aconteceu na Idade do Cobre (Calcolítico), no 3º milénio a.C. Este exprime-se através de rituais que usavam determinados artefactos que atribuíam aos seus portadores uma determinada distinção social. Um destes são os vasos em forma de campânula invertida, daí o termo campaniforme, ou seja, em forma de campânula ou sino. Estes vasos com decorações singulares estavam, geralmente, associados a um conjunto de objetos típicos deste fenómeno cultural. Assim, para além dos vasos, sur-

gem os punhais em cobre, braçais de arqueiro e, por vezes, algumas peças em ouro.

Na região da MEG, estas comunidades foram responsáveis pela reocupação de alguns dólmenes neolíticos, mas também pela construção de alguns monumentos novos, como monumento 1 do Rapadouro, em Vila Nova de Paiva. Os seus sepultamentos indiciam a individualização, alterando, desta forma o paradigma da inumação coletiva, acarretando questões sociológicas que apontam para uma progressiva complexificação social, com o aparecimento das primeiras sociedades com chefes.

Este fenómeno cultural manifesta-se em toda a Europa, mas com ritmos e cronologias um pouco diferentes que têm suscitado muitas teorias sobre a sua origem. Uma destas teorias, talvez a mais consistente, coloca a origem do fenómeno campaniforme na Península de Lisboa.

Corredor intratumular

Na maioria dos dólmenes desta região, foi construído um corredor, com extensão variável, que funcionava como uma espécie de antecâmara de entrada ao interior do monumento. O corredor intratumular ligava o átrio, no exterior, ao interior do dólmen.

Carbono 14 (datação)

A datação por radiocarbono ou por carbono 14 é uma técnica essencial para os arqueólogos poderem datar alguns dos vestígios que encontram. Este método permite datar os vestígios que contenham átomos de carbono na sua composição, sendo, assim, aplicável à madeira, sedimentos orgânicos, conchas marinhas ou qualquer material que tenha absorvido direta ou indiretamente compostos contendo carbono. Esta técnica foi descoberta por Willard Libby na década de 1940, que observou que a quantidade de C14 dos tecidos orgânicos mortos ia diminuindo a um ritmo constante ao longo do tempo.

Como este método se baseia na determinação de

idade através da quantidade de carbono-14 e como esta diminui com o passar do tempo, ele só pode ser usado para datar amostras que tenham até cerca de 50 mil a 70 mil anos de idade.

Corredor de tipo vestibular

Corredor de um dólmen marcado apenas por duas pedras colocadas sobre o seu lado maior, uma de cada lado da entrada da câmara do dólmen, criando uma espécie de vestíbulo.



Enxó de pedra polida

Instrumento cortante feito em pedra polida, geralmente numa rocha dura, como é o anfibolito, frequente na área da MEG. Era usada para desbastar e lavar a madeira.

Esteio

Denominam-se de esteios as pedras colocadas verticalmente que fazem parte da arquitetura dos dólmenes.

Estela-menir

Monólito de grandes dimensões, em forma de laje, implantado verticalmente no solo e no qual se encontram representados motivos gravados em faces planas ou intencionalmente alisadas.

Escutiforme

Este termo é usado na arte pré-histórica para referir motivos que lembram ou se assemelham a um escudo.

Idade do Bronze

Período que corresponde ao 2º e se prolonga até inícios do 1º milénio a.C. Pode ser dividido em Bronze Inicial ou Antigo, Médio e Final. É marcado não apenas pela metalurgia de bronze, essencialmente liga de cobre e estanho, mas, sobretudo, pela complexificação da estrutura social e pela intensificação dos contactos a longa distância, com a legitimação de elites que começaram a surgir

no período anterior do Calcolítico. Este processo foi evoluindo, tendo culminado, na região da MEG com a proliferação de povoados construídos no topo dos montes durante o chamado Bronze Final (séculos XI a.C. – VIII a.C.) e de centenas de pequenos túmulos e de estruturas rituais que se distribuem um pouco por todas as superfícies montanhosas da Beira Alta. Esta explosão de povoamento está diretamente relacionada com a existência de grandes jazidas de estanho nesta região, com especial relevo para a área de Lafões, onde se encontra uma das mais famosas estações arqueológicas desse período de toda a Europa: o castro da Senhora da Guia ou povoado de Baiões, São Pedro do Sul.

Idade do Cobre (Calcolítico)

Período que se encontra entre o Neolítico e a Idade do Bronze. Embora os ritmos do tempo variem de região para região, podemos considerar que, em termos genéricos, este período se encontra cronologicamente entre 3100 e 2000 a.C.

Este é um período fascinante em que se assiste a uma inovação tecnológica determinante: a metalurgia do cobre e do ouro. É um período de uma acentuada assimetria social e cultural entre o Norte e o Sul peninsular. No Sul, onde se encontrava o cobre, assiste-se à proliferação de povoados, alguns de enormes dimensões, rodeados de fossos defensivos e de povoados amuralhados na Península de Lisboa. Construíram-se túmulos com espólios sumptuosos, que refletem uma vigorosa rede de contactos com o mediterrâneo, esse grande polo irradiador de culturas. As comunidades de camponeses sabiam agora fazer um uso mais completo dos seus recursos, incrementando a manufatura da lã e dos produtos subsidiários do leite, por exemplo.

O Centro e Norte, afastados dos centros produtores de cobre, possuem alguns reflexos deste intenso brilho do Sul.

Jogo do Alquerque

Jogo de tabuleiro de estratégia, para dois jogadores, que se joga com pedrinhas ou pequenas peças sobre

uma tábua ou superfície riscada e que conta com três variantes clássicas: o alquerque dos três, dos nove e dos doze. O objetivo é colocar três peças em linha. O alquerque dos doze já era jogado na Europa do século XIII. Foi este jogo, que serviu de base ao jogo das damas.

Lâmina

Instrumento em pedra, geralmente em sílex, que se pode descrever como faca. Esta podia ou não ter um cabo em madeira ou osso.

Lamela

Instrumento em pedra, geralmente em sílex ou quartzo, que se pode descrever como uma faca de pequenas dimensões.



Machado de pedra polida

Trata-se de uma ferramenta que se tornou imprescindível ao homem neolítico.

Podemos até afirmar que é o ícone daquilo que muitos conhecem como “idade da pedra polida”. Efetivamente, os homens do Neolítico poliam algumas peças para as tornar mais funcionais. É, sem dúvida, uma das inovações tecnológicas do Neolítico. Feito em pedras duras – na região da MEG é usualmente usado o anfibolito –, servia para derrubar árvores. Deste modo, não apenas adquiriam madeira para as mais diversas funcionalidades, como também criavam clareiras para pastos e terrenos de cultivo. Encontra-se, deste modo, associado às primeiras formas de agricultura.

Mamoa

Mamoa ou *tumulus* é a massa de terra e pedra que cobre os dólmenes. A sua composição varia, havendo mamoas apenas em pedra denominadas de cairns, de pedras e terra ou só de terra/argila. Em grande parte dos monumentos, as mamoas encontram-se delimitadas por um anel de pedras.



Micrólito

Os micrólitos são um dos artefactos mais comuns dos espólios funerários dos dólmenes da Beira Alta. Tratam-se de ferramentas líticas, normalmente em sílex e em quartzo, de tamanho muito reduzido (micro), relacionadas com armas, pois formavam a ponta de projétil (seta). Os micrólitos têm como suporte uma lâmina ou lamela, de sílex quase sempre, e uma configuração rematada por meio de retoques. Relaciona-se com a caça de animais. Uma das mais expressivas representações pintadas na arte megalítica da nossa região encontra-se na Orca dos Juncais (nº 6 da MEG), em Vila Nova de Paiva, que representa, precisamente, um micrólito encabado.

Neolítico

Este foi um período fascinante que constituiu uma das mais marcantes etapas da evolução do Homem. De facto, com o Neolítico a vida do Homem transformou-se de uma forma radical e o seu desenvolvimento acelerou, por isso, a um ritmo galopante. De uma forma genérica, foi neste período que se desenvolveram as primeiras formas de agricultura e pastorícia. Começou-se, assim, a domesticar a paisagem. Este movimento provocou um crescente aumento demográfico, novas organizações sociais, rituais funerários e inovações tecnológicas. O processo de neolitização em Portugal, ou seja, a substituição de um modo de vida de caçador-recolector, por um modo de vida assente numa economia agro-pastoril, terá começado por volta de 5500 a.C., período denominado de Neolítico Antigo (cerca de 5500-5100 a.C.) a que correspondem os mais antigos vestígios e que se localizam em regiões costeiras (centro da Estremadura, litoral alentejano e Barlavento Algarvio). Estas primeiras populações

terão chegado por via marítima oriundos do Mediterrâneo Ocidental. Por volta de 5100-4500/4000 a.C. ocorre uma nova fase, denominada de Neolítico Evoluído, que corresponde à disseminação das populações neolíticas por todo o país. Entre 4500/4000-3800 a.C., no denominado Neolítico Médio, emergem as primeiras manifestações megalíticas, conhecendo-se, no entanto, muito mal os seus locais de habitação. Pelo que se conhece dos rituais funerários e pela tipologia dos pequenos sítios residenciais, parece estarmos em presença de sociedades essencialmente igualitárias e com um acentuado grau de mobilidade, correspondendo a pastores itinerantes. Por último, o Neolítico Final, entre cerca de 3800-3000 a.C. corresponde ao apogeu do megalitismo nas suas mais variadas manifestações, desde a exuberância do espólio, bem patente nas placas de xisto decoradas do Sul de Portugal, à magnitude das arquiteturas com a proliferação de grandes dólmenes de corredor longo e de hipogeus.

A este período corresponde, igualmente, o aparecimento de grandes povoados, de recintos delimitados por fossos e a um incremento das relações inter-regionais.

“Pele esticada”

Denominada em inglês como *“skin skeumorph”*, em espanhol como *“esqueomorfo de piel”* e em português como “pele esticada” é um enigmático motivo associado aos rituais fúnebres. A sua denominação resulta da sua semelhança com uma pele de bovino esticada.



Pendente de xorca

Peça que se fixava numa argola (xorca). A sua forma leva alguns autores a denominarem esta peça como “sanguessuga”. Em termos cronológicos pertence aos finais da Idade do Bronze (século XII-VIII a.C.).

Perfil polínico

Gráfico que ilustra a reconstituição das coberturas vegetais antigas a partir da análise de pólenes dessas épocas conservados em sedimentos de locais variados (sítios arqueológicos, fundos de lagoas, zonas litorais, etc.).

Vaso troncocónico

Vaso em forma de tronco de cone invertido cronologicamente inserido nos inícios da Idade do Bronze.

TITÃS DE PEDRA

Já quase todos nós perdemos alguém que nos era querido, que nos era querido. Já quase todos participámos em cerimónias fúnebres. De uma forma ou de outra, já todos nós chorámos...

O contacto com a morte faz parte da vida. Contudo, a relação e o modo como a encaramos varia, ainda hoje, de acordo com a cultura ou a sociedade. Ao longo da história do Homem também assim foi. No entanto, há uma constante: a crença na eternidade. Esta fé na vida além morte tem levado o Homem a erigir dólmenes, edificar pirâmides, panteões, a produzir arte e a crer no Divino.

Os nossos antepassados, do *Homo sapiens sapiens*, entenda-se, estão todos representados, seja numa simples cova coberta no interior de uma gruta do Paleolítico, numa anta do Neolítico, numa cista da Idade do Bronze, numa urna da Idade do Ferro, num sarcófago em mármore romano, numa sepultura escavada na rocha medieval, num esquife moderno, num jazigo contemporâneo, ou numa simples campara, solitária e sem nenhuma indicação.

Houve momentos na história da Humanidade em que o engenho, a saudade e a forte vontade de perpetuar a memória levou o Homem a construir monumentos eternos para os que já partiram. Os dólmenes ou

antas são, sem dúvida alguma, o reflexo desse desejo.

Megalitismo é o termo usado pelos arqueólogos para se referirem, precisamente, a esses monumentos feitos com grandes (*mega*) pedras (*lithos*) que foram edificados um pouco por todo o mundo, ao longo de milhares de anos. Para este guia, iremos centrar-nos apenas na realidade europeia. De facto, na Europa, há cerca de seis mil anos, a paisagem foi-se gradualmente transformando. O Homem começou, então, a construir monumentos que rivalizavam em imponência com a própria Natureza. Esse mesmo Homem, que umas centenas de anos antes havia domesticado a paisagem, transformando-se em agricultor, domesticava agora o Tempo, criando sepulturas e lugares de culto que ainda hoje permanecem entre nós. Surgiam, assim, os dólmenes ou antas e os menires. Os dólmenes como monumentos funerários, autênticos jazigos, e os menires como monumentos votivos, de culto.

Existem tantas formas e tipologias de monumentos – uns enormes, com oito metros de altura, como a Anta Grande do Zambujeiro, em Évora, outros pequenos, com menos de dois metros, como a Mamoa 1 do Taco, em Albergaria-a-Velha, Aveiro – que o único elemento comum a este fenómeno



LAPA DA MERUJE, VOUZELA

cultural é, precisamente, a diversidade de formas, de arquiteturas.

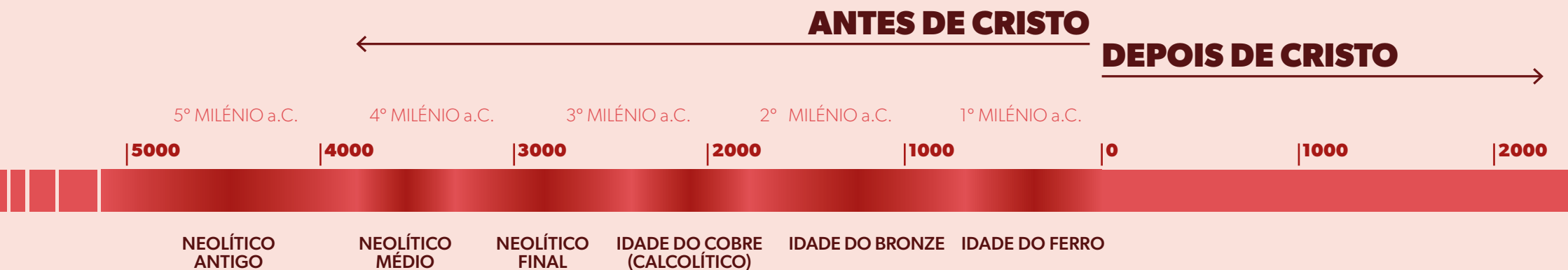
Esta rota vai percorrer um conjunto de monumentos que se englobam no chamado "megalitismo clássico", datado dos finais do 5º e princípios do 4º milénio a.C. São monumentos que se caracterizam uns por câmaras simples e outros por câmaras e corredores. Não nos referiremos aos monumentos de falsa cúpula, datados já do 3º milénio a.C., ausentes da nossa região.

Assim, há que explicar, em primeiro lugar, o que é um *dólmen*, pois a imagem que, geralmente, as pessoas fazem deste tipo de monumento, de três pedras ao alto com outra por cima, é, como veremos, errada e

é a antítese do que este realmente era. A primeira noção a reter, é que estes monumentos são sepulturas coletivas, autênticos jazigos, ou seja, eram destinados, não apenas a uma, mas às pessoas mais proeminentes da comunidade. A sua construção exigia um enorme esforço das comunidades, que optavam por despender tempo e energia num projeto comum, honrando, desta forma, as pessoas que mais respeitavam, aqueles cuja herança pretendiam eternizar através da edificação de sepulturas. Em termos construtivos, os dólmenes são compostos por duas partes: o esqueleto de pedra e a massa de terra e de pedras que o cobria, denominada de *mamo*. Construía-se, desta forma, uma sala, denominada de *câmara*, geralmente com sete ou nove pedras (*esteios*) colocadas ao alto, levemente inclinadas para o interior. Há uma, a *pedra* ou *esteio de cabeceira*, que se encontra fincada verticalmente e que suporta o peso dos restantes esteios, inclinados e que recaem sobre este. Sobre estes, poisava a *tampa* ou *chapéu*, geralmente muito pesada, atingindo várias toneladas, como a que podemos observar na Lapa da Meruje (nº 21 da MEG), em Vouzela, com 25 toneladas.

O acesso a estas câmaras funerárias podia ser feito através de um corredor, que podia ser curto, com apenas um ou dois metros de comprimento, ou longo, por vezes com quase oito metros de comprimento, como o da Orca de Fiais da Telha (nº 15 da MEG), Carregal do Sal. Embora existam dólmenes de câmara simples, abertas ou fechadas, podemos afirmar que o dólmen típico da

CONTAR O TEMPO



CONSTRUIR UM DÓLMEN

1



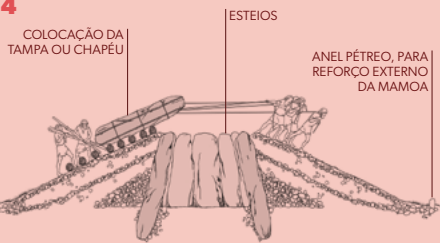
2



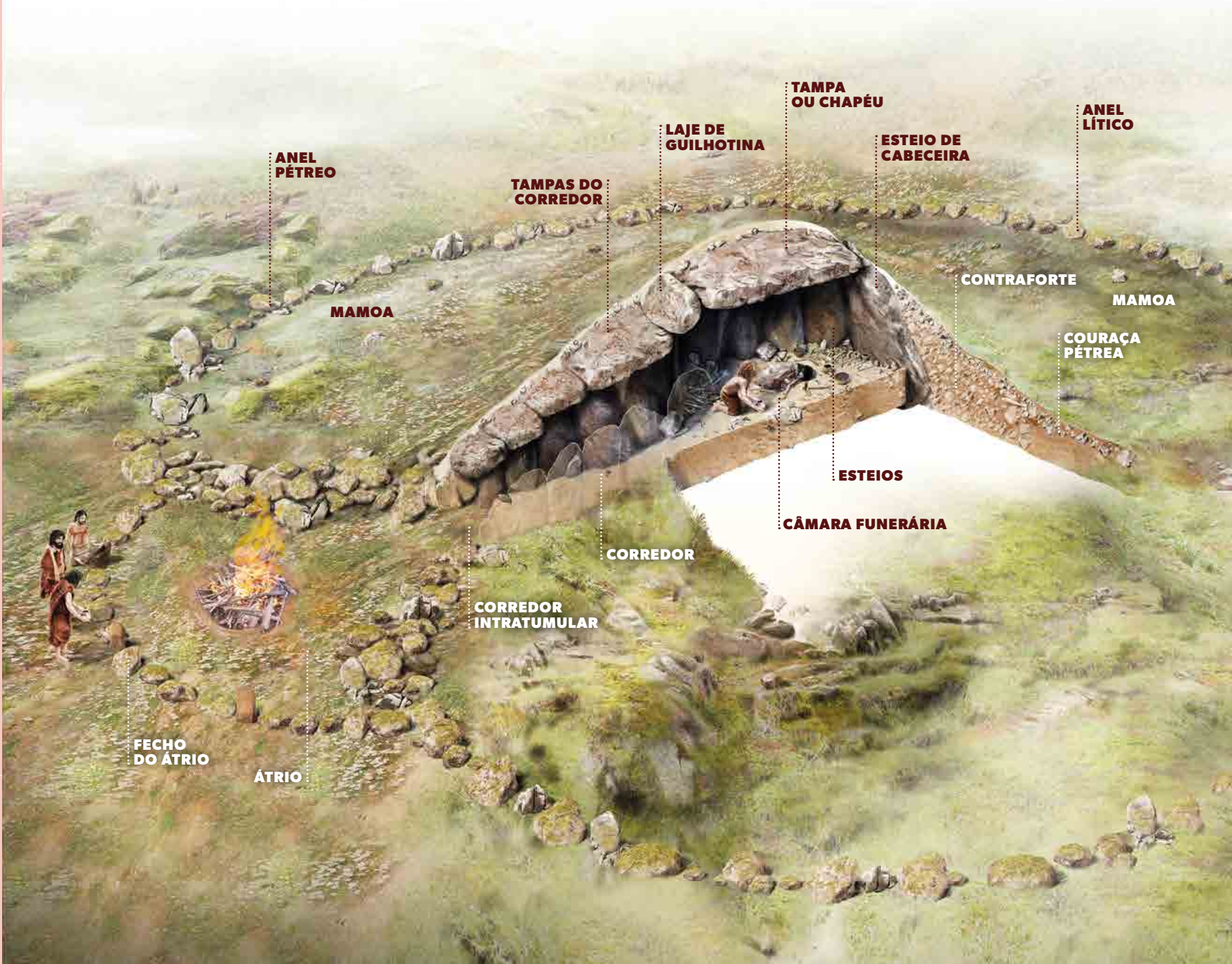
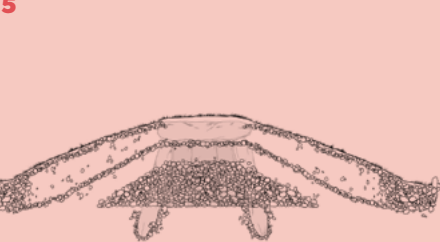
3



4



5





VASO DA IDADE DO BRONZE DA ARQUINHA DA MOURA, TONDELA
MUSEU TERRAS DE BESTEIROS

região centro de Portugal é o dólmen de corredor. Tanto a câmara funerária, como o corredor, eram cobertos com lajes de pedra e um enorme volume de terras e de pedras que formavam a mamoa. Criava-se, assim, um espaço fechado e escuro, como uma gruta artificial. O acesso ao interior do sepulcro devia ser muito restrito, reservado aos eleitos, ao chamã. O espaço público, aberto à comunidade, encontrava-se no exterior, na zona denominada de *átrio*, onde se realizariam as cerimónias fúnebres.

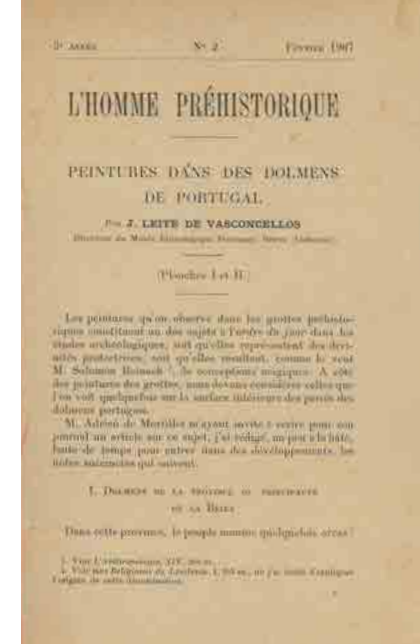
Pouco podemos dizer sobre os cerimoniais praticados. No registo arqueológico não ficam gravados os gestos, as ações,

os cantos, os choros, que decerto acompanhavam os rituais da morte. Sabemos que na zona do átrio se acendiam fogueiras e depositavam objetos variados, como vasos, que às vezes, num ritual, partiam de propósito. Em alguns destes átrios, sobretudo no "murete" que o delimita, eram, por vezes, colocados pequenos ídolos em pedra, como o que apareceu na Orca dos Padrões (nº 12 da MEG), Mangualde, ou na Anta da Arquinha da Moura (nº 18 da MEG), Tondela. Enigmática, e certamente relacionada com o imaginário, é a singular pedra com sulcos que surgiu na Anta da Cunha Baixa (nº 11 da MEG), em Mangual-

de. A forte carga simbólica destes monumentos podemos, igualmente, encontrá-la na grande laje em granito que primitivamente cobria a Orca dos Padrões (nº 12 da MEG), com uma forma antropomórfica, com um profundo sulco a delimitar a zona da cabeça.

Contudo, a melhor evidência da capacidade destas comunidades humanas do Neolítico em estruturar um pensamento abstrato, é a arte pintada e gravada que decora o interior de muitos dólmenes da região de Viseu. É um mundo fascinante, carregado de mistério e de beleza artística, que é capaz de nos emocionar. A MEG incorpora os mais emblemáticos dólmenes com arte pintada e gravada de toda a Europa.

José Leite de Vasconcelos foi o pioneiro na identificação de motivos pintados no interior de alguns dólmenes desta região: "(...) descobri na Beira Alta (concelho do Sátão) algumas antas com pinturas feitas a ocre na superfície interna dos esteios e das galerias. (...)" (Vasconcelos, 1897a: 389), não sem antes ter dado a notícia, ainda que sumária, da existência de pinturas na Orca dos Juncas (nº 6 da MEG) (Vasconcelos, 1896: 225). Estava dado o primeiro passo para o conhecimento deste admirável património. A sua dimensão internacional foi dada com a publicação de um artigo intitulado *Peintures dans les dolmens de Portugal*, publicado em 1907, na revista *L'Homme Préhistorique*. Neste trabalho, Leite de Vasconcelos dá a conhecer as pinturas que observou nas Orcas do Tanque e de Forles, no concelho do Sátão (nº 7 e 8 da MEG, respetivamente).



ARTIGO DE LEITE DE VASCONCELOS NA REVISTA
L'HOMME PRÉHISTORIQUE, 1907

Autores como Amorim Girão e José Coelho dão a conhecer, igualmente, alguns dos ícones da arte pintada megalítica. O primeiro, o Dólmen de Antelas (nº 23 da MEG), Oliveira de Frades, e o segundo, o Mamal-tar de Vale de Fachas (nº 1 da MEG) e a Anta da Pedralta (nº 2 da MEG), em Viseu.

A segunda metade do século XX traz estudos cruciais sobre esta temática, como os de Albuquerque e Castro, Octávio da Veiga Ferreira e Abel Viana no Dólmen de Antelas, no Dólmen 2 de Chão Redondo e na Anta da Capela dos Mouros (nº 23, 24 e 25 da MEG), em Sever do Vouga, e os trabalhos de Vera Leisner e Leonel Ribeiro no Dólmen 1 de Carapito (nº 9 da MEG), Aguiar da Beira, e na Orca das Castenairas (nº 3 da MEG), Vila Nova de Paiva. Nos anos 70 entra em cena Elisabeth Shee Twohig, publicando, em 1981, o mais



PORMENOR DO ESTEIO DE CABECEIRA DO DÓLMEN DE ANTELAS, OLIVEIRA DE FRADES

completo inventário de arte megalítica europeia que ainda hoje possuímos (Twohig, 1981), refletindo, desde logo, a importância que a região de Viseu assumia com o elevado número de motivos pintados no interior dos monumentos megalíticos, que denominou como "grupo de Viseu".

Nos finais do século XX, vários autores descobriram e estudaram muitas destas manifestações artísticas na região centro de Portugal, algumas fora da área da MEG, mas há uma que merece uma referência especial: os motivos pintados descobertos na Anta da Arquinha da Moura (nº 16 da MEG), em Tondela. Este extraordinário dólmen, apenas descoberto na década de 90 do século XX, revelou alguns dos mais

fantásticos motivos pintados da arte megalítica europeia (Cunha, 1993). Também muito importantes foram, entre outros, os achados de arte pintada num dos esteios da Orca de Santo Tisco (nº 17 da MEG), Carregal do Sal (Ventura, 1993), em vários esteios do Dólmen do Picoto do Vasco (nº 4 da MEG), Vila Nova de Paiva (Cruz, 2001), e nos esteios da Anta do Juncal (nº 27 da MEG), São Pedro do Sul (Silva, 1998; Carrera, 2005: 384-388).

A arte dos dólmenes podia, então, ser gravada e pintada. É quase certo que quase todos, senão todos, os monumentos deveriam ter sido pintados e/ou gravados.

A gravura era feita com um instrumento de pedra com o qual picavam ou riscavam,

com movimentos precisos, o suporte. As pinturas usavam três cores: o vermelho/laranja, o preto e o branco. O branco era, sobretudo, usado como preparação, sobre o qual eram pintados os motivos a vermelho e a preto. No entanto, quando observamos os motivos pintados a branco na Anta do Juncal (nº 27 da MEG), São Pedro do Sul, alguns a completarem os motivos gravados, pensamos quantos motivos pintados a branco terão desaparecido. Estamos convencidos que hoje apenas conseguimos ver uma ínfima parte de um incrível universo artístico que decorava a maioria dos dólmenes.

Os pigmentos vermelhos podem ter uma cor mais escura e vinhosa ou mais alaranjada, para os quais eram usadas terras ricas em óxidos de ferro e, preferencialmente, ricas em hematites. A cor preta era obtida através do carvão vegetal e a branca de argilas brancas, ricas em caulino e outros elementos originados da alteração de rochas silicosas. Para uma melhor resistência e durabilidade, aplicavam-se aglutinantes como a clara de ovo e gorduras animais e mordentes.

Muitos dos motivos gravados deverão ter sido cobertos e completados com pinturas, facto atestado, por exemplo, na Lapa do Repilau (nº 28 da MEG), Viseu, e na Anta do Juncal (nº 27 da MEG), São Pedro do Sul.

Estamos cientes que a iconografia que chegou até nós está longe da que terá existido há seis mil anos. Por outro lado, para termos uma noção mais exata dos motivos gravados e pintados, é necessário um levantamento exaustivo com técnicas mais



FRAGMENTO DE HEMATITE
FOTO: 123RF | MICHAL812

modernas. Tendo este pressuposto assente, não podemos deixar de referir os motivos mais comuns da arte megalítica da área da MEG, escusando-nos de referir outros, igualmente fascinantes, que se podem encontrar noutras áreas da Península Ibérica. É um imenso mundo artístico, variado e complexo, que convidamos os mais curiosos a descobrir.

A organização gráfica do espaço interno dos dólmenes do noroeste da Península Ibérica recorre, sobretudo, a motivos de tendência formal geométrica, mas também a algumas figuras "abstratas" e, mais raramente, a motivos subnaturalistas e/ou semiesquemáticos. Não podemos deixar, igualmente, de referir algumas figuras surpreendentes que se encontram no esteio de cabeceira de alguns dólmenes, que poderão representar figuras tutelares, ou seja, figuras espirituais que protegem o antepassado da comunidade e o monumento.

Assim, e independentemente de serem



SERPENTIFORMES



MEANDRIFORMES



ANTROPOMORFOS



ARBORIFORMES/RAMIFORMES



RETICULADOS



ZIGUEZAGUES



PECTINIFORMES



ZOOMORFOS



"PELE ESTICADA"



MOTIVOS RADIAIS OU SOLIFORMES



TRIÂNGULOS OU V'S

MOTIVOS GRAVADOS (PRETO ISOLADO) E MOTIVOS PINTADOS (VERMELHO).

- 1 ORCA DOS JUNCAIS
- 2 ANTA DA ARQUINHA DA MOURA
- 3 DÓLMEN DO FOJO
- 4 ORCA DO TANQUE
- 5 DÓLMEN DE ANTELAS
- 6 MONUMENTO MEGALÍTICO DE CHÃO REDONDO 2
- 7 DÓLMEN DO FONTÃO
- 8 ANTA DO REPILAU
- 9 ANTA MAIOR DA PEDRALTA
- 10 ORCA DO PICOTO DO VASCO
- 11 DÓLMEN 1 DE CARAPITO
- 12 DÓLMEN DO JUNCAL
- 13 ORCA DE SANTO TISCO



ANTROPOMORFOS DO DÓLMEN DO FOJO, VISEU
FOTOGRAFIA DE 1993



"PELE ESTICADA" DO DÓLMEN DO FOJO, VISEU
FOTOGRAFIA DE 1993

gravados ou pintados, os principais motivos que se podem encontrar no interior dos sepulcros megalíticos da região de Viseu, que, *grosso modo*, corresponde à da MEG, são:

- *Serpentiformes* (por parecerem cobras) verticais, horizontais e oblíquos;
- *Meandriiformes*: figuras com linhas sinuosas, como os meandros de um rio;
- *Reticulados*: figuras com linhas que formam uma rede;
- *Ziguezagues* verticais e horizontais;
- *Trapézios* simples e segmentados: figura geométrica em forma de quadrado com dois lados paralelos entre si;
- *Motivos radiais ou soliformes*: motivos em forma de círculo raiado, representando o sol;

- *Antropomorfos*: figuras com forma humana;
- "*Pele esticada*": figura que se assemelha a uma pele de animal aberta, que pode ser interpretada, também, como um antropomorfo;
- *Zoomorfos*: figuras de animais;
- *Arboriformes/ramiformes*: motivos em forma de árvores ou ramos;
- *Pectiniiformes*: figuras em forma de pente.

O que torna única a arte megalítica da região de Viseu é a enorme variedade e concentração de motivos artísticos, sejam pintados ou gravados, que refletem influências vindas do Sul e do interior peninsular. Estas seguem a área de distribuição da Arte Esquemática – no Nordeste, Beira Interior, Alto Alentejo e Estremadura. Mesmo sem

ter essa noção, estes homens do Neolítico legaram-nos estas admiráveis manifestações de arte, símbolos de narrativas cujo sentido nos escapa e o código guardado, mantido e transmitido num círculo restrito de pessoas. Estes símbolos encontravam-se no interior dos sepulcros, contentores de cadáveres ou de parte de cadáveres, de ossadas e de artefactos, mas, sobretudo, de segredos e de mistério.

Por último, não podemos deixar de referir que existe um megalitismo não funerário. Referimo-nos aos monumentos votivos, conhecidos como *menires*. Tratam-se de pedras, algumas de grande tamanho, colocadas em posição vertical, autênticos marcos na paisagem. Muitos apresentam a configuração fálica, remetendo-nos para rituais relacionados com o culto da fecundidade. Mas eram, sobretudo, marcadores importantes de coesão social. Estes povoam, sobretudo, as paisagens do Algarve, onde, por exemplo, no concelho de Vila do Bispo, são conhecidos cerca de 300, e do Alentejo, onde nos aparecem a formar cromeleques famosos, como o dos Almen-dres, uma das mais espetaculares manifestações megalíticas europeias deste tipo. Existem poucos menires na região centro de Portugal, destacando-se o Menir do Vale Maria Pais, em Penedono, o recentemente achado Menir do Fontelo, em Armamar, o Menir de Carvalhais, em São Pedro do Sul, e o Menir dos Lameirinhos, em Sever do Vouga. Na MEG temos a Estela-Menir da Caparrosa (nº 19 da MEG), em Tondela, um verdadeiro recetáculo de narrativas gravadas ao longo de milhares de anos.



ESTELA-MENIR DA CAPARROSA, TONDELA

O mundo do megalitismo e da arte megalítica é vasto e complexo. A imensa variedade de arquiteturas e de rituais dificulta a sua explicação. Neste texto, fizemos apenas uma ligeira abordagem ao tema para que, quando visitar estes monumentos, fique curioso(a) e procure saber mais. Parta, então, à descoberta e aventure-se por esta fascinante temática.

MEGALITISMO NO CENTRO DE PORTUGAL

OS PROTAGONISTAS DAS PESQUISAS

O fascínio pelos monumentos megalíticos, tanto quanto se sabe, remonta aos tempos medievais. As suas grandes dimensões, associadas ao desconhecimento da sua funcionalidade e, sobretudo, ao facto de não haver qualquer pista sobre o assunto, abriu uma caixa de Pandora para as mais fascinantes explicações (Martins, 2018: 22). O mais curioso é notar que, mesmo envolvidos em mistério, estes monumentos foram adotados pelas populações locais, fossem como abrigos de tempestade, locais de pernoita a meio da transumância, ou como marcos imprescindíveis na paisagem por onde orientavam os seus percursos.

As primeiras referências a antas atribuíam-lhes a função de marcos de delimitação, tendo em conta a notoriedade que estas assumiam na paisagem. A primeira referência e interpretação cronológica sobre estes monumentos parece ser a de Fr. Martinho de S. Paulo, o qual, em carta manuscrita, datada de 1571 (Damásio, 1793:1-6), refere que seriam altares do tempo de Viriato "estas Antas he certo que erão Aras ou Altares, em que os vencedores, passada a batalha, ofereciam Sacrificios aos seu Deuses em gratificação da vitória alcançada, ou an-

tes para os terem propícios para a guerra" (cit por Fabião, 2016: 47). Esta explicação como altares pagãos onde se sacrificavam aos deuses encontra-se em linha, no fundo, com as interpretações dos altares célticos ou druídicos que, nesses tempos e nos subsequentes, se atribuíam a monumentos similares em outras regiões da Europa.

As mais antigas referências a elementos pré-históricos da região das Beiras remontam aos séculos XVII e XVIII. A mais antiga refere-se ao relato de uma viagem feita em 1609 por Manoel Severim de Faria (*Itinerário de Jornada que fez o Sor Manoel Seureirim D'Faria Chante e Conego da See déura e Miranda no anno d'1609*), onde refere os monumentos megalíticos da região de Penedono. Um pouco mais tarde, em 1630-1636, Manoel Botelho Pereira, na sua obra manuscrita "*Diálogos Moraes e Políticos*", refere a existência de "orcas" nas imediações da cidade de Viseu, entre Mundão e Cavernães. Esta é a área onde se encontra, ainda hoje, uma extensa necrópole megalítica que inclui a Anta de Mamaltar do Vale de Fachas (nº 1 da MEG). Estes mesmos monumentos são referidos em 1716, no *Santuário Mariano de Frei Agostinho de Santa Maria*.

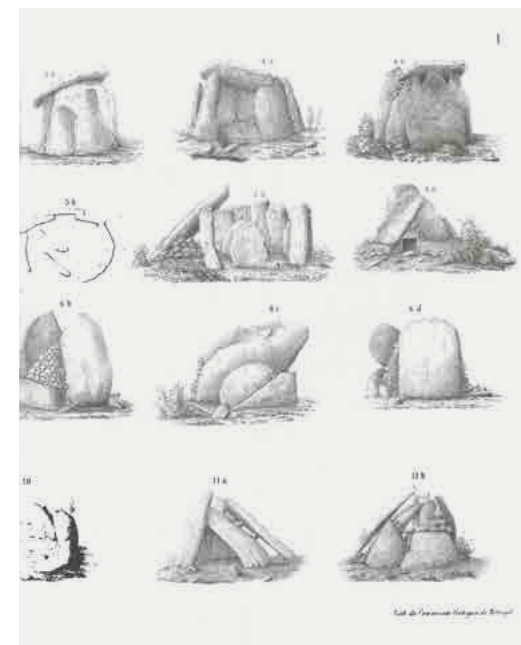
Um marco importante para que este tema entrasse na esfera do mundo académico,

foi a conferência lida, em 1733, por Martinho de Mendonça e Pina aos membros da Real Academia da História Portuguesa (Pina, 1733). A sua eloquente exposição resulta na conclusão "Conforme estas conjecturas, bem se pôde afirmar que são as Antas o mais antigo monumento artificial, que há em Hespanha, e tal vez no Mundo todo, porque não se mostrará edificio, a que se possa attribuir igual antiguidade." (cit. por Fabião, 2016: 50). Um dos resultados mais positivos desta conferência foi a proposta de um inventário das antas de Portugal, que acabou por ser feito, mas que se perdeu na destruição dos documentos da instituição na sequência do terramoto de 1755, sendo, segundo Émile Cartailhac, o primeiro inventário de monumentos pré-históricos realizado na Europa (Cartailhac, 1886: 149).

Em 1868, Pereira da Costa publica partes de uma carta de José Gaspar Simões, padre de São Teotónio de Odemira, onde são referidos alguns monumentos megalíticos da Beira Alta (Costa, 1868b).

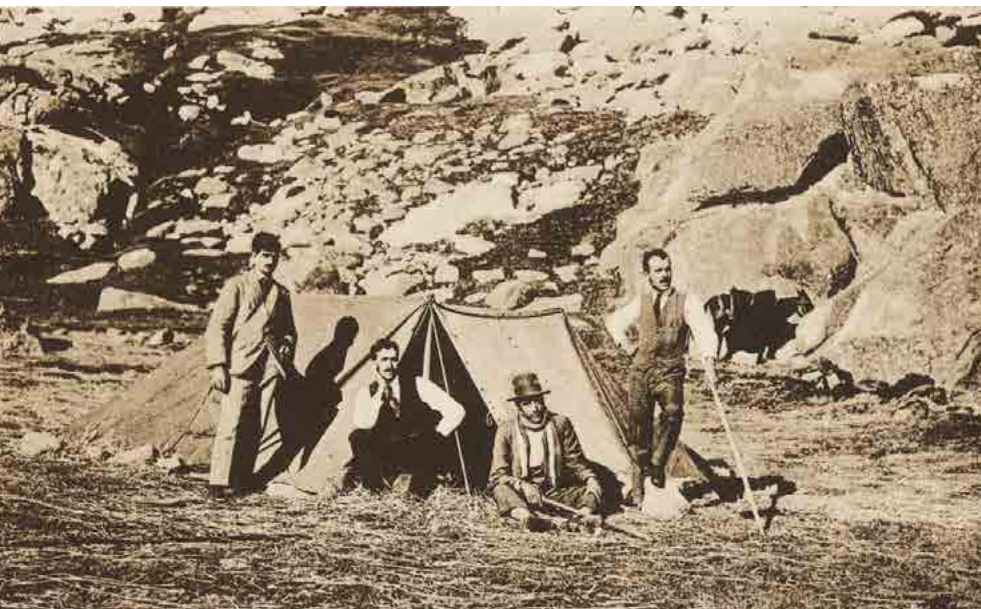
Efetivamente, os meados e finais do século XIX foram determinantes para o desenvolvimento da Arqueologia Pré-Histórica em toda a Europa.

A realização do *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques* em Lisboa, no ano de 1880, foi decisivo para estimular a investigação da Pré-História em Portugal. De facto, a partir desta altura, assistiu-se a uma explosão de trabalhos de pesquisa e publicações sobre sítios pré-históricos, fossem eles apenas notícias, inventários, monografias ou sínteses regionais.



ESTAMPA DE PEREIRA DA COSTA
IMAGEM: COSTA, 1868B

O tema do megalitismo foi introduzido de uma forma científica em Portugal por Pereira da Costa com a apresentação, primeiro, do seu trabalho no *Congrès International d'Anthropologie et Archéologie Préhistoriques* realizado em Paris, em 1867, intitulado *Monuments Megalithiques du Portugal*, e depois numa edição bilingue intitulada "*Noções sobre o Estado Prehistorico da Terra e do Homem seguidas da descrição de alguns dolmens ou antas de Portugal*". Ciente da falta de trabalhos de investigação, este autor expressa a esperança que estes trabalhos despertassem o interesse por este tema, o que veio a sentir-se de uma forma mais acentuada a partir da década de oitenta (Oliveira, 2020: 195).

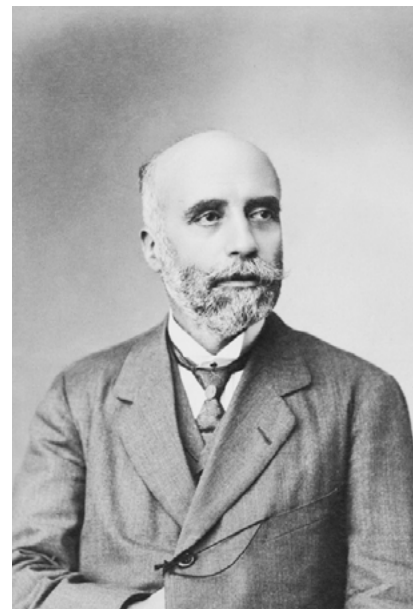


POSTAL SOBRE A EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA À SERRA DA ESTRELA, EM 1881, COM A LEGENDA "EXCURSIONISTAS ACAMPADOS NO COVÃO DO BOI"

O impulso científico da segunda metade do século XIX foi materializado por uma das mais extraordinárias ações científicas desenvolvidas em Portugal: a expedição à serra da Estrela, organizada pela Sociedade de Geografia de Lisboa, em agosto de 1881. Esta expedição, que pretendeu dar resposta à necessidade de conhecer cientificamente o país, apresenta, pela primeira vez, um programa centrado na Pré-História (Fabião, 2011; Oliveira, 2020). Esta expedição foi organizada em várias secções – Agronomia e Silvicultura, Antropologia, Química, Geologia, Hidrologia, Fotografia, Zoologia, Etnografia, Medicina, Meteorologia, Arqueologia, Botânica –, cabendo a Francisco Martins Sarmento a elaboração do relatório da secção de Arqueologia.

Este arqueólogo referencia, então, alguns monumentos megalíticos nas vertentes da serra, concretamente nos concelhos de Seia, Gouveia, Celorico da Beira, Guarda, Nelas e Aguiar da Beira, entre outros.

A década de noventa do século XIX trouxe até às Beiras o mais eminente arqueólogo português e fundador do Museu Nacional de Arqueologia, José Leite de Vasconcelos, que visitou e explorou alguns monumentos megalíticos, referindo a este propósito "*Na Beira Alta, minha pátria, andei pelas altas serras do Sátão, entre o Vácua e o Paiva, e ahi, e nos concelhos de Fornos-de-Algôdres e de Mangualde, explorei umas dezassete orcas ou dolmens da idade de pedra polida, tendo trazido para o Museu Ethnologico os pecúlios ar-*



JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS

caicos que desenterrei [...]" (Vasconcellos, 1897: XXXVI/XXXVII). Em 1892, escava e estuda a Orca da Cunha Baixa e a Orca dos Padrões (nº 11 e 12 da MEG, respetivamente), em Mangualde, e, em 1896, as Orcas de Tanque e de Forles (nº 7 e 8 da MEG, respetivamente), no concelho do Sátão, a Orquinha da Bouça, o Dólmen do Fojinho, a Orca do Seixinho, a Orquinha dos Juncais e a Orca dos Juncais (nº 6 da MEG), em Vila Nova de Paiva, e as Orca de Cortiço e a Orca das Corgas da Matança, no concelho de Fornos de Algodres.

Com o advento do século XX, surgem investigadores que dão às suas pesquisas um forte enfoque regional. Destacam-se, pelo seu enorme contributo para o estudo da Pré-História desta região, José Coelho e



AMORIM GIRÃO

Amorim Girão. O primeiro com uma especial dedicação aos monumentos da área de Viseu e o segundo com uma particular atenção aos monumentos da região de Lafões (concelhos de Vouzela, São Pedro do Sul e Oliveira de Frades). Tanto José Coelho como Amorim Girão, descobriram e exploraram monumentos megalíticos que hoje são ícones do megalitismo regional. De facto, as obras de José Coelho sobre o Dólmen de Mamaltar do Vale de Faches (nº 1 a MEG) e a Anta da Pedralta (nº 2 da MEG), ambos no concelho de Viseu, são referências incontornáveis no estudo do megalitismo e da arte megalítica. Por seu lado, Amorim Girão, na época em que preparava a sua dissertação de doutoramento em "*Sciências Geográficas*", descobriu e explorou o Dól-



DÓLMEN DE ANTELAS, 1956 (ESQ. > DIR.: FILHA DE A. SOUTO, ALBUQUERQUE E CASTRO, O. DA VEIGA FERREIRA E A. SOUTO)
IMAGEM: CARDOSO, 2018

men de Antelas (nº 23 da MEG), bem como um considerável número de monumentos megalíticos na região de Lafões, publicados em 1921, na sua obra *"Antiguidades Pré-Históricas de Lafões, Contribuição para o estudo da arqueologia de Portugal"*.

A investigação do fenómeno megalítico na região de Viseu durante a segunda metade do século XX é marcada por projetos mais estruturados e consistentes. Neste contexto, há que referir os trabalhos desenvolvidos pelo Engº Luís Albuquerque e Castro, que liderou uma equipa formada por Octávio da Veiga Ferreira e Abel Viana, arqueólogos que então nutriam de grande notoriedade. Esta equipa escavou e estudou monumentos do concelho de Sever do Vouga, nomeadamente o Dólmen 2 de Chão Redondo e a Anta da Capela dos Mouros (nº 24 e 25 da MEG), e o Dólmen de Antelas (nº 23 da MEG), em Oliveira de Frades. O trabalho executado no Dólmen de Antelas revelou o mais espetacular



ESCAVAÇÕES DO DÓLMEN 2 DE CHÃO REDONDO
FOTOGRAFIA: ALBUQUERQUE E CASTRO | ARQUIVO: O. DA VEIGA,
CEDIDA POR JOÃO LUIS CARDOSO

conjunto de pinturas no interior de um sepulcro megalítico conhecido até aos dias de hoje. Tão ou mais importante que este achado, foi o facto de terem reenterrado o monumento, protegendo-o, tornando possível a preservação deste extraordinário testemunho do homem pré-histórico.

Outro marco crucial na investigação pré-histórica das Beiras foi o trabalho desenvolvido pelo casal Georg e Vera Leisner, do Instituto Arqueológico Alemão (Leisner & Leisner, 1951, 1956, 1959, 1965). O seu trabalho, iniciado em 1934, consistiu não apenas num inventário bastante completo das expressões megalíticas da região, como também na intervenção de alguns monumentos. As intervenções nos monumentos foram levadas a cabo nos anos 60 por Vera Leisner, já após a morte do seu marido, tendo contado com a ajuda de Leonel Ribeiro e de Castro Nunes. Os seus trabalhos deram uma dimensão internacional aos dólmenes da Beira Alta, com

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS na região de Vila Nova do Paiva

VILA NOVA DE PAIVA, 24.—Desde o dia 14 do corrente que se encontram nesta vila os arqueólogos alemães sr. dr. Georg Leisner e sua esposa, D. Vera Leisner, que propositadamente aqui vieram para estudarem as muitas «antas» e «antelas» situadas nas serras e planícies desta região. Visitaram varios tumulos neolíticos, alguns muito importantes, como o dos Juncals, considerados pelo eminente arqueologo sr. dr. Leite de Vasconcelos como monumento nacional, o unico que ainda apresenta em bom estado a sua camara. Na serra da Nave, onde existem muitas daquelas sepulturas, foram estudadas quatro, da freguesia do Touro, e duas «ante-



Ruínas de uma «Anta»

las», e na serra de Carapito, três, sendo uma de grandes dimensões. De todas tiraram varias fotografias e em algumas encontraram vestígios de pinturas megalíticas.

Hoje, o ultimo dia da excursão, os referidos arqueologos foram a Forbes e Pendilhe. Ao todo, examinaram doze «antas» e três «antelas».

Este trabalho científico é destinado á publicação de uma obra sobre neolítica mundial.

Um facto que impressionou os incansaveis investigadores, foi saberem que os maiores «dolmens», estão situados em terrenos onde se explora o estanho, o primeiro ou um dos primeiros metais de que o homem se aproveitou. O sr. dr. Georg Leisner e sua esposa, tencionam regressar á Alemanha no fim do corrente mês, e voltar á Portugal em Julho ou Agosto proximos, a fim de procederem á investigações em Trás-os-Montes.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 28 DE ABRIL DE 1934

especial destaque para as escavações no Dólmen 1 de Carapito (nº 9 da MEG), em Aguiar da Beira, Orca das Seixas, em Moimenta da Beira, Orca das Castenairas (nº 3 da MEG), em Vila Nova de Paiva, e o Dólmen do Fojo, em Viseu.

A partir dos anos oitenta do século XX, surgem vários projetos de estudo do megalitismo desta região, uns mais pontuais, como os que Ana Bettencourt fez na zona de Sever do Vouga (Bettencourt & Rebelo, 1988/1989; Bettencourt, 1989), outros mais estruturados, como os de Fernando Silva, mais centrado na zona sul do rio Douro, abrangendo, no entanto, parte da área de São Pedro do Sul, que integra a MEG (Silva, 1993, 1994, 1999a e 1999b). Na área mais próxima de Viseu, destaque para os projetos liderados por João Carlos de Senna-Martinez e José Ventura na bacia do Alto e Médio Mondego (Senna-Martinez & Ventura, 2000 e 2008), de Domingos Cruz no Alto Paiva (Cruz, 2001) e, mais recentemente, António F. Carvalho para área de Lafões (Carvalho et alii, 2021; Real et alii, 2017). De referir, igualmente, os trabalhos desenvolvidos por Luís F. Gomes e Pedro S. de Carvalho no norte da Beira Alta (Gomes, 1994; Carvalho, 2005).

Não podemos deixar, por último, de referir o programa levado a cabo pelo Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro, entre a década de 80 e 90 do século XX, de trabalhos de escavação, restauro e valorização de cerca de vinte dólmenes do distrito de Viseu e Aveiro.

Este fantástico património encontra-se distribuído um pouco por toda a região



ANTA DO ESPÍRITO SANTO DE ARCA, OLIVEIRA DE FRADES
IMAGEM: COELHO, 1949

de Viseu, sendo parte integrante da própria paisagem, e, sobretudo, do ADN das pessoas que aqui vivem. Existe uma forte partilha por parte das populações locais com estes monumentos milenares, quantas vezes associados a lendas de mouras encantadas. Uma destas lendas, a mais comum, conta que uma moura encantada levava a tampa do dólmen à cabeça, com uma criança ao colo e a fiar numa roca. O grande mistério da edificação destes majestuosos monumentos com enormes pedras fez com que o imaginário popular, o folclore, arranjasse explicações fantasiosas. Se na Cornualha foram os gigantes ou obra do diabo, já na região de Viseu, tal como acontece na Galiza e em grande parte da Europa, foram os seres femininos os responsáveis pelo transporte e levantamento das grandes pedras. E se aqui as mulheres, normalmente "mouras", levavam à cabeça as pedras, já nas lendas britânicas as leva-

vam no avental ou num cesto (Romero, 1998: 11).

As antas ou dólmenes, pelo mistério que ocultavam, suscitaram a cobiça de muitos que viam estes monumentos como esconderijos de tesouros, tantas vezes guiados pelo livro de S. Cipriano.

Muitas tradições houve que se perderam, outras ficaram registadas, como a que conta Pinho Leal, que nos monumentos de Canas de Senhorim, Nelas, "*na lagem superior queimavam os dízimos*" (Leal, 1874:78), tradição esta também efetuada na Anta de Pera do Moço, no concelho da Guarda, com a particularidade da direção do fumo fazer o prognóstico de como ia correr o ano agrícola (Sarmento, 1883: 21).

Do imaginário popular ao rigor da Arqueologia, os dólmenes são um património único que testemunham a vontade do Homem em perpetuar as suas crenças.

MEGALITISMO DA MEG: UMA BREVE BIOGRAFIA

A investigação arqueológica desenvolvida nesta região, até ao momento, permitenos perceber que os mais antigos dólmenes terão sido edificados nos finais do 5º / princípios do 4º milénio a.C., ou seja, há cerca de seis mil anos, no Neolítico Médio. São dados obtidos através de datações de radiocarbono de carvões recolhidos em lareiras que se encontraram ou no interior da câmara funerária, como no Dólmen 1 de Carapito (nº 9 da MEG), ou no átrio, como nos Dólmenes 1 e 2 da Lameira de Cima e Dólmen da Capela da Senhora do Monte, em Penedono.

Neste período, terão sido construídos monumentos de câmara simples, como o grande Dólmen 1 de Carapito (nº 9 da MEG), Aguiar da Beira, e as Orcas 1 e 2 do Ameal, Carregal do Sal, mas também dólmenes de corredor, como a Orca do Folhaldal (nº 13 da MEG), Nelas, e a Orca do Picoto do Vasco (nº 4 da MEG), Vila Nova de Paiva. Contudo, embora não seja fácil aferir em termos arqueográficos, e se tivermos em consideração também a região Norte de Portugal, parece ter havido uma evolução de monumentos mais pequenos, com câmaras simples fechadas, para as câmaras simples abertas e, mais tarde, para os dólmenes de corredor. Mas tudo isto em muito pouco tempo, sendo certo a coexistência, em certo momento, dos vários tipos de monumentos.

A grande maioria destes dólmenes sofreu uma utilização muito curta, por vezes de

pouco mais que 100 ou 150 anos. Contudo, houve outros, como a Orca das Casteleiras (nº 3 da MEG), que estiveram em uso centenas de anos.

Os trabalhos arqueológicos permitiram, ainda, definir que no momento mais antigo do megalitismo, o espólio era sóbrio e reduzido, constituído por micrólitos, lâminas simples, machados de pedra polida, contas de colar discoides em xisto, seixos do rio e cristais de rocha, estando a cerâmica praticamente ausente. A partir dos meados do 4º milénio a.C., no Neolítico Final, foram introduzidos novos artefactos nos rituais funerários, como a olaria, os objetos de adorno em azeviche e as "rochas verdes" (sobretudo a variscite), as pontas de seta, as foices, os punhais e as alabardas. Muitas das peças líticas (em pedra) são em sílex, matéria-prima que não existe nesta região. A análise feita a algumas peças exumadas na Lapa da Meruje (nº 20 da MEG) demonstrou que o sílex de que são feitas provem de uma jazida localizada a 170 km de distância, no Maciço Calcário Estremenho, em Rio Maior (Carvalho *et alii*, 2018). O mesmo acontece com a variscite que era importada da zona de Zamora, em Espanha. Estes dados são importantes, pois revelam uma intrincada rede de intercâmbios com outras regiões, que se fez sentir, essencialmente, a partir do Neolítico Final.

Recentemente, foram analisadas as peças em sílex exumadas do Dólmen de Antelas (nº 23 da MEG), que mostraram um dado surpreendente. As peças não revelaram vestígios de uso, levando a concluir que as comunidades que usaram o sepulcro fize-



ESPÓLIO DA PRIMEIRA FASE DE OCUPAÇÃO DA ARQUINHA DA MOURA, TONDELA
MUSEU TERRAS DE BESTEIOS

ram peças propositadamente para serem colocadas junto dos defuntos (Carvalho *et alii*, 2018). De facto, as comunidades construtoras deste dólmen deram-se ao luxo de prescindir de usar peças feitas com matéria-prima vinda de longe, para as colocar como oferendas sepulcrais.

Podemos afirmar que, como já se referiu noutro ponto deste guia, o dólmen típico da Beira Alta é o dólmen de corredor. Este era composto por uma câmara, geralmente com nove esteios, havendo algumas que apresentam vestígios de um lajeado, como a Orca da Cunha Baixa (nº 11 da MEG), em Mangualde, a Orca de Pramelas (nº 14 da MEG), em Nelas, e o Dólmen de Antelas (nº 23 da MEG), em Oliveira de Frades. Também é recorrente alguns dólmenes

possuírem um ou dois esteios em forma de pilar a ladear a pedra de cabeceira, fazendo com que os restantes esteios não exercessem tanto peso sobre esta. Podemos observar isto mesmo na Orca da Cunha Baixa e Orca dos Padrões (nº 11 e 12 da MEG), em Mangualde, Orca dos Amiais, Nelas, Casa da Orca de Carvalho da Louça, Seia, Lapa do Repilau (nº 28 da MEG), Viseu, e Orca de Rio Torto, Gouveia, entre outros. Os interstícios que existiam entre os esteios, eram colmatados com a colocação de pequenos pilares.

Os corredores, normalmente mais baixos do que os da câmara, mostram esteios colocados ora verticalmente, como por exemplo na Orca dos Padrões e na Orca da Cunha Baixa, Mangualde, ora numa posi-

ção levemente inclinada para o interior, que constituem a maioria. Por vezes, eram colocados um ou dois pilares no final do corredor, precisamente no ponto de passagem deste para a câmara. Estes demarcavam um espaço específico, funcionando como "estreitamentos" que dificultavam e conduziam propositadamente a passagem, criando uma diferenciação dos diversos espaços/cenários, que eram paulatinamente ultrapassados por aqueles que lhes tinham acesso. Isto pode ser observado no Dólmen de Pendilhe (nº 5 da MEG), Vila Nova de Paiva, Orca da Cunha Baixa (nº 11 da MEG), Mangualde, Arquinha da Moura (nº 18 da MEG), Tondela, e na Orca do Outeiro do Rato, Carregal do Sal. A fechar o corredor era colocada uma porta em pedra. Poucos monumentos ainda a possuem na posição primitiva, podendo ser observada na Orca do Folhadal (nº 13 da MEG), Nelas.

Estudos recentemente feitos para os monumentos da Plataforma do Mondego parecem indicar que a orientação dos monumentos era feita tendo como referência as estrelas Aldebaran, da constelação de Taurus, e Betelgeuse, da constelação de Orion. Há cerca de 6000 anos estas duas estrelas podiam ser observadas no céu. Embora não sejam as mais brilhantes, possuem uma luz vermelha. Contudo, o dado mais importante é constatar que estas estrelas desapareciam do céu estrelado nos finais de fevereiro / princípios de março e reapareciam no céu, a oriente, ao amanhecer, assim como a primavera revigorava a paisagem. As comunidades humanas que aqui habitavam seguiriam, assim, a estrela



ORCA DE FIAIS DA TELHA, CARREGAL DO SAL

até à serra, para onde levavam o gado no verão (Silva, 2012).

Defronte ao corredor, podemos encontrar espaços delimitados por pequenos muros de pedra, como o corredor intratumular e o átrio. O primeiro funcionava como uma espécie de *hall* de entrada e o átrio era o local onde as pessoas praticavam os seus rituais. Era o espaço público, aberto a todos. Aqui depositavam-se ídolos em pedra e artefactos, acendiam-se lareiras, acompanhados de uma panóplia de ações que não ficaram no registo arqueológico, como os risos e os choros, as cantigas, as pinturas corporais, os cheiros, etc.

Quando o sepulcro, por um qualquer motivo, deixava de poder receber mais defuntos, todo o espaço do átrio e do cor-



VASO TRONCOCÔNICO DA ORCA DE MEROUÇOS, VILA NOVA DA PAIVA
MUSEU ARQUEOLÓGICO DO ALTO PAIVA



ESPIRAL EM OURO DA ORCA DO OUTEIRO DO RATO, CARREGAL DO SAL
MUSEU MANUEL SOARES DE ALBERGARIA

redor intratumular era coberto com terra e pedras. Era um ato ritual no qual partiam vasos em cerâmica e depositavam artefactos.

Cerca de 1500 anos após terem sido edificadas, muitos destes dólmenes foram alvo, nos finais da Idade do Cobre (Calcolítico) / inícios da Idade do Bronze, de novos sepultamentos perpetrados por outras comunidades. As pessoas desse período aproveitaram alguns dólmenes preexistentes para colocarem os seus mortos. Traziam novos rituais, agora relacionados com inumações individuais e outros bens funerários: vasos com novas formas de bases planas e de corpo troncocônico, cerâmica campaniforme, armas em metal e adereços em ouro. Foram também responsáveis pela edificação de novos e diferentes monumentos, mais simples, não monumentais, de inumação individual, como a cista dos Juncas ou os monumentos da Necrópole do Rapadouro, em Vila Nova de Paiva.

A organização destes dólmenes pelo território também não é homogênea, havendo, no entanto, uma tendência para a edificação de grandes monumentos junto a linhas de água, sobretudo em vales de montanha. Uns permaneceram isolados, como a Lapa da Meruje, em Vouzela, ou a Anta do Penedo do Com, em Penalva do Castelo; outros foram englobados em necrópoles (cemitérios) de muitos monumentos. Estas necrópoles, autênticos territórios sagrados, foram crescendo e novos monumentos iam-se acoplando ao dólmen inicial. E esse crescimento deu-se ao longo de quase três mil anos, do Neolítico Médio até aos finais da Idade do Bronze. Estas terras sagradas, longe de serem estáticas, eram alvo de constantes visitas e de rituais, eram espaços dinâmicos, âncoras na paisagem para populações que mantinham uma

(PÁG. SEGUINTE) VASO CAMPANIFORME DA ORCA 1 DO RAPADOURO, VILA NOVA DE PAIVA
MUSEU ARQUEOLÓGICO DO ALTO PAIVA





MOINHO MANUAL DA ORCA DO FOJINHO, VILA NOVA DE PAIVA
MUSEU ARQUEOLÓGICO DO ALTO PAIVA

grande mobilidade sazonal.

Mas quem foram, então, estas pessoas que tiveram engenho e força física e espiritual para edificar estes dólmenes? Sabemos pouco sobre os primeiros construtores de dólmenes, pois, por mais incrível que pareça, os seus povoados ou aldeias eram feitos com estruturas muito frágeis, com cabanas construídas com materiais perecíveis, muito difíceis de encontrar no registo arqueológico. No entanto, a investigação feita na Plataforma do Mondego pela equipa liderada por João Carlos de Senna-Martinez, permite-nos apontar algumas direções. O primeiro dado a reter, e talvez o mais importante, é que seriam populações ainda não sedentárias, de grande mobilidade, fazendo uma exploração territorial extensiva, onde, por isso, o movimento regular era a condição estru-

turante do sistema económico. Este movimento prendia-se com as estações do ano. Estas comunidades, que assentavam grande parte da sua subsistência na criação de gado, deslocar-se-iam durante a primavera e verão para os pastos altos das serras (serras da Estrela, Caramulo e Montemuro, entre outras) e a invernia passavam-na nas terras baixas. A componente agrícola da economia, que, *a priori*, é um dos definidores do "Neolítico", não devia ultrapassar a pequena horticultura. Os recursos de inverno assentavam, fundamentalmente, na caça e na recolção de frutos e gramíneas, sendo essenciais os denominados "frutos de inverno", nomeadamente a bolota. Os dados arqueológicos apontam para uma recolção e torrefação intensiva da bolota, sendo, assim, um recurso crítico destas populações. Este facto justifica, por outro



BOLOTAS CARBONIZADAS DO POVOADO
NEOLÍTICO DO AMEAL VI, CARREGAL DO SAL
MUSEU MANUEL SOARES DE ALBERGARIA

lado, o aparecimento de muitos moinhos manuais, sendo comum o seu achado nas estruturas megalíticas, que se podem interpretar como oferendas.

No Neolítico Final, a partir da segunda metade do 4º milénio a.C., dá-se, como vimos anteriormente, um aumento na construção de sepulcros, que corresponde a um significativo acréscimo de população, aumentando a pressão sobre os recursos disponíveis. Um dado curioso é que esta pressão parece ter ficado registada nos perfis polínicos obtidos nas turfeiras da serra da Estrela, com um novo episódio de desflorestação, que poderá corresponder à abertura de novas áreas de pastagem. Os estudos realizados, sobretudo dos *habitats* (aldeias) do Ameal VI e Murganho 2, Carregal do Sal, permitiram comprovar, de uma forma segura, a torrefação e moagem

de bolotas que era, nesta altura, sem dúvida, uma das bases da dieta alimentar do outono e inverno (Senna-Martinez & Ventura, 2000). Ainda não há muito tempo, em algumas aldeias do interior da Beira Alta, se comia pão de bolota.

Deste modo, o modelo económico-alimentar que foi proposto para o Neolítico Médio vai ser reforçado pelas comunidades do Neolítico Final, ou seja, eram populações de pastores e de caçadores, que praticavam uma agricultura muito básica, limitada à horticultura, e que tinham na recolha da bolota uma das suas principais fontes de subsistência. Na primavera e verão deslocavam-se para as montanhas, onde havia melhores pastos, e de lá regressavam no início do outono, para junto dos antepassados depositados num dólmen nas proximidades.

Estes grupos humanos do Neolítico Final são os primeiros a reclamarem, de uma forma assertiva, o território, marcando-o com as necrópoles que se assumiam como símbolo de coesão social, como "lugares centrais", organizadores da sociedade no território. Como muito bem afirmam J. C. Senna-Martinez e José Ventura, "*este deixa de ser concebido como um espaço indivisível, aberto e partilhado, para se tornar território fechado, exclusivo. É a transformação da paisagem em território*" (Senna-Martinez & Ventura, 2008: 341).

Com a construção dos dólmenes, estes homens do Neolítico, conseguiram, de uma forma surpreendente, prender o tempo, e, como disse a escritora Maria Judite de Carvalho, "*o tempo substitui bem a morte*".

A ROTA



INTRODUÇÃO

Esta rota pretende levá-lo/a a percorrer e conhecer um vasto território que abarca treze concelhos que se distribuem, grosso modo, pela área norte da região Centro de Portugal. No fundo, com o propósito de conhecer os monumentos megalíticos mais emblemáticos desta região, convidamo-lo/a a interagir com todas as valências que lhe são oferecidas, desde a paisagem, à gastronomia e até outros produtos turísticos, como outras rotas.

O conjunto de ofertas que cada concelho possui é tão amplo e diversificado que optámos por o remeter para os *links* de referência, onde poderá consultar informação complementar.

A MEG é uma rota circular que percorre 500 km de estrada por quinze concelhos e que lhe dá a conhecer vinte e oito monumentos megalíticos, dos quais oito estão classificados como Monumento Nacional e oito como Imóvel de Interesse Público, sete museus, dez serras principais e dezoito rios fundamentais.

Para que a rota se efetue de uma forma fluída, foram concebidos vários suportes informativos: um guia, painéis informativos junto aos monumentos, sinalética direcional e informação *online*.

O guia possui a informação essencial sobre cada monumento e textos de apresen-

tação sobre cada concelho que espelham a sua alma. Mais do que um extenso rol de produtos e sítios para visitar, procurámos transmitir o ADN de cada território. A partir desses textos, poderá aprofundar o conhecimento e satisfazer a curiosidade através de um código QR.

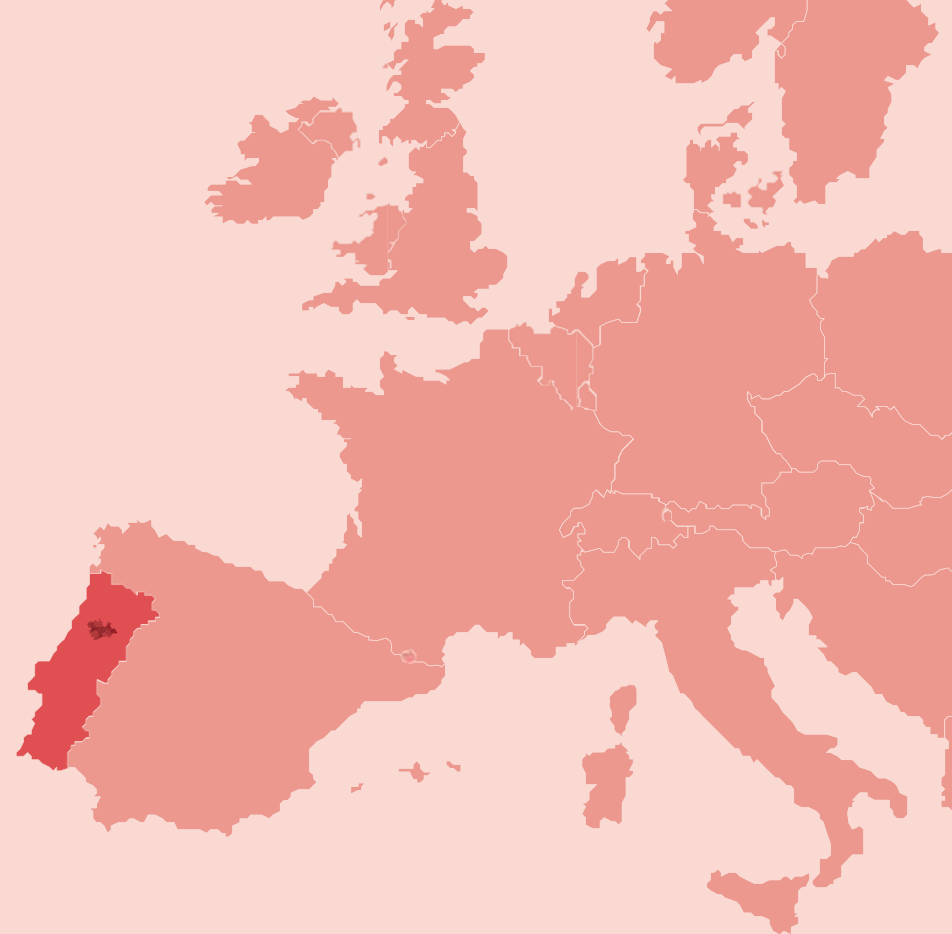
A informação que consta nos painéis é direcionada, sobretudo, para quem não possui o guia, mas, se tiver o guia, poderá ter acesso a informação complementar.

O mapa da rota poderá ser descarregado no *smartphone*, ficando disponível no Google Maps.

O início desta viagem pode ser feito em qualquer sede de concelho. Por uma questão de centralidade, optámos por dar o início da rota na cidade de Viseu, sendo a sua direção no sentido dos ponteiros do relógio.

Os monumentos são apresentados com a denominação que consta no inventário da Direção Geral do Património Cultural e a localização seguindo a ordem distrito, concelho e freguesia.

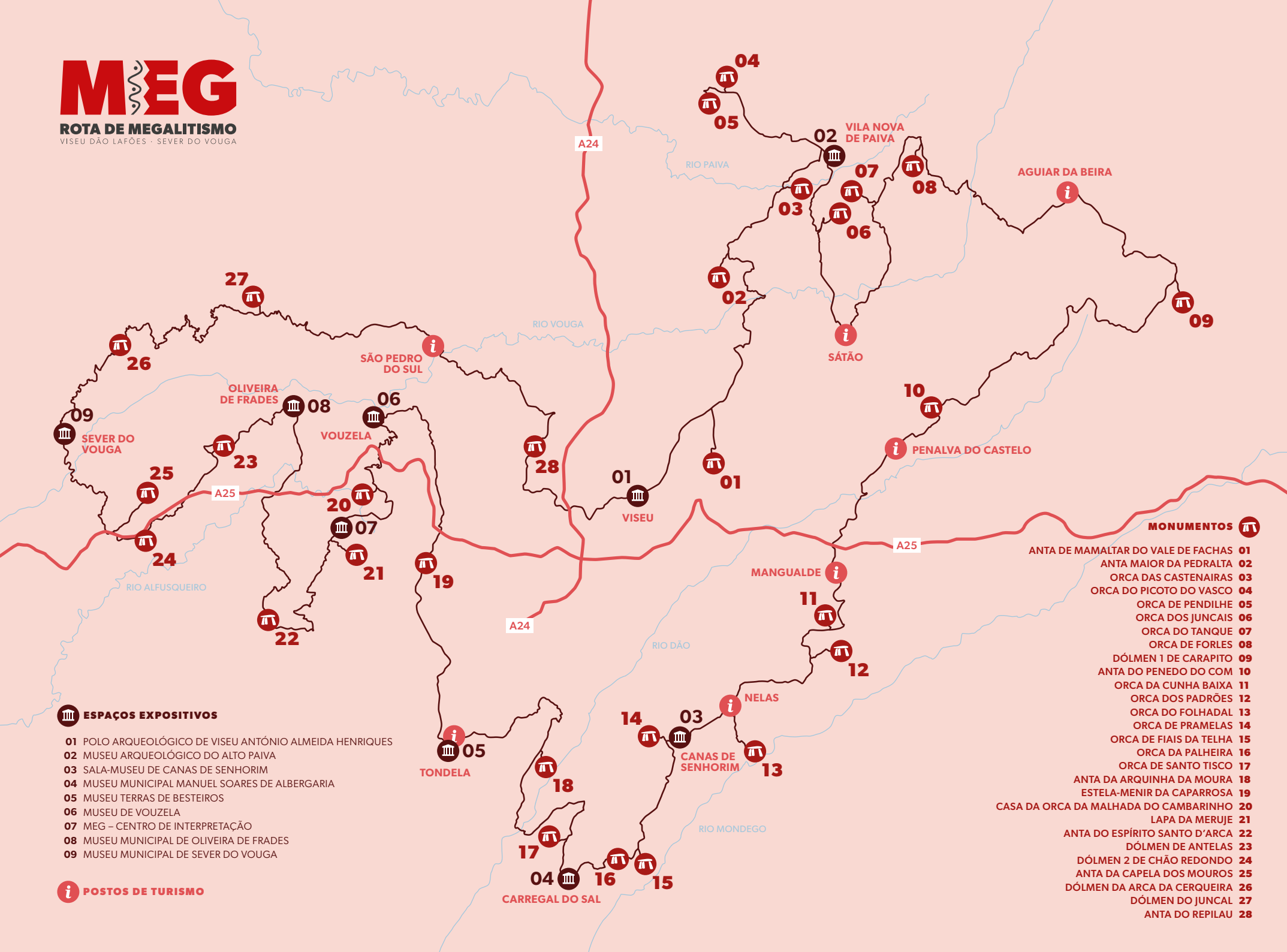
Cada monumento, cada concelho, cada estrada tem uma história diferente para contar e revelar. Desfrute e divirta-se!



MEG

ROTA DE MEGALITISMO

UISEU DÃO LAFOES - SEVER DO VOUGA



ESPAÇOS EXPOSITIVOS

- 01 POLO ARQUEOLÓGICO DE VISEU ANTÓNIO ALMEIDA HENRIQUES
- 02 MUSEU ARQUEOLÓGICO DO ALTO PAIVA
- 03 SALA-MUSEU DE CANAS DE SENHORIM
- 04 MUSEU MUNICIPAL MANUEL SOARES DE ALBERGARIA
- 05 MUSEU TERRAS DE BESTEIROS
- 06 MUSEU DE VOUZELA
- 07 MEG - CENTRO DE INTERPRETAÇÃO
- 08 MUSEU MUNICIPAL DE OLIVEIRA DE FRADES
- 09 MUSEU MUNICIPAL DE SEVER DO VOUGA

POSTOS DE TURISMO

- #### MONUMENTOS
- 01 ANTA DE MAMALTAR DO VALE DE FACHAS
 - 02 ANTA MAIOR DA PEDRALTA
 - 03 ORCA DAS CASTENAIAS
 - 04 ORCA DO PICOTO DO VASCO
 - 05 ORCA DE PENDILHE
 - 06 ORCA DOS JUNCAIS
 - 07 ORCA DO TANQUE
 - 08 ORCA DE FORLES
 - 09 DÓLMEN 1 DE CARAPITO
 - 10 ANTA DO PENEDO DO COM
 - 11 ORCA DA CUNHA BAIXA
 - 12 ORCA DOS PADRÕES
 - 13 ORCA DO FOLHADAL
 - 14 ORCA DE PRAMELAS
 - 15 ORCA DE FIAIS DA TELHA
 - 16 ORCA DA PALHEIRA
 - 17 ORCA DE SANTO TISCO
 - 18 ANTA DA ARQUINHA DA MOURA
 - 19 ESTELA-MENIR DA CAPARROSA
 - 20 CASA DA ORCA DA MALHADA DO CAMBARINHO
 - 21 LAPA DA MERUJE
 - 22 ANTA DO ESPÍRITO SANTO D'ARCA
 - 23 DÓLMEN DE ANTELAS
 - 24 DÓLMEN 2 DE CHÃO REDONDO
 - 25 ANTA DA CAPELA DOS MOUROS
 - 26 DÓLMEN DA ARCA DA CERQUEIRA
 - 27 DÓLMEN DO JUNCAL
 - 28 ANTA DO REPILAU



ATENÇÃO

Quando visitar os monumentos, lembre-se que estes são sepulcros/templos com cerca de seis mil anos, muitos deles com vestígios de pinturas que estão progressivamente a desaparecer. Por isso, todo o cuidado é pouco.



NÃO TOQUE EM NADA



**NÃO FOTOGRAFE
COM FLASH**



**NÃO FAÇA FOGO NO
INTERIOR, NEM PRÓXIMO
DOS MONUMENTOS**



NÃO DEIXE LIXO



**DENUNCIE PRÁTICAS
DE VANDALISMO**



UISEU

Viseu é um daqueles enormes territórios que oferece o que de melhor podemos encontrar num concelho da Beira Alta. Património de excelência, gastronomia sublime e, cereja no topo do bolo, o riso de quem bem recebe e se despede com um terno e sentido "bem-haja".

A cidade, capital de distrito, assume-se hoje como um verdadeiro polo urbano capaz de proporcionar uma qualidade de vida que atrai pessoas de todo o mundo. Por outro lado, não deixa de ser interessante a dicotomia cada vez mais acentuada entre a cidade e o restante concelho, fortemente rural. É precisamente esta dualidade cidade/campo que melhor define as pessoas de Viseu.

O Património, seja ele qual for, histórico, arqueológico ou imaterial, faz parte da agenda política, sintoma de uma sociedade de esclarecida e atenta.

Detentor de monumentos ímpares como a Cava de Viriato ou os dólmenes pintados da Lapa de Repilau e do Fojo, de história forjada por artistas como Vasco Fernandes, o Grão-Vasco, ou Arnaldo Malho, o "poeta do ferro", e por reis como D. Duarte, Viseu não se esgota na história e no património. No seu ADN encontra-se ainda no "ch" sibilante tão característico na oralidade

das pessoas desta região, no saber fazer o linho na Várzea de Calde, no estanho de Bodiosa, recentemente certificado, ou nas rendas de Bilros de Farminhão, entre muitos outros.

A gastronomia local obriga o nosso palato a estar sempre ativo. O prazer de comer bem faz parte das pessoas desta região. Comer é, provavelmente, o ato mais social e apazível que temos. Quem pode ficar indiferente quando tem à sua frente um prato de Cabrito Assado, ou degusta o Rancho à Moda de Viseu? Quem não se deleita a comer a Broa de Vildemoinhos, um Pastel de Feijão, um Viriato ou uma Castanha de Ovos? Quem acha que está ainda na Terra quando degusta um bom Vinho do Dão?

Viseu é hoje uma cidade do mundo com uma oferta imensa de atividades e de equipamentos culturais. Não podemos deixar de destacar a Feira de São Mateus que decorre entre agosto e setembro, o mais longo certame lúdico da Europa, e o Museu Nacional de Grão-Vasco, localizado no centro histórico, junto à catedral.



Casa do Miradouro

Largo António José Pereira, 3500-080 Viseu
232 425 388 · casadomiradouro@cmviseu.pt

terça-feira: 14h > 18h | quarta-feira a sábado: 10h > 18h | domingo: 10h > 18h | encerra à segunda-feira e à terça-feira de manhã

entrada gratuita



01

ANTA DE MAMALTAR DO VALE DE FACHAS

UISEU, RIO DE LOBA

40°40'45.4"N | 7°51'02.7"W

MONUMENTO NACIONAL

DECRETO DE 16 DE JUNHO DE 1910



DOLMEN DO VALE DE FACHAS—Outro aspecto—**Travaços de Cima, (Viseu)**

Dos mais completos dos conhecidos na Peira. Tem Câmara, à qual falta o chapeu, e galeria coberta, em parte. É revestido com a mamôa, apenas, um pouco reduzida em altura. Orientação N. W.—S. E. Foto tirada de S. E., vendo-se a entrada da galeria coberta e os esteios da Câmara no último plano.

IMAGEM RETIRADA DA OBRA DE JOSÉ COELHO
"NOTAS ARQUEOLÓGICAS", DE 1949

**Este extraordinário dólmen foi um dos primeiros monumentos megalíticos de Portugal a ser arqueologicamente interven-
cionado, nos inícios do século XX, fazendo parte da incrível história da arqueologia portuguesa. A sua enorme importância tornou-o no único dólmen classificado como Monumento Nacional do concelho de Viseu.**

1 ACESSOS

Tome a Estrada Nacional 229 que sai de Viseu, em direção ao Sátão, e percorra 7,5 km até ao cruzamento que segue em direção ao Aterro Municipal. Siga a sinalética por mais 3,6 km. Grande parte do trajeto até este monumento é feito por estrada alcatroada. Os últimos 900 m são feitos em terra batida.

TV O MONUMENTO

A Anta de Mamaltar do Vale de Fachas, também conhecida por Anta do Altar, é um admirável monumento que se encontra



CAPA DA MONOGRAFIA DE JOSÉ COELHO
SOBRE O MONUMENTO

acompanhado de mais 14 monumentos que se distribuem pela vasta plataforma da serra do Mundão.

O monumento foi descoberto no dia 21 de dezembro de 1911 por José Coelho, arqueólogo viseense, que o explora no dia 15 de janeiro do ano seguinte. Os resultados dos seus trabalhos foram publicados numa das monografias mais emblemáticas sobre o megalitismo da região: "A Prêistória e o seu ensino. Mamaltar do Vale de Fachas".

A Anta de Mamaltar do Vale de Fachas é um típico dólmen de corredor da Beira Alta, com uma câmara poligonal de nove esteios, com 3,4 m de largura, 2,45 m de comprimento e 2,2 m de altura, e um corredor longo, formado por dez esteios de cada lado, com 8,65 m de comprimento e 1,5 m de altura.



PLACA VOTIVA PINTADA
POLO ARQUEOLÓGICO DE VISEU ANTÓNIO ALMEIDA HENRIQUES

A mamoa, muito bem conservada, mede 22 m no sentido N-S, 24 m no sentido E-O e apresenta 2,5 m de altura.

Um aspeto particular é o facto de três dos esteios da câmara apresentarem ténues vestígios de pintura a vermelho e a preto, que já pouco se distinguem. O mau estado das pinturas nos dois esteios identificados por José Coelho e num terceiro identificado por Elisabeth Shee Towhig apenas permitiram distinguir círculos pintados a vermelho.



O ESPÓLIO

As escavações arqueológicas efetuadas por José Coelho permitiram a recolha de muitos carvões e de vários artefactos. Do espólio recolhido, destaca-se uma peça que ainda hoje não tem paralelo: uma pla-



ESPÓLIO EXUMADO POR JOSÉ COELHO
POLO ARQUEOLÓGICO DE VISEU ANTÓNIO ALMEIDA HENRIQUES

ca votiva em metapelite (xisto argiloso), com motivos pintados a vermelho. Trata-se de uma peça que, certamente, estaria suspensa no pescoço de um defunto. Embora as placas votivas sejam frequentes no Sul da Península Ibérica, sobretudo no Alentejo, estas são geralmente feitas em xisto e são gravadas. Deste modo, a placa votiva de Mamaltar é, para já, a única placa pintada que se conhece em contextos megalíticos em Portugal.

O restante espólio exumado por José Coelho é composto por dois recipientes cerâmicos, seis machados de pedra polida, três lâminas e um microlito em sílex, seis contas de colar em xisto e um elemento dormente de mó manual.



OUTRAS INFORMAÇÕES

O monumento encontra-se integrado na Grande Rota Mamaltar do Vale de Fachas, da Rede de Percursos Pedestres do Concelho de Viseu.

O espólio do monumento pode ser visto na exposição "José Coelho – A Paixão pelo Passado", patente no Polo Arqueológico de Viseu António Almeida Henriques, em Viseu.

**PRÓXIMO
MONUMENTO**
**ANTA MAIOR
DA PEDRALTA**
 > 24 km



02

ANTA MAIOR DA PEDRALTA

VISEU, CÔTA

40°47'7.48"N | 7°49'37.98"W



Verdadeiro ícone da arte megalítica, a Anta Maior da Pedralta revelou alguns dos mais espantosos motivos pintados do Neolítico. O achado das pinturas foi motivo de uma das maiores polémicas da arqueologia portuguesa dos inícios do século XX.

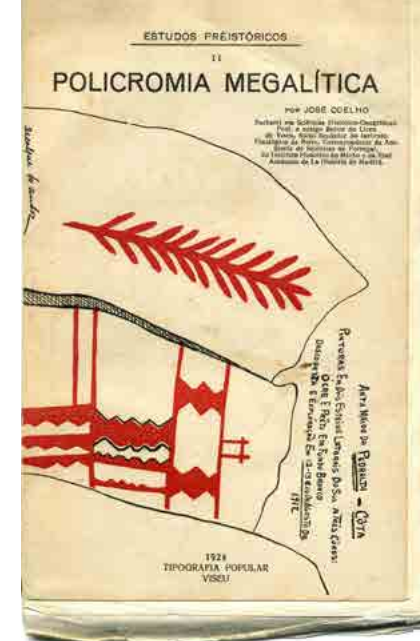
ACESSOS

Tome a Estrada Nacional 323 que segue em direção a Vila Nova de Paiva. É uma estrada incrível, uma autêntica *scenic road*, onde pode admirar alguns dos maiores afloramentos graníticos de Portugal. Após passar por Nogueira de Côta, percorra a estrada até ao cruzamento que segue para Sanguinhedo/Vila de um Santo e atravessa a povoação de Côta. No final da povoação tome uma estrada florestal, em terra batida. Encontra sinalética local.

O MONUMENTO

Implantado na serra de Côta, este dólmen encontra-se integrado numa vasta necrópole de mais de 20 monumentos dispersos por vários núcleos. O núcleo da Pedralta é constituído por cinco monumentos de vários períodos da Pré-História, alguns dos quais já muito destruídos.

Esta anta foi descoberta e escavada entre os dias 12 e 14 de agosto de 1912 por José Coelho, arqueólogo de Viseu. Como sempre fazia, registou com cuidado os seus



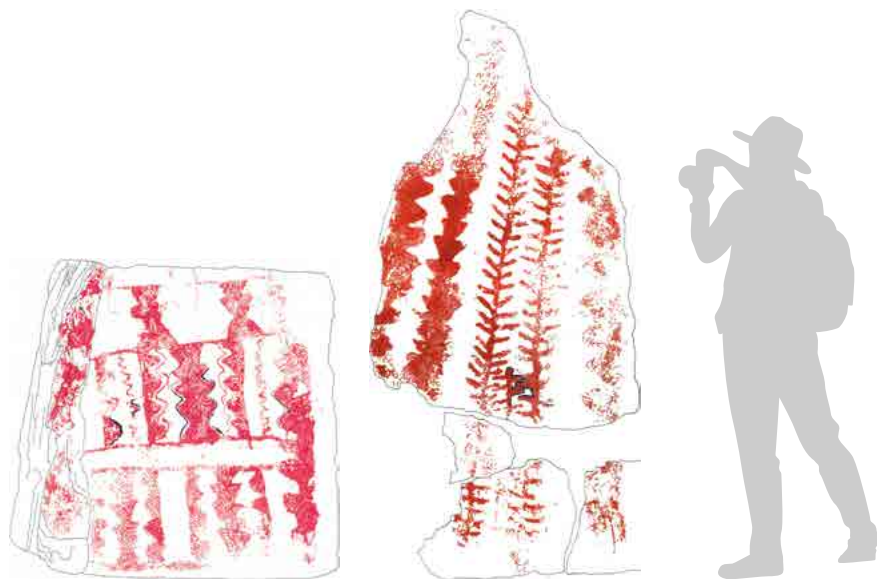
CAPA DA MONOGRAFIA DE JOSÉ COELHO SOBRE O MONUMENTO

achados, dando a conhecer um dos mais emblemáticos monumentos megalíticos da Beira Alta.

Pese embora o estado muito degradado do monumento, cremos estar perante um dólmen de câmara poligonal com nove esteios e corredor, talvez vestibular, e uma mamoa de grandes proporções, com 20 m de diâmetro e 2 m de altura.

A verdadeira importância deste monumento relaciona-se com a descoberta de magníficas pinturas em alguns dos seus esteios.

Efetivamente, assim que José Coelho iniciou as explorações, logo identificou motivos pintados em alguns dos esteios. Tratava-se de uma descoberta sensacional e inédita. Na altura, limitou-se a "tirar um ligeiro e incompleto decalque suficiente



ESTEIOS PINTADOS
LEVANTAMENTO: SANTOS, CRUZ E BARBOSA, 2017

apenas para fazer-se uma ideia delas", mandando cobrir com terra novamente os monólitos pintados. Entretanto, problemas de vária índole, pessoal e profissional, atrasaram um estudo mais profundo destas pinturas, não deixando, no entanto, de ir visitando regularmente o monumento "re-*ceando que algum vândalo, consciente ou inconscientemente, fosse violar o fúnebre monumento*", como referiu.

Este achado trouxe-lhe, no entanto, inúmeros aborrecimentos com um arqueólogo seu contemporâneo, muito influente política e socialmente no país de então, António Mendes Correia, professor na Faculdade de Letras do Porto, a quem confidenciou o achado dos esteios pintados.

Mendes Correia acabou por partir alguns dos esteios transportando-os para o Porto, onde ainda hoje se encontram, provocan-

do uma enorme controvérsia com José Coelho.

Graças ao esforço titânico que José Coelho teve em reivindicar o seu achado, e mesmo com a publicação abusiva dos achados por Mendes Correia, a comunidade científica reconheceu-lhe o achado.

As pinturas dos esteios da Anta Maior da Pedralta são verdadeiros ícones da arte megalítica pintada do noroeste da Península Ibérica, fazendo parte dos principais estudos sobre o tema.

As pinturas mais conhecidas são as que se encontram depositadas no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto.

Os motivos pintados compreendem "dentes de serra" nas bordas dos esteios, que criam verdadeiras "molduras", sendo

o interior preenchido com motivos geométricos, como as colunas de triângulos e ziguezagues verticais, e por ramiformes. Pouco comum, ou mesmo inédito, são as linhas horizontais que dividem o espaço compositivo em vários registos.



O ESPÓLIO

José Coelho refere o achado de fragmentos de doze vasos, um machado em pedra polida e uma goiva em filádio, esta última menos comum em contextos funerários do megalitismo do centro de Portugal. Do conjunto de artefactos, fazem parte, igualmente, uma lâmina e um micrólito em sílex, um movente e um dormente de um moirinho manual, bem como três seixos.

José Coelho recolheu ainda 45 gr de carvão vegetal e vários ossos, referindo que "*Apareceram bastantes ossadas humanas nas escavações deste dólmen. Calculei na ocasião serem de cerca de cinco indivíduos, bastante robustos, a avaliar pela disposição que tinham quando procedi à respectiva exumação e pelos grandes fémures e espessos ossos do crâneo*".



OSSOS RECOLHIDOS POR JOSÉ COELHO
PÓLO ARQUEOLÓGICO DE VISEU ANTÓNIO ALMEIDA HENRIQUES



OUTRAS INFORMAÇÕES

O espólio do monumento pode ser visto na exposição "José Coelho – A Paixão pelo Passado", patente no Polo Arqueológico de Viseu António Almeida Henriques, em Viseu.

Dois dos esteios pintados encontram-se no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto.

**PRÓXIMO
MONUMENTO
ORCA DAS
CASTENAIRAS**
> 11 km



03

ORCA DAS CASTENAIRAS

VILA NOVA DE PAIVA, UNIÃO DAS FREGUESIAS DE VILA NOVA DE PAIVA,

ALHAIS E FRÁGUAS

40°50'5.15"N | 7°45'19.58"W



RECIPIENTES CERÂMICOS
MUSEU ARQUEOLÓGICO DO ALTO PAIVA, VILA NOVA DE PAIVA

Este dólmen faz parte do restrito número de monumentos megalíticos da Beira Alta que, há cerca de 50 anos, foram datados por radiocarbono, sendo, assim, um dos primeiros dólmenes de Portugal a ser datado por métodos científicos. Revelou um excecional conjunto de artefactos que o tornam num dos mais ricos dólmenes da Beira Alta.

4 ACESSOS

Antes de chegar à povoação de Fráguas, na margem esquerda do rio Paiva, junto à ponte, virar para a praia fluvial e depois continuar o caminho de terra batida, sempre a direito, durante cerca de 1,5 km. Tem placas direccionais.

TV O MONUMENTO

Também conhecido por Orca dos Castenairos ou Orca das Castonárias, este singular dólmen encontra-se localizado apenas a 200 m do rio Paiva, com uma posição pouco proeminente na paisagem.

Intervencionado em agosto de 1961 por Leonel Ribeiro e Vera Leisner, volta a ser



VISTA FRONTAL DA ORCA DAS CASTENAIRAS

alvo de estudos arqueológicos entre 1996 e 2000, por Domingos Cruz.

Com base nos estudos parcialmente publicados, podemos adiantar que a Orca das Castenairas é um dólmen de câmara poligonal larga com, provavelmente, nove esteios e um corredor diferenciado em altura e em planta, com 5,5 m de comprimento.

Um aspeto que merece uma referência particular é a existência de um pilar do lado direito do esteio de cabeceira, que mais não é do que um menir reutilizado.

A mamoa ou *tumulus* apresenta uma planta oval com 22 m no eixo N-S e 26/28 m no eixo E-O.

Defronte do corredor, pode-se observar o corredor intra-tumular com 4 m de comprimento, segmentado em duas partes por lajes dispostas transversalmente. Defronte deste encontra-se o átrio, anormalmente grande e de planta trapezoidal, com 3 m de comprimento e 5 m de largura.

As análises radiocarbónicas efetuadas no interior da câmara funerária permitem apontar como fase inicial de utilização deste espaço entre 3968 a.C. e 3710 a.C., ou seja, há quase 6000 anos. Outras datas obtidas para níveis superiores da câmara indicam que o monumento estaria ainda em funcionamento 500 anos mais tarde,

condizente com as análises de carvões recolhidos na zona exterior do monumento (corredor intra-tumular e átrio).

Terá este monumento funcionado continuamente durante mais de 500 anos, com início do Neolítico Médio até aos finais do Calcolítico / inícios da Idade do Bronze ou, pelo contrário, a ocupação da Idade dos Metais corresponde a uma apropriação de um sepulcro existente? Ainda não o sabemos, mas acreditamos que o estudo dos resultados das últimas intervenções, poderá permitir responder a esta questão.



O ESPÓLIO

O espólio recolhido é muito numeroso, encontrando-se ainda em estudo. No entanto, com base no que se encontra publicado, pode-se aferir que houve uma forte reutilização deste dólmen na Idade do Cobre / inícios da Idade do Bronze. Um realce particular para os grandes vasos, alguns decorados, achados na zona do átrio. Geralmente conectados com a armazenagem de alimentos, estes grandes recipientes foram parte integrante dos rituais fúnebres que se realizavam neste espaço simbólico.

Neste mesmo contexto cronológico, de referir o achado pela equipa de arqueólogos dos anos sessenta do século XX de grandes alabardas em sílex.



OUTRAS INFORMAÇÕES

Parte do espólio resultante das intervenções do século XX pode ser visto no Museu Arqueológico do Alto Paiva, em Vila Nova



PUNHAL EM SÍLEX
TAMANHO REAL | MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA | FOTO: JOSÉ PAULO RUAS

de Paiva. O espólio resultante da intervenção dos anos 60 do século XX encontra-se depositado no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa.

O monumento encontra-se incluído no Roteiro "Vila Nova de Paiva – Terras de Sempre".

**PRÓXIMO
MONUMENTO**

**ORCA DO PICOTO
DO VASCO**

> 15,8 km



04

ORCA DO PICOTO DO VASCO

VILA NOVA DE PAIVA, PENDILHE

40°54'01.3"N | 7°48'29.8"W



REcriação do ritual de selagem do monumento
ILUstração: © ANYFORMS/EON

Este dólmen possui uma narrativa única no âmbito da Pré-História portuguesa. Uma enorme fogueira foi acesa sobre o monumento, atingindo uma temperatura tão elevada que derreteu as pedras em granito.

1 ACESSOS

Na Estrada Nacional 225 (Vila Nova de Paiva – Castro Daire), há placa indicadora, à direita, para a Estrada Municipal 1186. Seguir por esta estrada cerca de 500 m e depois, à esquerda, por um caminho de

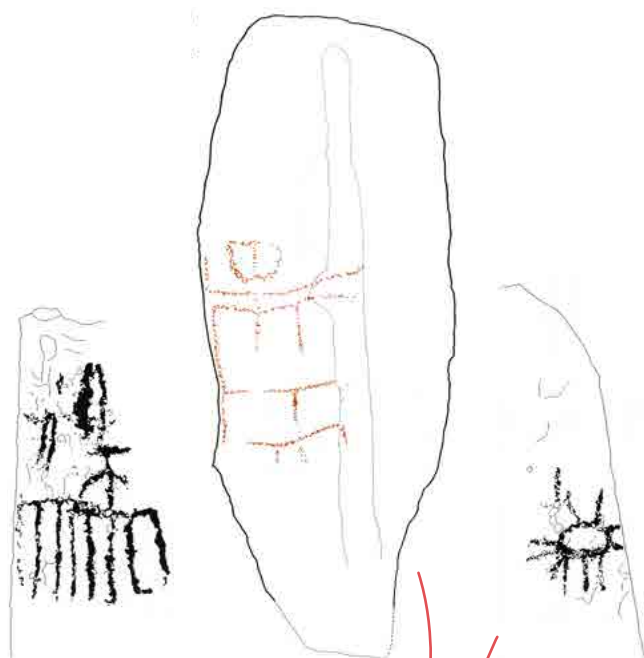
pé-posto, cerca de 150 m. O dólmen avista-se do caminho municipal.



O MONUMENTO

Localmente conhecido por "Orca", este dólmen foi estudado entre 1995 e 1996 por Domingos Cruz, A. Huet Bacelar Gonçalves e M. João Abrunhosa, que reconstituíram alguns momentos da vida do monumento.

A Orca do Picoto do Vasco é um monumento de câmara poligonal de oito esteios e corredor de tipo vestibular, marcado por dois esteios em cada um dos lados da en-



ESTEIOS PINTADOS (A VERMELHO) E GRAVADOS (A PRETO)
LEVANTAMENTO: CRUZ, 2001



trada. O acesso ao monumento era feito através de um estreito e bem construído corredor intra-tumular, que estabelecia a ligação ao átrio lajeado, onde se faziam os rituais fúnebres dos quais restaram vestígios de dois vasos e uma lâmina em sílex.

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos permitiram colocar a descoberto vestígios de pinturas e de gravuras em alguns esteios. No esteio de cabeceira percebe-se um motivo de cor vermelha alaranjada, que pode representar uma figura antropomórfica. As principais gravuras encontram-se nos esteios à esquerda e à direita do esteio de cabeceira. Enquanto no primeiro se podem observar vários motivos abstratos, no segundo podemos perceber uma figura radiada, que é interpretada como a figura de um sol.

As análises radiocarbónicas feitas sobre carvões achados nas intervenções de 1995 e 1996 determinaram que este dólmen foi alvo de complexos rituais há cerca de 6700 anos. Um destes, inédito na arqueologia portuguesa, relaciona-se com o momento de encerramento do sepulcro. De facto, tudo leva a crer que, quando foi encerrado o acesso ao sepulcro, terá sido feita uma enorme fogueira no centro do monumento que atingiu os 1125° C, tendo inclusivamente derretido algumas das pedras do monumento, vitrificando-as.



O ESPÓLIO

O espólio exumado compreende duas lâminas em sílex, cinco micrólitos em sílex, um machado em pedra polida, em anfibolito.



FRAGMENTO DE ESTEIO PINTADO
MUSEU ARQUEOLÓGICO DO ALTO PAIVA, VILA NOVA DE PAIVA

lito e vários fragmentos de vasos, um dos quais decorado com um motivo que lembra o sol gravado num dos esteios.



OUTRAS INFORMAÇÕES

O espólio resultante das intervenções de 1995 e 1996 pode ser visto no Museu Arqueológico do Alto Paiva, em Vila Nova de Paiva.

O monumento encontra-se incluído no Roteiro "Vila Nova de Paiva – Terras de Sempre".

PRÓXIMO MONUMENTO
ORCA DE PENDILHE
> 2,2 km



05

ORCA DE PENDILHE

VILA NOVA DE PAIVA, PENDILHE

40°53'53.07"N | 7°49'25.31"W

IMÓVEL DE INTERESSE PÚBLICO



Imponente, este dólmen é um dos guardiões de um passado longínquo de que já pouco resta. Perdido no tempo, foi até há pouco tempo um abrigo para pastores e agricultores, que aqui se resguardavam do mau tempo.

1 ACESSOS

Vindo da Orca do Picoto do Vasco, e tendo como referência o cruzamento com a Estrada Municipal 1186, percorra a Estrada Nacional 225 por 1,1 km e corte à esquerda, por caminho de terra batida por 700 m. Siga a sinalética.

2 O MONUMENTO

A Orca de Pendilhe, um dos mais notáveis monumentos megalíticos do concelho de Vila Nova de Paiva, situa-se no lugar de "Orca" ou "Casa da Moura", a cerca de 1,5 km a sudeste da povoação de Pendilhe.

Referenciado pela primeira vez pelo arqueólogo José Leite de Vasconcelos em 1919/1920, este dólmen foi arqueologicamente intervencionado em 1992 por Domingos Cruz.

Este dólmen é composto por uma câmara funerária de nove esteios, de planta poligonal larga, medindo 2,86 m de comprimento, 3,4 m de largura e 2,8 m de altura, e um corredor com 5,2 m de comprimento.

Do primitivo corredor restam apenas quatro esteios na sua posição original, tendo sido possível, durante os trabalhos de



PRISMA DE CRISTAL DE ROCHA ACHADO SOB O PISO DE CIRCULAÇÃO DA CÂMARA FUNERÁRIA
2/3 TAMANHO REAL | MUSEU ARQUEOLÓGICO
DO ALTO PAIVA, VILA NOVA DE PAIVA

1992, identificar as fossas de assentamento de mais oito, o que permitiu a sua reconstituição, através da colocação de um muro de pedra vã.

Uma particularidade interessante deste monumento é a colocação de um pequeno esteio a demarcar a passagem do corredor para o espaço da câmara mortuária.

Os vestígios de manchas de pinturas a vermelho na base do esteio de cabeceira fazem supor que este sepulcro teria sido

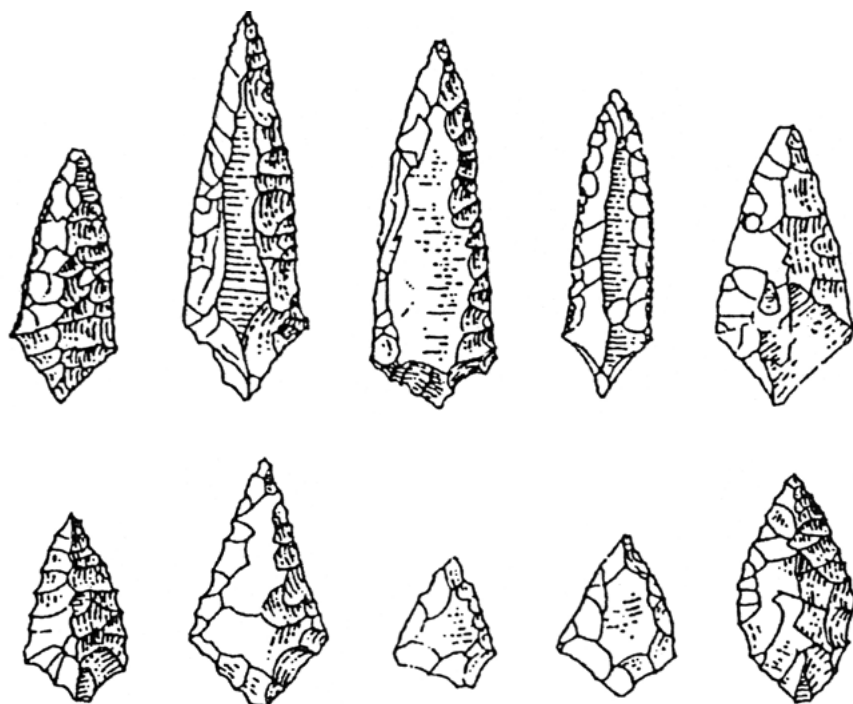
profusamente decorado. Igualmente interessante é um motivo gravado na parte superior da laje de cobertura. Trata-se de um conjunto de três retângulos concêntricos associados a um arco num dos topos, representando o jogo do moinho.

O ESPÓLIO

Do espólio exumado neste monumento importa referir o achado de dez pontas de seta e dez micrólitos geométricos em sílex e quartzo, uma lâmina em sílex, uma lamela em quartzo hialino, 17 contas de

colar em xisto, onze cristais em quartzo e um elemento de movente de moinho manual. Particular destaque para o achado de um enorme cristal de quartzo com 13,4 cm de comprimento sob o nível de utilização do monumento, junto ao afloramento rochoso, num claro ritual relacionado com a edificação do monumento.

Foram igualmente recolhidas várias dezenas de fragmentos cerâmicos, dos quais se destaca um fragmento de um vaso campaniforme, que é indiciador de uma reutilização deste dólmen durante a Idade do Cobre.



PONTAS DE SETA
TAMANHO REAL | DESENHO: CRUZ, 2001



VISTA FRONTAL DA ORCA DE PENDILHE

OUTRAS INFORMAÇÕES

O espólio exumado neste monumento encontra-se patente no Museu Arqueológico do Alto Paiva, em Vila Nova de Paiva.

O monumento encontra-se incluído no Roteiro "Vila Nova de Paiva – Terras de Sempre".

Se tiver oportunidade, não deixe de visitar a "Necrópole do Rapadouro" situada a 3 km a noroeste. Para tal, retome a pela EN 225 e siga até à entrada da povoação de Pendilhe, estacione e siga a sinalética. Trata-se de um extraordinário cemitério da Idade do Cobre e da Idade do Bronze com monumentos diferentes dos que pode

observar nesta rota e que demonstram já rituais da morte bastante diferentes, valorizando-se os enterramentos individuais em cistas.

PRÓXIMO PONTO
VILA NOVA
DE PAIVA
> 11,7 km

PRÓXIMO
MONUMENTO
ORCA DOS JUNCAIS
> 23,3 km



VILA NOVA DE PAIVA

Dois elementos marcam e definem a essência do território de Vila Nova de Paiva: rocha e água. A rocha de granito foi determinante no dia-a-dia das populações que, desde a Pré-História, aqui se estabeleceram. Com ela edificaram-se dólmens, castros, sepulturas medievais e aldeias. A água foi e é o eixo fundamental da economia local, que tem na agricultura a sua principal fonte de rendimentos. O rio Paiva atravessa o concelho e foi o responsável pelo próprio nome do território.

Ao longo de 175 km², sob uma extensa área planáltica dominada a norte pela serra da Nave e a sul pelos cursos dos rios Paiva e Vouga, as freguesias de Pendilhe, Queiriga, Touro, Vila Cova à Coelheira e da união de freguesias de Vila Nova de Paiva, Alhais e Fráguas, oferecem, a quem as visita, um património único.

A riquíssima história deste concelho surge gravada numa paisagem modelada ao longo de milénios através de extensas manchas florestais compostas por pinheiros bravos, castanheiros, carvalhos alvarinhos ou medronheiros.

O rio Paiva oferece um ecossistema perfeito para o desenvolvimento de espécies como a lontra, a toupeira de água, a salamandra lusitânica, o lagarto de água, o barbo, a boga e a truta-fário. Esta última é,

aliás, um ícone da gastronomia local que pode ser apreciado nos vários restaurantes da vila. Das margens do rio, os salgueiros e os amieiros alimentaram durante séculos a criatividade de muitos artesãos.

O município de Vila Nova de Paiva usufrui hoje do investimento efetuado no estudo e valorização do património arqueológico que tem desenvolvido desde há 30 anos. Não é por acaso que este é o município que possui mais monumentos megalíticos integrados na MEG. Efetivamente, nos inícios dos anos 90 do século XX, começou a ser desenvolvido um ambicioso projeto de estudo do património arqueológico pelo Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, dirigido por Domingos Cruz. Centenas de monumentos foram descobertos e estudados, desde dólmens a castros e a sítios romanos, mas, o mais importante foi o facto de ter sido aqui que muitos arqueólogos de hoje foram formados. Foi, sem dúvida, uma das principais escolas de campo da arqueologia desse tempo.

Estes estudos têm hoje o corolário no Museu Arqueológico do Alto Paiva e nos vários percursos turísticos/culturais implementados por todo o concelho, fomentando atividades como o *cycling*, o *trekking* e os percursos pedestres.



Museu Arqueológico do Alto Paiva

Praça do Município, 3650-207 Vila Nova de Paiva
232 609 900 | geral@cm-vnpaiva.pt

segunda a sexta-feira: 10h > 17h
encerra ao sábado, domingo e feriados
entrada gratuita



06

ORCA DOS JUNCAIS

VILA NOVA DE PAIVA, QUEIRIGA

40°48'57.99"N | 7°43'50.83"W

MONUMENTO NACIONAL



ESTEIO COM CENA DE CAÇA PINTADA, 2021

PORMENOR DA CENA DE CAÇA PINTADA, 1934
IMAGEM: GEORG LEISNER, 1934

Este dólmen é, sem dúvida, um dos baluartes do megalitismo português. Os incríveis motivos pintados a vermelho patentes nos seus esteios tornam-no numa referência obrigatória do imaginário dos homens e mulheres do Neolítico.

ACESSOS

Pela Estrada Nacional 323 chega à povoação da Queiriga. Atravesse a aldeia seguindo a sinalética. Após passar a aldeia, tome um caminho de terra batida por 2,1 km até ao monumento.

O MONUMENTO

Localmente conhecido como Pedra da Orca ou Orca Fundeira, este sepulcro é um dos mais emblemáticos monumentos pré-históricos da Beira Alta e um dos mais conhecidos do megalitismo mundial.

A sua proximidade a um ribeiro, onde há abundância de junco, terá dado origem ao seu nome.

Em 1896, José Leite de Vasconcelos visita e explora este monumento, dando a conhecer, pela primeira vez na história da Arqueologia, um dos mais importantes patrimónios da Beira Alta: as pinturas no interior de sepulcros megalíticos. Esta mesma descoberta levou-o a solicitar a sua



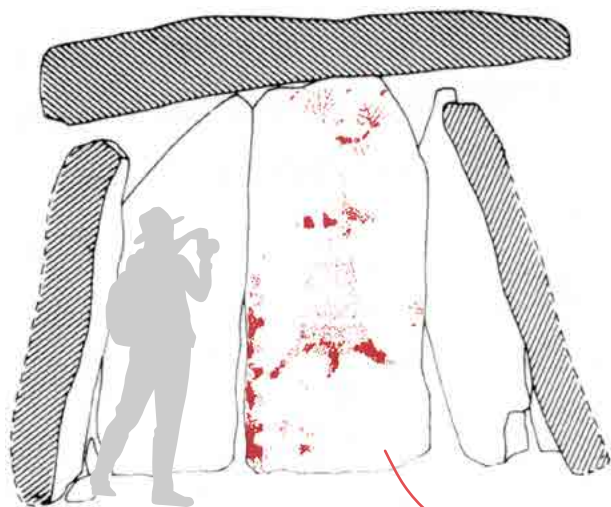
FRAGMENTO DO ESTEIO DO CORREDOR COM FIGURAS ANTROPOMÓRFICAS
1/5 TAMANHO REAL | MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA | FOTO: JOSÉ PESSOA

classificação como Monumento Nacional. Contudo, os levantamentos exaustivos das pinturas apenas foram efetuados na década de 30 do século XX, por Georg Leisner, tendo sido completados, nos anos 80, por Elisabeth Shee Twohig. O monumento foi alvo de novos trabalhos arqueológicos e de restauro em 1988 e 1989, por Domingos Cruz.

Trata-se de um dólmen de câmara poligonal, constituída por nove esteios, medindo 3 m de comprimento, 3 m de largura, uma altura entre os 2,4 m e os 2,9 m e um corredor longo, com 7,4 m de comprimento. A mamoa, bem conservada, possui uma planta ovalada com 30 m no eixo O-E e 22 m no eixo N-S.

A importância deste dólmen advém, essencialmente, dos admiráveis motivos

pintados a vermelho nos seus esteios. Um destaque especial para a conhecida "cena de caça", única em contexto funerário pré-histórico, que compreende dois veados e outros dois cervídeos, três grupos de caçadores e, pelo menos, seis canídeos. Particular enfoque para os dois caçadores equipados com arco e flecha armada com ponta transversal (micrólito geométrico). Toda esta cena, dinâmica, se desenvolve em torno de uma figura central, sub-retangular, que se assume, muito provavelmente, como uma figura tutelar. No esteio de cabeceira também se destacam os vestígios, já muito pouco nítidos, da representação de dois veados com armações muito desenvolvidas, sendo bem visível, ao centro do esteio, um motivo conhecido por "pele esticada".



MOTIVOS PINTADOS NO
ESTEIO DE CABECEIRA
LEVANTAMENTO (ADAPTADO):
GEORG LEISNER, 1934



Não podemos esquecer, igualmente, as figuras antropomórficas que se encontram pintadas num fragmento de esteio do corredor, recolhido por Leite de Vasconcelos, que se encontra depositado no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa.

A pedra da cobertura é monumental e tem imensas inscrições e gravuras de Época Medieval e Moderna. As muitas datas e cruzes que ali abundam têm a ver com os limites dos concelhos de Sátão e Vila Nova de Paiva e as freguesias de Casfreires e Queiriga, tendo tido essa função ao longo dos séculos.

Nas proximidades encontram-se a Orquilha dos Juncais e a Cista dos Juncais, atualmente destruída.



O ESPÓLIO

O espólio recolhido por Leite de Vasconcelos é sobretudo composto por vasos da Idade do Bronze, muitos deles decorados, um machado e uma lâmina em sílex.

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos por Domingos Cruz permitiram a recolha de um conjunto de nove pontas de seta, uma lâmina, uma lamela e vários fragmentos de vasos.

A análise do espólio evidencia uma reutilização deste dólmen nos inícios da Idade do Bronze, patenteada, por exemplo, nos vasos troncónicos invertidos e nos vasos carenados, muitas das vezes decorados.



VASO CARENADO DECORADO
1/2 TAMANHO REAL | MUSEU NACIONAL DE
ARQUEOLOGIA | FOTO: JOSÉ PAULO RUAS



OUTRAS INFORMAÇÕES

O espólio exumado neste monumento encontra-se patente no Museu Arqueológico do Alto Paiva, em Vila Nova de Paiva.

O monumento encontra-se incluído no Roteiro "Vila Nova de Paiva – Terras de Sempre".



PRÓXIMO PONTO

SÁTÃO

> 10 km

PRÓXIMO MONUMENTO

ORCA DO TANQUE

> 23 km

A identidade do território do Sátão encontra-se na profunda religiosidade que as populações professam. Este sentimento de fé transparece não apenas na alma das suas gentes, como se manifesta na imensa quantidade de conventos, capelas, capelinhas e santuários que se encontram disseminados por todo o território. É o exemplo do Convento de Santa Eufémia, edificado há quase mil anos pelas religiosas beneditinas de Ferreira de Aves, mas também dos extraordinários santuários do Nosso Senhor dos Caminhos, situado no lugar de Rãs, da Nossa Senhora da Esperança, no lugar de Abrunhosa, e o Convento de Santo Cristo da Fraga, este último um incrível convento franciscano capucho, localizado em Ferreira de Aves.

Contudo, há um monumento que se destaca e que reflete esta crença cristã: a Capela de Nossa Senhora da Esperança na localidade de Abrunhosa. Verdadeira embaixadora do barroco da Beira Alta, esta capela surpreende-nos pela sumptuosidade e beleza da decoração interior.

O património histórico e arqueológico do concelho do Sátão é vasto e interessante e o conhecimento que possuímos deste tem resultado do investimento que o Município do Sátão tem feito no seu estudo, através do protocolo com instituições do ensino superior, como a Universidade Nova de Lisboa e a Universidade do Algarve.

De todos os produtos endógenos de excelência que existem no território do Sátão, como o vinho do Dão e os enchidos, um tem um especial destaque: o míscolo. Trata-se de um saboroso cogumelo que pode ser colhido nos imensos pinhais entre o outono e o inverno. Verdadeiro ícone da gastronomia local, faz parte da mesa de qualquer casa do Sátão, sendo, igualmente, um importante contributo para a economia local.



Posto de Turismo do Sátão

Rua Dr. Hilário de Almeida Pereira, 71, Sátão
232 980 007 | casa.cultura@cm-satao.pt

terça a sexta-feira: 9h30 > 13h | 14h > 17h30
sábado: 9h > 13h



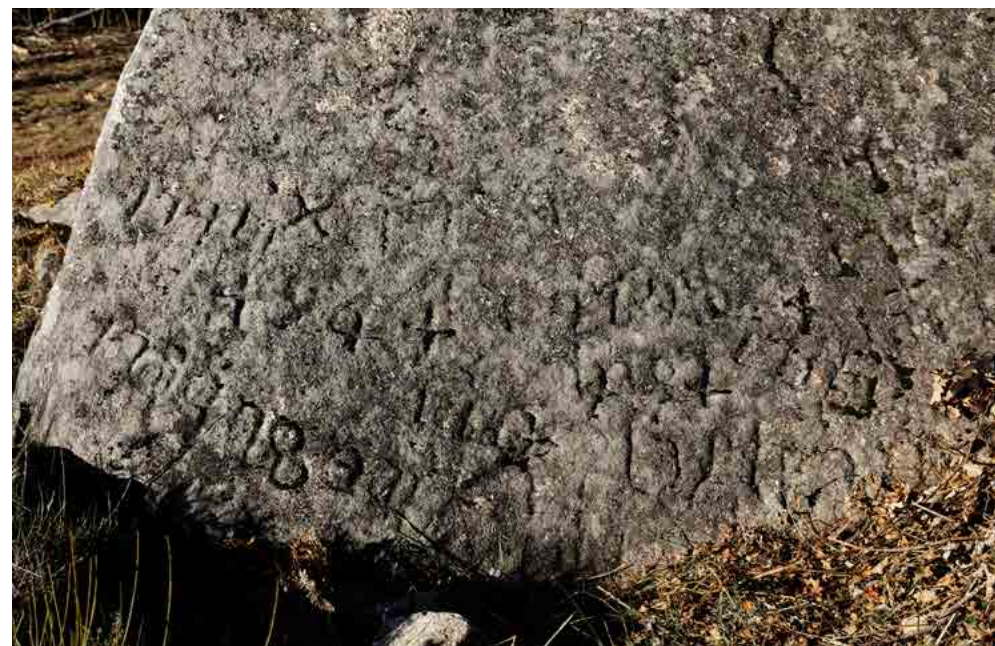
07

ORCA DO TANQUE

SÁTÃO, FERREIRA DE AVES

40°49'41.74"N | 7°42'41.78"W

MONUMENTO NACIONAL



PORMENOR DOS MOTIVOS GRAVADOS NA FACE EXTERIOR DA TAMPA

Imponente e majestoso, este dólmen é o guardião de algumas das mais fantásticas manifestações artísticas do homem pré-histórico. Marco da mentalidade dos homens e mulheres do Neolítico, assumiu, milhares de anos depois, a marca divisória de dois territórios.

ACESSOS

Saindo do Sátão, tome primeiro a M574 e depois a M581 até à povoação de Lamas de Ferreira de Aves. Atravesse esta povoação e siga até às povoações de Carvalhal e

logo a seguir Casfreires. Aqui, corte à esquerda para a estrada que segue para Vila Nova de Paiva e percorra 1 km até cortar à esquerda, para um caminho de terra batida, por mais 0,5 km. Siga a sinalética.

O MONUMENTO

Este imponente monumento foi arqueologicamente reconhecido e explorado em 1896 por José Leite de Vasconcelos.

A sua designação toponímica e localização administrativa têm-se prestado a muitas confusões como resultado das sucessivas reorganizações municipais ocorridas neste território na década de 1890. Com efeito,



MOTIVOS PINTADOS NOS ESTEIOS DA CÂMARA
LEVANTAMENTO: GEORG LEISNER, 1934

no período entre 14 de setembro de 1895, em que o antigo concelho de Fráguas foi extinto, e 15 de janeiro de 1898, data em que aquele concelho foi restaurado sob o nome de Vila Nova de Paiva, os limites entre freguesias ter-se-ão definido com dificuldade. Ora, os trabalhos de Leite de Vasconcelos têm lugar, precisamente, no momento do hiato entre os concelhos de Fráguas e de Vila Nova de Paiva, razão pela qual este autor nunca hesitou em localizar a Orca do Tanque no concelho de Sátão.

Autores posteriores irão, no entanto, não só avançar com outras designações, como também colocar erradamente esta anta no concelho vizinho de Vila Nova de Paiva.

Paralelamente ao problema da sua localização administrativa, colocou-se também

a questão da sua designação toponímica. Orca do Tanque é o nome pelo qual Leite de Vasconcelos sempre se lhe refere, no que é seguido por Georg Leisner (1934) e Vera Leisner (1998). Será Irisalva Moita (1966) a indicar que o monumento é também conhecido localmente por Orca Cimeira e João Luís Inês Vaz (1991), na Carta Arqueológica do Concelho de Sátão, irá apelidá-lo como Orca de Casfreires. Esta dupla confusão a respeito da designação da Orca do Tanque derivará, com certeza, pelo menos em parte, da sua classificação como Monumento Nacional sob o topónimo de Anta de Casfreires, como se pode ler no respetivo Decreto de 16 de junho de 1910, na categoria de "Monumentos Pré-Históricos".

Trata-se de um dólmen de câmara poligonal com nove esteios e corredor com 6 m de comprimento. De realçar, uma laje deitada à entrada da câmara, provavelmente a "laje de cutelo", que possui uma forma antropomórfica. A mamoa que envolve o dólmen teria, primitivamente, cerca de 25 m de diâmetro e 2 m de altura.

No topo do chapéu da câmara foram gravadas várias cruzeiras ao longo do reborço correspondente à parte da cabeceira da câmara, covinhas e extensas inscrições alfabéticas acompanhadas de datas em numeração árabe, dos séculos XVIII e XIX, feitas quando o monumento serviu de limite entre os concelhos de Sátão e de Vila Nova de Paiva.

A tampa ou chapéu que cobre a câmara funerária permitiu a conservação de extraordinárias pinturas que podem ser observadas em seis dos seus esteios. Algumas destas foram, pela primeira vez, observadas por Leite de Vasconcelos, tendo sido, posteriormente, alvo de levantamentos mais rigorosos por Georg Leisner, publicados em 1934. O número de ocorrências pictóricas na Orca do Tanque aumentará com o trabalho de Elisabeth Shee Twohig, que, no entanto, não efetuou novos levantamentos por se encontrarem os esteios quase inacessíveis. A Orca do Tanque será colocada por esta autora no seu "Grupo de Viseu", considerando os temas figurados nos esteios da câmara, em particular, a presença de figurações humanas, motivos em serra e a "pele esticada".



PONTAS DE SETA
1,5X TAMANHO REAL | MUSEU NACIONAL DE
ARQUEOLOGIA | FOTO: JOSÉ PAULO RUAS



O ESPÓLIO

O espólio exumado Leite de Vasconcelos é composto por micrólitos, lamelas e lâminas, pontas de seta, alabardas, machados de pedra polida e vasos cerâmicos.



OUTRAS INFORMAÇÕES

O espólio exumado neste monumento encontra-se depositado no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa.

Encontram-se previstos trabalhos de restauro e valorização do monumento para o ano de 2022.



08

ORCA DE FORLES

SÁTÃO, FORLES

40°50'43.51"N | 7°39'50.99"W



VASO DECORADO
ALTURA: 11,9 CM | MUSEU NACIONAL DE
ARQUEOLOGIA | FOTO: JOSÉ PAULO RUAS

Recentemente restaurado, este admirável monumento tem uma narrativa singular. Esconde enigmas que, provavelmente, nunca serão resolvidos.

4 ACESSOS

Depois de visitar a Orca do Tanque, retorne à povoação de Casfreires, siga para norte pelas aldeias de Souto, Covelo e Segões. Nesta última, corte à direita em direção à aldeia de Forles, onde irá cortar à direita e percorrer 500 m até encontrar a entrada de um caminho em terra batida. O monumento encontra-se a 1,6 km. Siga a sinalética.



SULCOS ESCAVADOS NO SUBSTRATO ROCHOSO
FOTO: PEDRO SOBRAL DE CARVALHO

O MONUMENTO

Escavado no verão de 1896 por José Leite de Vasconcelos, este dólmen faz parte dos primeiros inventários do megalitismo da Beira Alta. Este investigador terá executado os trabalhos num único dia, com a ajuda do Sr. António de Magalhães e do Padre Silva. Com efeito, segundo o seu próprio relato, os trabalhos terão sido levados a cabo algures entre 24 de agosto e 3 de setembro de 1896 (Vasconcelos, 1927: 147-148): "[...] a minha primeira excursão foi à Orca de Forles [...], uma cavalgada de soutos e matas. [D]epois chegamos à orca que escavei e estudei. O povo supunha que ela encerrava tesouros, e por isso, mal constou a nossa chegada, vieram até nós homens, mulheres e crianças, para verem o que levamos: e como na orca aparecesse ce-

râmica prehistorica e lâminas ou facas de sílex, criaram-se, dias depois, pelos lugares vizinhos, lendas em que se contava que tínhamos achado púcaros de prata e garfos de ouro. Ao anoitecer retirámo-nos."

A intervenção arqueológica de Leite de Vasconcelos resultou na obtenção de numeroso espólio que ingressou no Museu Nacional de Arqueologia, de que era então diretor. Das 23 peças exumadas, destacam-se os fragmentos de alabardas em sílex, que se constituem como achados excepcionais pela sua raridade na região beirã.

Leite de Vasconcelos refere, igualmente, um motivo pintado num dos esteios do monumento, cuja reprodução foi executada por um dos trabalhadores que o ajudaram nas escavações.



MACHADO EM PEDRA POLIDA EXUMADO NO ÁTRIO
COMPRIMENTO: 11,9 CM | CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DE FORLES

O monumento foi também visitado pelo casal Leisner a 23 de abril de 1934, dia em que efetuam o seu registo em planta e alçados.

Em 1966, Irisalva Moita, ao descrever o monumento, refere que consultou a documentação inédita de Leite de Vasconcelos e que apenas encontrou "uma planta e o desenho do chapéu", o que nos leva a crer que a planta e alçados que esta autora apresenta poderão ter sido feitos a partir destes originais.

O estado de ruína eminente levou a autarquia do Sátão a promover um projeto de restauro e de valorização, executado em 2020/2021. Os trabalhos arqueológicos então desenvolvidos permitiram perceber melhor este monumento. Efetivamente, embora o dólmen se encontrasse em muito mau estado de conservação, foi possível

confirmar as várias fases de utilização deste sepulcro. Tal como acontece em muitos monumentos megalíticos da Beira Alta, a primeira fase de uso deste monumento deve ter acontecido nos inícios do 4º milénio a.C., ou seja, há cerca de seis mil anos. Cerca de dois mil anos mais tarde, o dólmen foi reutilizado como sepultura por populações da Idade do Cobre ou mesmo da Idade do Bronze. É a esse período que pertencem a maioria dos artefactos exumados em 2020/2021. Contudo, uma das descobertas mais extraordinárias feitas nesse ano, foi o achado de um conjunto de sulcos escavados no substrato granítico, formando uma grelha, executados num momento anterior à edificação do dólmen. A que correspondem? Por que foram fei-



TAMPA GRAVADA DA ORCA DE FORLES

tos? São questões ainda em aberto, que a investigação futura poderá resolver.

Um outro resultado muito importante destes últimos trabalhos foi a identificação de pinturas a vermelho no esteio de cabeceira. José Leite de Vasconcelos já havia referido uma figura pintada a vermelho nesse

mesmo esteio. Elisabeth Shee Towhig, nos anos 80 do século XX, faz menção à existência de vestígios de pintura a vermelho no esteio de cabeceira: "*São visíveis traços de pintura no esteio de cabeceira, mas não se distingue qualquer padrão*" (original em

inglês). A limpeza deste monólito revelou um conjunto bastante mais completo de motivos.

Em termos arquitetónicos, a Orca de Forles é um dólmen com câmara poligonal de nove esteios e corredor médio, diferenciado em alçado e em planta.

A câmara do dólmen apresenta uma enorme laje de cobertura, cuja superfície exterior se apresenta amplamente preenchida por um conjunto de 55 covinhas e um extraordinário motivo de círculos concêntricos. Este motivo pode mesmo ter sido gravado num afloramento rochoso, num momento anterior à edificação deste monumento. Os construtores do megalítico terão, deste modo, desbastado a rocha por forma a aproveitar os motivos gravados, atribuindo uma extrema carga simbólica a este monólito a e ao próprio ato em si.



O ESPÓLIO

Leite de Vasconcelos recolheu 23 peças, algumas em bom estado de conservação. Destaque especial para os fragmentos de alabardas e vasos decorados. Um outro fragmento de alabarda foi recolhido à superfície por Domingos J. Cruz. Este tipo de peça é, sem dúvida, um item de prestígio.

O espólio recolhido nas escavações recentes foi pouco expressivo devido às grandes destruições que este monumento foi alvo. Foram achadas 14 pontas de seta em sílex e quartzo, um micrólito, dois núcleos em quartzo, um machado de pedra polida, mós manuais, cerâmica e peça em bronze.



NÚCLEO EM QUARTZO HIALINO
2X TAMANHO REAL | CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DE FORLES



OUTRAS INFORMAÇÕES

O espólio exumado neste monumento encontra-se depositado no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa, e no Centro de Interpretação da Orca de Forles, na povoação de Forles.



PRÓXIMO PONTO AGUIAR DA BEIRA

> 18,5 km

PRÓXIMO MONUMENTO DÓLMEN 1 DE CARAPITO

> 31 km



AGUIAR DA BEIRA

Berço do rio Vouga e com a serra da Estrela no horizonte, o concelho de Aguiar da Beira impõe-se pela rudeza do granito e pelo verde da extensa mancha florestal.

Com uma história invejável, podemos aqui encontrar monumentos extraordinários, testemunhos inequívocos de que o Homem ocupa este território desde há, pelo menos, seis mil anos. Símbolo máximo da Pré-História, o Dólmen 1 de Carapito, um dos maiores dólmenes da Península Ibérica, é um dos baluartes deste concelho. No entanto, poucas terras terão um centro histórico tão interessante como Aguiar da Beira, sobretudo caracterizado pelo conjunto monumental da Torre do Relógio ou Torre Ameada, da Fonte Ameada e do Pelourinho de Aguiar da Beira. Esta trilogia monumental é única, com três monumentos nacionais a estruturarem um espaço, o Largo dos Monumentos, espaço público central na malha urbana medieval do centro histórico de Aguiar da Beira. A Torre, construída no século XV, é uma estrutura imponente que domina o espaço urbano. Designa-se Torre do Relógio, porque, desde pelo menos o século XVIII, é este marco urbano que dava as horas que orientam a vida das populações de Aguiar da Beira. Primeiro com um designado "marcador do tempo", que marcava as horas por batida nos sinos, tendo sido instalado, em 1921,

um belo maquinismo do relógio construído em França, pela empresa Francis Paget & C.ª, Sucs.

A Fonte da Ameada, talvez edificada entre os séculos XIV e XV, é uma fonte de mergulho ou de chafurdo com o acesso definido por um arco quebrado que remete para o estilo gótico. O conjunto completa-se com o belíssimo Pelourinho que se poderá relacionar com o foral outorgado por D. Manuel, em 1512.

O concelho é marcado pela forte religiosidade, não havendo povoação que não possua, pelo menos, uma igreja. De todos os edifícios religiosos, especial destaque para o Santuário de Nossa Senhora dos Verdes, procurado pelos agricultores da região para os proteger das pragas e dos fenómenos naturais e para o auspício de boas e fartas colheitas. Esta devoção deve remontar ao ano de 1720, quando uma praga de gafanhotos se abateu sobre os campos da região, desaparecendo, somente, graças à intervenção de Nossa Senhora. É uma capela de arquitetura muito simples e singela, mas cuja decoração do século XVIII, de gosto barroco e joanino, transforma e valoriza, integrando a riqueza, policromia e complexidade característicos deste estilo arquitetónico.

Este é também um território onde se valoriza o prazer de se sentar à mesa. Aqui podemos degustar sabores diferenciados e as iguarias tradicionais e genuínas, como a bola de carne, os torresmos e enchidos,



Posto de turismo

Rua Dr. Lencastre Bernardo 10,
3570-031 Aguiar da Beira
232 689 100 | turismo@cm-aguiardabeira.pt

[maio a setembro] terça a sexta-feira: 9h > 12h30 -
14h > 17h30 | sábado: 14h > 17h30 | domingo:
9h > 12h30 | encerra à segunda-feira
[outubro a abril] segunda a sexta-feira: 9h > 12h30 -
14h > 17h30 | encerra ao sábado e domingo

o cabrito, a vitela assada ou o arroz de mís-caros e, para as sobremesas, as papas de milho, o requeijão com doce de abóbora, a maçã assada com canela, a castanha de Aguiar e as queijadas da aldeia de Carapito, o arroz doce ou o leite creme. Verdadeiramente sublime é o Queijo Serra da Estrela DOP acompanhado pelo bolo de azeite e os excelentes vinhos do Dão. Com

o objetivo de degustar e divulgar este produto DOP e homenagear os homens e as mulheres pastores e produtores de queijo, que fazem destas atividades o seu modo de vida, o Município de Aguiar da Beira organiza anualmente, no primeiro domingo de março, a Festa do Pastor e do Queijo Serra da Estrela, na localidade de Mosteiro/Pena Verde.



DÓLMEN 1 DE CARAPITO

AGUIAR DA BEIRA, CARAPITO

40°44'48.50"N | 7°28'00.97"W

MONUMENTO NACIONAL

Verdadeiro baluarte do megalitismo português, este é o maior dólmén da Beira Alta, classificado como Monumento Nacional em 21 de dezembro de 1974.

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos em 1966, por Vera Leisner e Leonel Ribeiro, deram uma dimensão internacional ao megalitismo desta região.

1 ACESSOS

De Aguiar da Beira, siga pela N330 por 6,2 km, até ao cruzamento que indica a aldeia de Carapito e corte para a M583-1. Siga até à povoação de Carapito, atravesse-a em direção à M583, até ao final da Rua do Rego, onde corta à esquerda para a Rua da Confraria, seguindo a estrada que liga à povoação de Queiriz por 1 km. Aí, corta à direita para um caminho de terra batida por mais 0,4 km. Siga a sinalética.

2 O MONUMENTO

Localmente conhecido como “Casa da Moura”, este monumento é um perfeito exemplo de como as comunidades locais se encontram perfeitamente harmonizadas com o património arqueológico e histórico e de como este fascina e alimenta a imaginação popular. Neste caso concreto, este dólmén encontra-se associado a uma lenda que conta que aqui seria a casa de uma moura que teria trazido a grande laje de cobertura à cabeça, vindo ainda a fiar. Ainda hoje na aldeia de Carapito é costume ou-

virem-se pessoas mais idosas dizerem que quando eram crianças, escutavam dizer que se escondia ali uma moura e, cheios de medo, iam, na mesma, espreitar, movidos pela curiosidade.

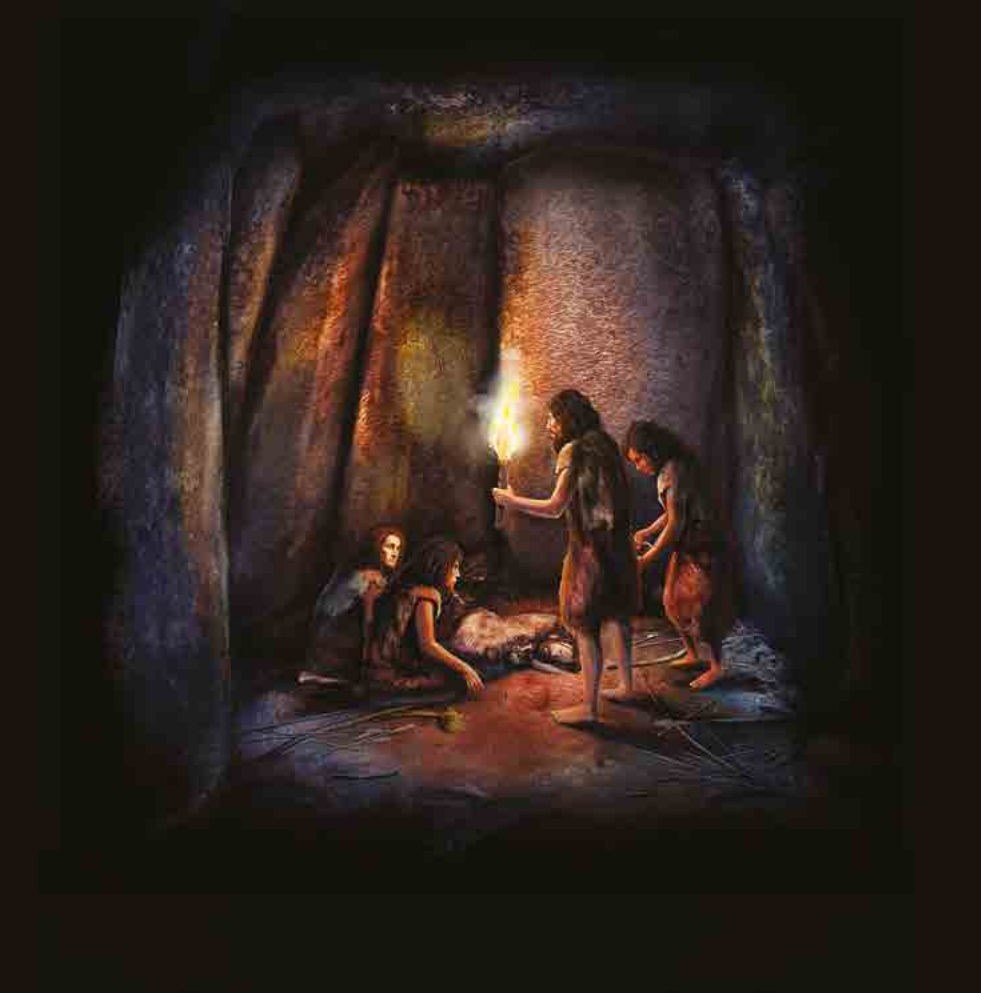
Este monumento foi referido pela primeira vez por Martins Sarmento em 1881, tendo sido alvo de diversas explorações, destacando-se, sem dúvida, a visita de Georg e Vera Leisner em 1933, que então fazem a planta do monumento e o decalque de algumas das gravuras, dando-o a conhecer ao mundo científico europeu.

Extremamente importantes para o estudo deste monumento foram os trabalhos efetuados em 1966 por Vera Leisner, Leonel Ribeiro e João de Castro Nunes, após os quais ficou abandonado até 1988, altura em que foi alvo de novos trabalhos efetuados no âmbito de um programa de valorização de monumentos megalíticos da zona centro de Portugal, desenvolvido pelos então Serviços Regionais de Arqueologia e dirigidos por Domingos Cruz e Raquel Vilaça da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Em termos arquitetónicos, trata-se de um dólmén de câmara simples, de planta poligonal ligeiramente alongada com nove esteios em granito, com uma altura que varia entre os 4,5 m e os 5,15 m.

Um dos aspetos mais emblemáticos deste dólmén são as gravuras que podemos observar em alguns dos seus esteios, sendo de destacar as seis figuras raiadas do esteio I.

Este dólmén é igualmente um marco na arqueologia portuguesa, pois faz parte de um restrito número de monumentos me-

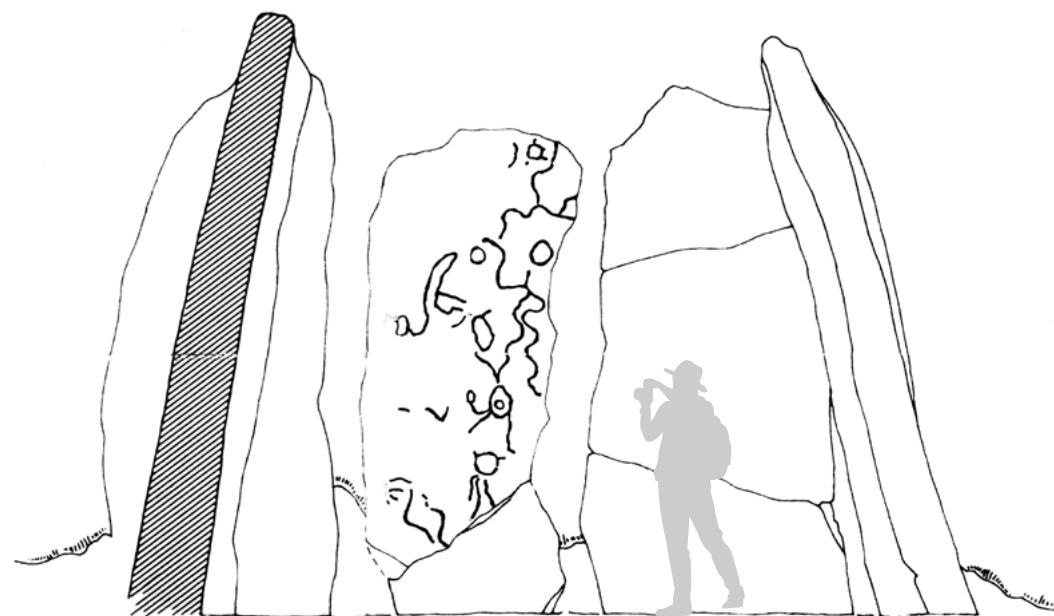
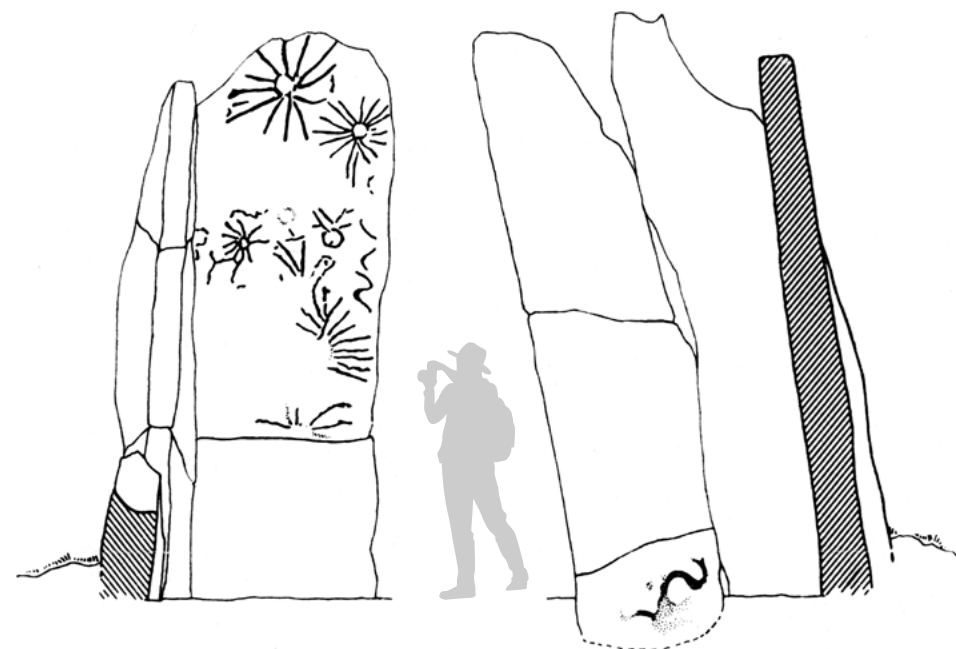


RECRIAÇÃO DE UM SEPULTAMENTO (FASE INICIAL)
ILUSTRAÇÃO: © ANYFORMS/EON

galíticos da Beira Alta que, há cerca de 50 anos, foram datados por radiocarbono 14, sendo assim, um dos primeiros dólmens a ser datado por métodos científicos. As datas obtidas para o Dólmen 1 de Carapito balizam a sua construção nos inícios do 4º milénio a.C., há cerca de 6000 anos, sendo um dos mais antigos dólmens do fenómeno megalítico português.

Este dólmen encontra-se integrado numa necrópole de mais três monumentos: o Dólmen 2 de Carapito, também conhecido como "Casa da Moira", o Dólmen 3 de Carapito e o Dólmen 4 de Carapito ou Orca da Revolta.

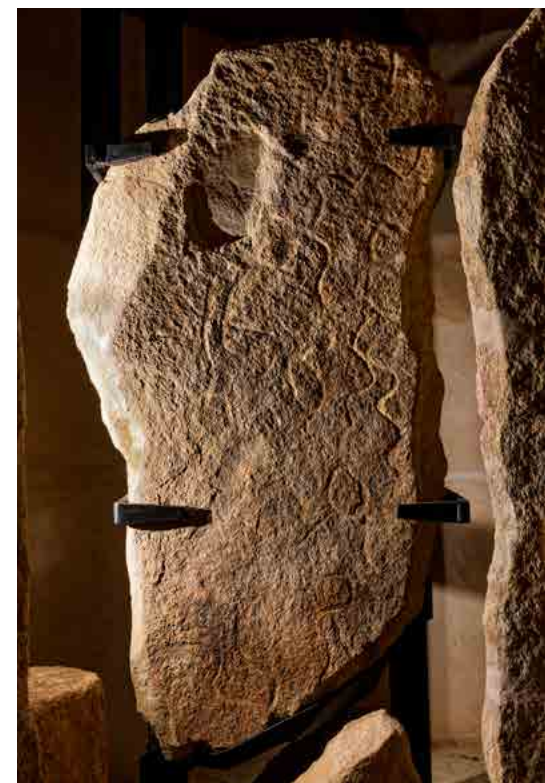
Todos estes monumentos foram alvo de trabalhos arqueológicos em 1966, dirigidos por Vera Leisner e Leonel Ribeiro, com a colaboração muito direta de João de Cas-

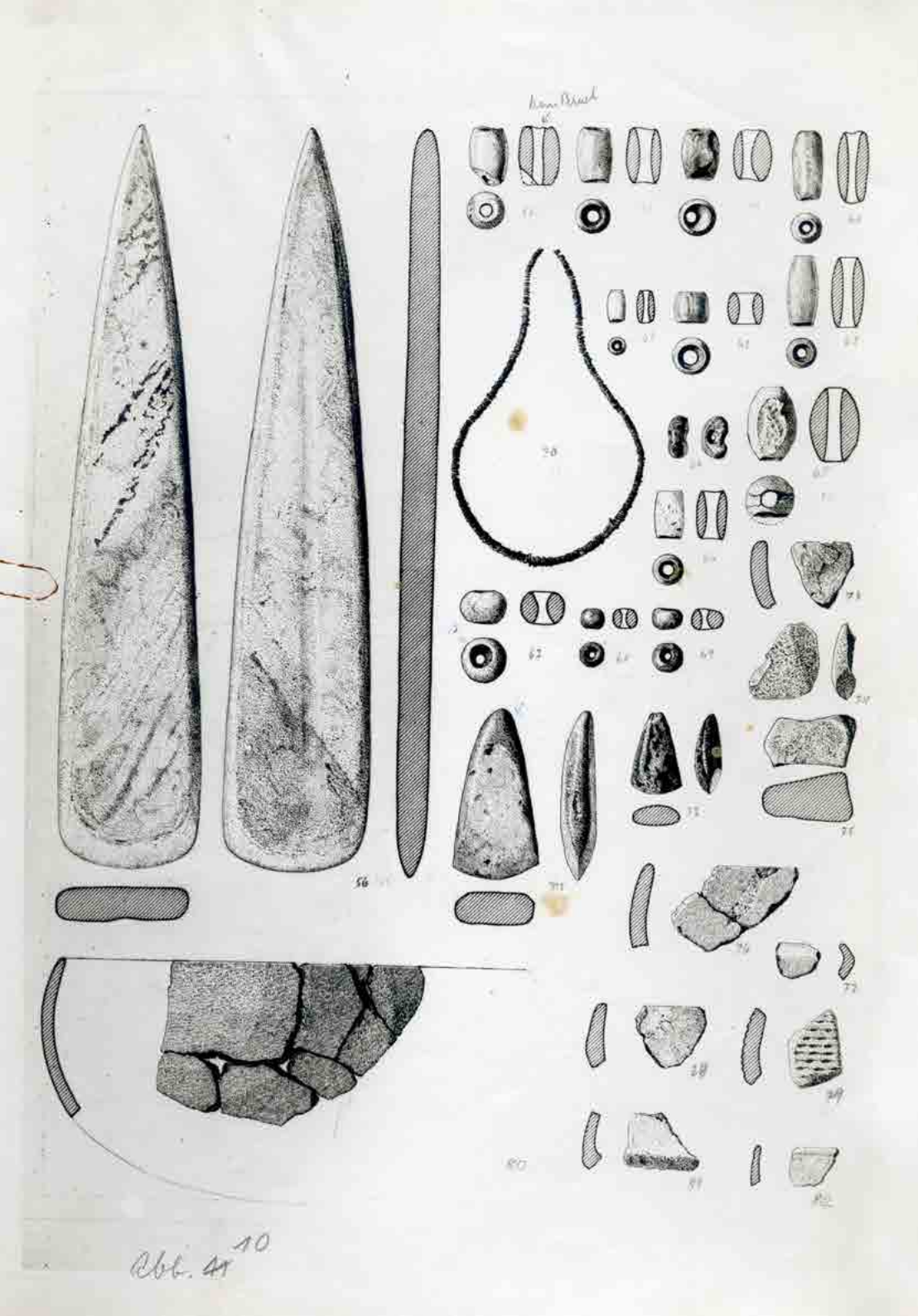


ESTEIOS GRAVADOS
LEVANTAMENTO: CRUZ E VILAÇA, 1990



MONUMENTO APÓS OS TRABALHOS DE RESTAURO E ESTEIOS DECORADOS (2024)
FOTOS: JOSÉ ALFREDO





tro Nunes, havendo ainda bastantes pessoas na aldeia de Carapito que os ajudaram e se lembram desses dias.

Nestes trabalhos participaram, igualmente, algumas pessoas da aldeia de Carapito como a D^a Maria Conceição Caseiro Barranha que se lembra de ter andado no dólmen a escavar com a “D^a Vera Leisner e o Eng^o Ribeiro”. Não resistimos a citar esta senhora sobre este assunto: “pagaram-nos 500 escudos... que bom que foi, pois naquele tempo não se via dinheiro, quase ninguém andava com dinheiro e nós recebemos quinhentos escudos... foi uma alegria. Crivávamos as terras num crivo, havia dois, um só de uma pessoa e outro, maior, para duas. Apanhávamos as contas de colar muito pequeninas. Dentro do dólmen apareceram três crânios que a Vera Leisner colocou em latas de Cerelac, pois nessa altura não havia caixas de cartão, eram de lata...” (conversa tida com a D^a Conceição Barranha em 1/10/2017).



COLAR EM CONTAS DE XISTO
MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA | FOTO: JOSÉ PAULO RUAS



O ESPÓLIO

O espólio exumado neste monumento é composto essencialmente por machados de pedra polida, micrólitos geométricos, pouca cerâmica e muitas contas de colar, com especial destaque para as de cor verde.

(PÁG. 101) MONUMENTO APÓS OS
TRABALHOS DE RESTAURO. 2024
FOTOS: JOSÉ ALFREDO

(PÁG. 102) DESENHOS ORIGINAIS
DO ESPÓLIO, POR VERA LEISNER
ARQUIVO LEISNER, DGPC | IAA, COTA AL/80/18/4312



OUTRAS INFORMAÇÕES

O espólio exumado neste monumento encontra-se depositado no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa.



10

ANTA DO PENEDO DO COM

PENALVA DO CASTELO, ESMOLFE

40°41'38.12"N | 7°40'12.22"W

IMÓVEL DE INTERESSE PÚBLICO



PONTAS DE SETA EM QUARTZO
1/2 TAMANHO REAL

Envolvido por enormes afloramentos graníticos, este incrível monumento espelha bem a grandiosidade que este fenómeno teve nesta região.

4 ACESSOS

Vindo pela M570, passe a povoação de Sezures e, cerca de 1 km da povoação, corte à direita. O monumento encontra-se a 2,6 km. Siga a sinalética.

TV O MONUMENTO

A primeira notícia que se conhece sobre este dólmén data de 1 de junho de 1911, publicada no jornal "O Século" e, posteriormente, transcrita por Leite Vasconcelos, onde, entre outros achados arqueológicos efetuados no concelho de Penalva do Castelo, dá conta da recolha de "[...] doze pontas de seta, sendo dez de sílex e duas de cristal de rocha [...], um machado de pedra polida, ossos, carvão e fragmentos de vasos em barro, e entre estes alguns lavrados", provenientes da Anta do Penedo do Com.

A Anta do Penedo do Com, conhecida também por Arca do Penedo do Com,



CONTAS DE COLAR EM VÁRIAS MATÉRIAS PRIMAS
(XISTO, VARISCITE, CALCITE E LIDITO)

encontra-se localizada numa área granítica designada popularmente por "Penedo do Com", nome dado por um enorme afloramento granítico que existiu no local, hoje completamente destruído depois da ação contínua, durante mais de cinquenta anos, de uma pedreira. O local é também conhecido por "Pontão", dada a sua proximidade, a apenas 100 m para norte, de uma pequena ponte em alvenaria, sobre a ribeira de Sezures.

O monumento encontra-se numa área irrigada por duas linhas de água, as ribeiras do Oronho e de Sezures, esta última tributária da margem direita da ribeira de Côja, afluente do rio Dão.

Na área envolvente podem ser observados enormes afloramentos graníticos, alguns dos quais formam autênticos abrigos, como o Abrigo 1 do Penedo do Com, onde foi identificada uma ocupação pré-histórica.

Este monumento foi alvo de trabalhos arqueológicos e de valorização em 1998, que permitiram a caracterização deste monumento como um dólmen de câmara poligonal alargada, tendencialmente retangular, de nove esteios, e corredor médio com 3 m de comprimento. Podemos ainda observar a pesada tampa ou chapéu com 15 toneladas. Os trabalhos efetuados, colocaram, igualmente, a descoberto um grande átrio que nascia diretamente do fim do corredor.

A mamoa apresenta um contorno tendencialmente subcircular, com 14,5 m no sentido NO-SE e 13 m no sentido NE-SO e 1 m de altura máxima.



O ESPÓLIO

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos em 1998 permitiram a recolha de 1075 artefactos, entre os quais 87 pontas de seta em sílex e quartzo leitoso, 17 micrólitos em sílex, 15 lamelas em quartzo hialino, 15 fragmentos de lâminas em sílex, um machado em pedra polida, provavelmente em anfibolito, 15 contas discoidais em xisto, quatro dezenas de contas de colar em variscite, mais de três dezenas de seixos do rio e de cristais de quartzo, quatro moinhos manuais e uma larga quantidade de fragmentos cerâmicos que permitiram, após a sua colagem, o registo de 41 vasos cerâmicos, entre os quais podemos contar cinco vasos campaniformes e oito vasos troncocónicos.

O pacote artefactual compreende, deste modo, peças da primeira fase de ocupação do sepulcro, enquadrável no Neolítico Médio, mas, sobretudo, uma grande quantidade de artefactos do Calcolítico (Idade do Cobre) ou mesmo, inícios da Idade do Bronze.



OUTRAS INFORMAÇÕES

O espólio referido por Leite de Vasconcelos encontra-se depositado no Museu e Laboratório Antropológico da Universidade de Coimbra.



PENDENTE EM APLITO
2X TAMANHO REAL



PRÓXIMO PONTO
PENALVA DO CASTELO

> 6 km

MANGUALDE

> 15 km

PRÓXIMO MONUMENTO

ORCA DA CUNHA BAIXA

> 23 km



PENALVA DO CASTELO

Com uma história invejável, Penalva do Castelo possui características tão especiais que tornam este território único.

A pouco mais de 4 km a sul da sede do concelho, na freguesia de Trancozelos, encontra-se o mais antigo convento da Ordem do Santo Sepulcro em Portugal. É um local extraordinário e mágico que nos remete para os primeiros tempos da nacionalidade.

É um território fortemente marcado pelo poder e influência de famílias senhoriais, como os fidalgos da Casa de Menezes, da Casa da Moita, da Casa de Real ou da Casa Magalhães Coutinho. Mas há uma que se destaca e que é, sem dúvida, um dos ex-libris de Penalva do Castelo: a Casa da Ínsua. Reconvertida em unidade hoteleira e aberta ao público em 2009, é o único hotel parador em território português. A Casa da Ínsua que hoje podemos vivenciar foi mandada construir na segunda metade do século XVIII, por Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, governador do Estado de Mato Grosso, no Brasil, entre 1771 e 1790, e uma das mais excecionais personalidades portuguesas da época.

Este é também um concelho de produtos de excelência. O vinho do Dão, de extrema qualidade, reserva um lugar especial à mesa. E logo ao seu lado temos o Queijo Serra da Estrela que tem aqui um dos principais pontos de produção, sendo por isso o mote da Feira do Pastor e do Queijo, que se realiza habitualmente no primeiro ou segundo domingo de fevereiro. Mas, se existe produto que leva o nome deste território a todo o país é a maçã Bravo de Esmolfe. Oriunda da povoação de Esmolfe, a cerca de 2 km da vila de Penalva do Castelo, rapidamente se difundiu pelas terras mais frias da Beira Alta. Este delicioso fruto de casca esverdeada, sabor intenso e polpa macia, tem vindo a ser cada vez mais apreciado e reconhecido pela comunidade científica como benéfico para a saúde.



Município de Penalva do Castelo Serviço de Turismo

Avenida Castendo 1, 3550-185 Penalva do Castelo
232 640 020 | turismo@cm-penalvadocastelo.pt

segunda a sexta-feira: 9h > 12h30 · 14h > 17h30





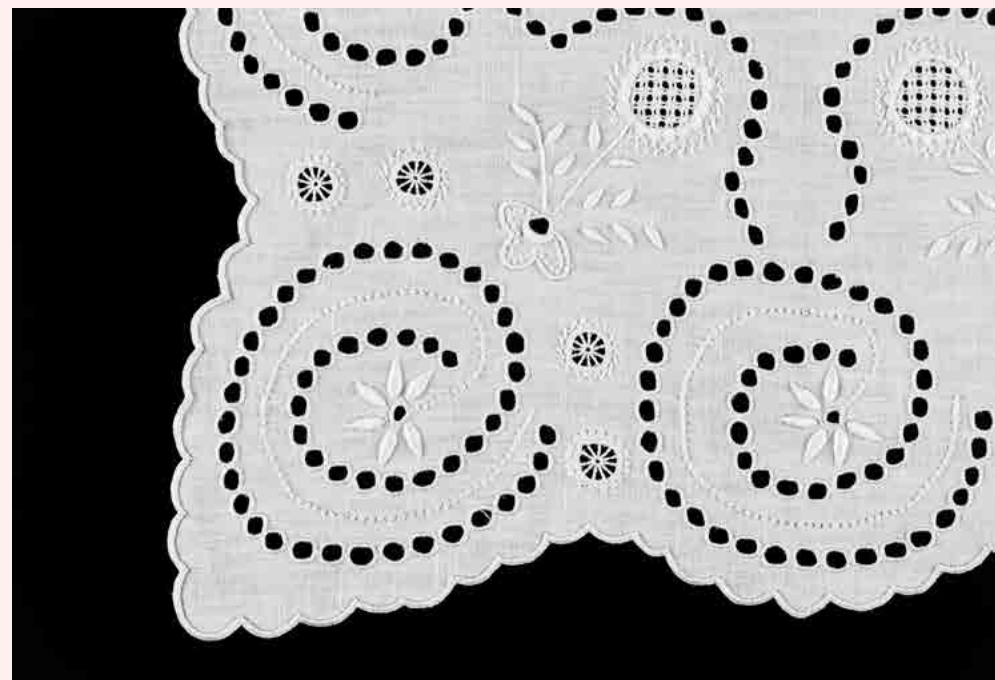
MANGUALDE

Conhecido como as antigas Terras de Azurara e Terras de Tavares, o concelho de Mangualde goza do privilégio da sua localização no cruzamento de importantes vias de comunicação e da Linha da Beira Alta, principal via de ligação à Europa por caminho-de-ferro, fazendo deste um dos mais industrializados territórios da região.

Esta centralidade foi a razão pela qual os romanos implantaram, mesmo no sopé do monte da Senhora do Castelo, uma estalagem (*mansio*), no sítio arqueológico conhecido como Citânia da Raposeira. De facto, a identidade patrimonial deste território é extraordinária, convidando-nos a conhecer sítios e monumentos fantásticos distribuídos um pouco por toda esta região. Particularmente importante é o Real Mosteiro de Santa Maria de Maceira Dão, mandado erigir por D. Soeiro Teodoniz, em 1173, num dos casais de Fagilde que lhe fora doado por D. Afonso Henriques, em agradecimento pela cura de um familiar, tendo pertencido, inicialmente, à Ordem Beneditina para ingressar, mais tarde, na de Cister. A sua localização, meticulosamente escolhida, em planície fértil e junto a um rio, permitia o sustento dos monges, a meditação e o culto numa paz edificamente bucólica.

De entre as várias dezenas de capelas e igrejas com que nos deparamos em qualquer povoação, não podemos deixar de destacar a ermida de Nossa Senhora de Cervães, situada a cerca de 1 km de Santiago de Cassurrães, dedicada ao culto mariano. Diz a lenda que a Virgem terá aparecido noutra local, mas que mais tarde foi ali que quis ficar. A atual ermida foi reconstruída em finais do século XVIII, inserida num adro delimitado por cerca granítica. Em evidência encontra-se a imagem de N^a Senhora de Cervães, pela beleza do trabalho artístico, estofada, de calcário branco, oriunda das oficinas de Coimbra, datada do século XV, resguardada no camarim do retábulo do altar-mor.

Mesmo no centro da cidade de Mangualde, impõe-se com aparato a mais sumptuosa residência senhorial de toda a Beira Alta: o Palácio dos Condes de Anadia. Edificado nos inícios do século XVIII, com continuidade até ao século XIX, pela linhagem dos Paes de Amaral, descendentes do capitão-mor do concelho de Azurara e, depois, condes de Anadia, a sua monumentalidade marca indelevelmente a paisagem urbana da cidade de Mangualde e faz deste a sede de toda uma história que liga os Paes de Amaral aos destinos do concelho de Mangualde.



BORDADO DE TIBALDINHO

A fachada principal, oferece o esplendor característico do estilo barroco, numa sobriedade imponentemente majestosa que, conjuntamente com o todo arquitetónico, será de risco atribuído a Gaspar Ferreira, arquiteto conimbricense. Do lado sul fica a "*loggia*" abalastrada que, deitando para um pátio interno, encontra a sua magnificência arquitetónica na originalidade da escadaria. É aqui que, ao gosto e jeito italianos, sob o traço do Mestre Mendes Coutinho, se pode observar as vivas e construtivas achegas de outros contemporâneos, como Nicolau Nasoni.

No interior, é a decoração barroca e rococó que predomina, acompanhada pela presença constante de magníficos painéis de azulejos da tradição coimbrã. Conjuntamente com os jardins, a quinta e a mata adjacentes, delimitadas pela cerca granítica, constituem um verdadeiro oásis na cidade de Mangualde.

Mas a oferta de Mangualde não se esgota no património histórico e arqueológico. Outro há, igualmente importante, que faz parte da identidade das gentes que aqui vivem: o património gastronómico. O cozido beirão à moda de Mangualde é um prato típico feito de carne de porco bísaro autóctone. O entrecosto, a chouriça, a morcela

e a farinheira da beira, cozida ou frita, a orelha, a entremeada, a batata, os grelos ou a couve, a cenoura e a cabeça de nabo são acompanhados de arroz que deve ser feito com a água da cozedura das carnes. Na sua origem, este prato era cozinhado em panela de ferro numa fogueira a lenha. Atualmente, o fogão substitui a lenha e as panelas de ferro foram substituídas pelas panelas atuais, mas a dedicação na sua confeção e o sabor da tradição mantêm-se.

Numa região fortemente ligada à pastorícia, a carne de cabrito de excecional qualidade faz desta uma das principais iguarias que se pode comer em Mangualde: o cabrito assado em forno de lenha. Também chamado de saltarico da montanha, por andar sempre em movimento, o cabrito assado começou por ser confeccionado nos antigos fornos a lenha que existiam praticamente em todas as casas para cozer o pão.

Verdadeiramente deliciosos, os Pastéis de Feijão do Patronato, são, sem dúvida, um dos mais fantásticos doces regionais do país. De origem conventual, constituem uma das mais antigas e tradicionais receitas da cozinha beirã. Exclusivos da Pastelaria do Patronato, com uma produção limitada, o segredo dos ingredientes do seu recheio tem passado de geração em geração, entre as pessoas que colaboram diariamente nesta pastelaria, com o compromisso efetivo de não o divulgarem.

Por fim, a mesa mangualdense não dispensa um bom Queijo Serra Estrela acompanhado por um bom vinho do Dão. Estes dois produtos de eleição encontram neste

território um dos principais focos de produção da Beira Alta.

A tradição ainda é o que era na aldeia de Tibaldinho, a apenas 8 km de Mangualde. Aqui evoca-se uma das artes mais tradicionais e características da Beira: os Bordados de Tibaldinho. Há mais de cento e cinquenta anos que as mulheres de Tibaldinho e de outros lugares da freguesia de Alcafache romperam o círculo fechado de uma magra economia de subsistência, passando a contribuir, com dinheiro obtido com a venda dos bordados, para o sustento familiar. A importância que o bordado tinha na economia familiar é-nos dada pela lenda de que em Tibaldinho "*até os homens bordavam*". Atualmente, as bordadeiras executam bordados por encomenda e a gosto do cliente. Este bordado constitui um caso especial entre os bordados tradicionais portugueses e, mais do que uma imagem, um conjunto de pontos e motivos, constitui uma atividade a que corresponde um produto único, pelo seu valor patrimonial e simbólico.

O primeiro domingo de novembro é um dia especial em Mangualde. É o dia da Feira dos Santos ou das Febras, altura em que milhares de pessoas vêm até à sede de concelho comer febras e confraternizar. É um fim de semana de festa e alegria, que tão bem caracteriza a identidade dos mangualdenses.



Posto de turismo de Mangualde

Largo Dr. Couto, 3534-004 Mangualde
232 613 980 | turismo@cmmangualde.pt
segunda a sexta-feira: 9h > 12h30 · 14h > 17h30



11

ORCA DA CUNHA BAIXA

MANGUALDE, CUNHA BAIXA

40°34'12.25"N | 7°46'15.18"W

MONUMENTO NACIONAL



GEORG LEISNER NA ORCA DA CUNHA BAIXA, ANOS 30 DO SÉCULO XX
IMAGEM: ARQUIVO LEISNER / DAI MADRID / POLO LISBOA / BIBLIOTECA
DE ARQUEOLOGIA DA DGPC / COTA: D-DAI-LX-AL-KB-9398

Este é um dos maiores dólmenes da Beira Alta e foi o primeiro a ser escavado pelo incansável arqueólogo José Leite de Vasconcelos. A sua imponência e o seu aspeto estético e fotogénico, tornaram-no no dólmen português mais representado internacionalmente.

ACESSOS

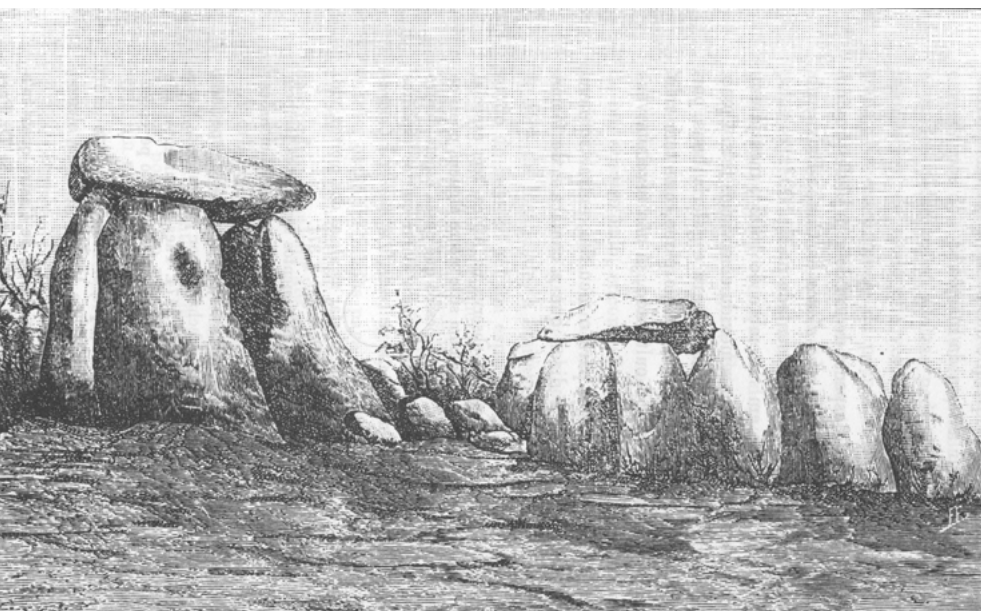
Depois de visitar o posto de turismo de Mangualde, apanhe a EN232 que segue para Gouveia. Siga pela Avenida dos Montes Hermínios por 0,4 km e corte à direita

em direção à povoação da Cunha Baixa. Atravesse a povoação, entre na Rua Casal Sul e percorra 0,6 km até encontrar um caminho em terra batida à direita. O dólmen encontra-se a 300 m.

O MONUMENTO

Foi há 132 anos, mais precisamente em 1889, que saiu, no jornal "*O Novo Tempo*", a primeira notícia sobre este monumento. Em setembro de 1892, Leite de Vasconcelos explora-o a convite do seu amigo Alberto Osório de Castro, tendo sido o primeiro monumento megalítico que este insigne arqueólogo escavou no âmbito da campanha





DESENHO DE FRANCISCO ALMEIDA MOREIRA
IMAGEM: VASCONCELOS, 1897

que efetuou entre 1892 e 1896, na região de Viseu, para recolher objetos arqueológicos destinados ao Museu Etnológico Português (atual Museu Nacional de Arqueologia), de que era diretor e fundador.

Também conhecido por Casa d'Orca ou Casa da Moura, este dólmen é referência obrigatória em todos os estudos do megalitismo português, tendo sido alvo de trabalhos de conservação e restauro em 1987 e 2020.



MOTIVOS GRAVADOS NUM ESTEIO DO CORREDOR
LEVANTAMENTO: VILAÇA E CRUZ, 1989

Em termos arquitetónicos, trata-se de um dólmen com uma câmara de planta tendencialmente retangular, com 3 m de largura e um corredor longo, com 7,2 m de comprimento. À entrada da câmara foi colocado um pequeno pilar a demarcar simbolicamente o espaço do corredor e da câmara funerária. Os trabalhos arqueológicos permitiram identificar os vestígios de um lajeado que forrava o chão do monumento.

Os vestígios de pinturas que existiram neste monumento, e que Georg Leisner ainda viu na década de 30 do século XX, já não existem. No entanto, é possível observarem-se covinhas gravadas na tampa e na face exterior de um dos esteios da câmara. Os trabalhos de 1987 mostraram, igualmente, gravuras em dois esteios do corredor representando motivos abstratos.

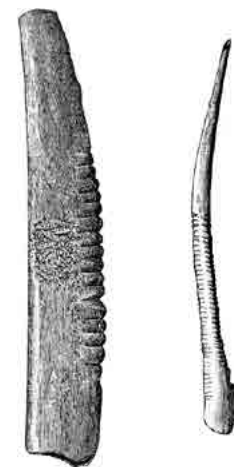
Um dos achados mais surpreendentes foi feito por Leite de Vasconcelos, ao recolher um pilar em granito que lembra um menir, decorado com 15 sulcos e em cujo topo foi gravada uma covinha.



O ESPÓLIO

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos por Leite de Vasconcelos e por Vilaça / Domingos Cruz permitiram exumar quatro machados de pedra polida, uma conta de colar em xisto cinzento, oito lâminas em sílex, dez micrólitos, igualmente em sílex, e alguns fragmentos cerâmicos.

Nos anos sessenta do século XX foi recolhido um artefacto em cobre e, em 1978, Valentim da Silva, historiador local, refere o



PILAR GRAVADO (FRENTE E LATERAL)
IMAGEM: VASCONCELOS, 1904 | MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA

achado de uma ponta de seta de que se desconhece o paradeiro.

Nas imediações do monumento foi ainda recolhido um percutor com uma forma conhecida como "martelo de mineiro".



OUTRAS INFORMAÇÕES

O espólio referido por Leite de Vasconcelos encontra-se depositado no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa.

PRÓXIMO MONUMENTO
ORCA DOS PADRÕES

> 6,2 km

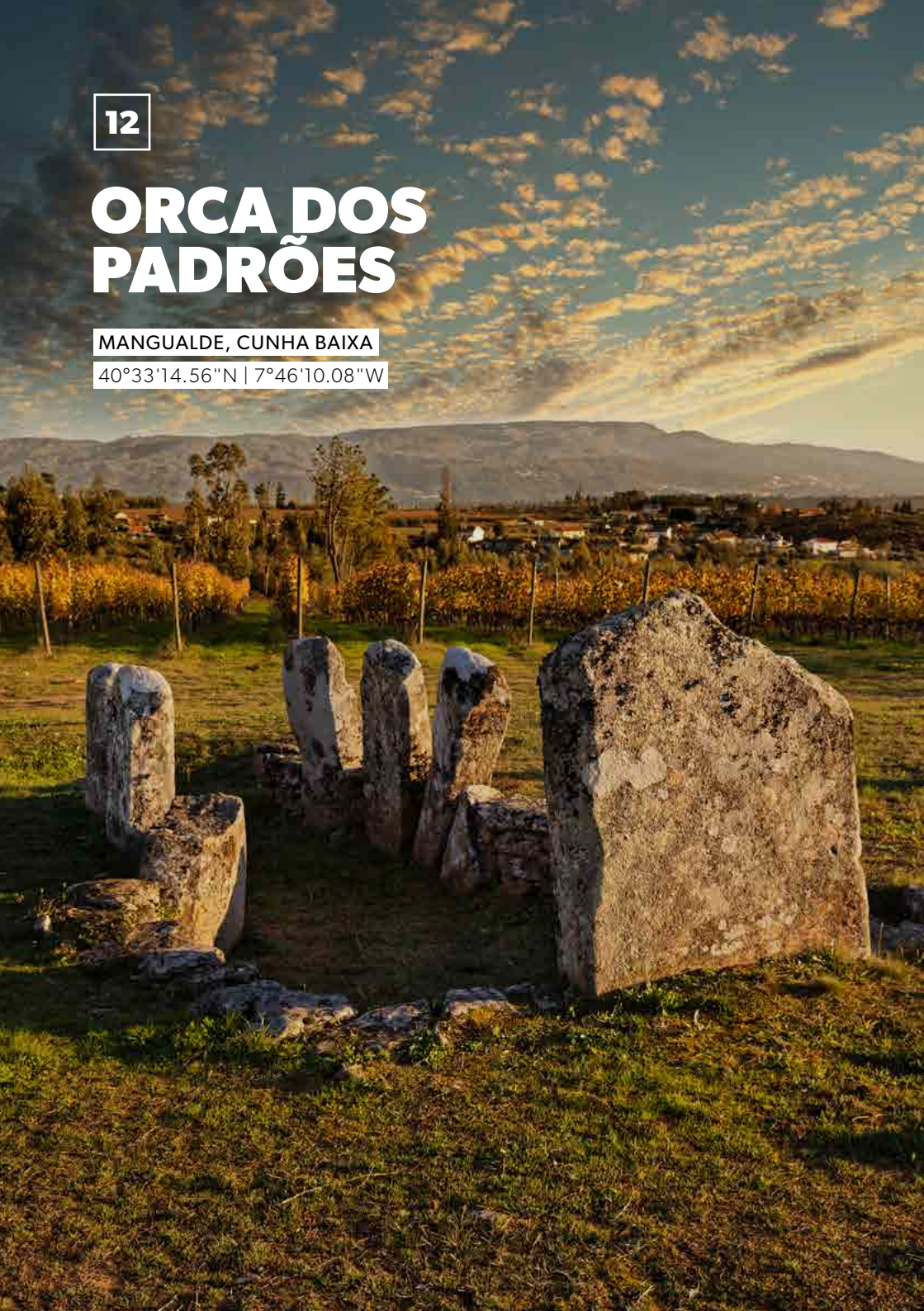


12

ORCA DOS PADRÕES

MANGUALDE, CUNHA BAIXA

40°33'14.56"N | 7°46'10.08"W



Construído há mais de cinco mil anos, este dólmen encontra-se implantado num dos mais fantásticos sítios desta rota. A serra da Estrela ergue-se, majestosa, defronte deste, dominando por completo a amplitude visual.

4 ACESSOS

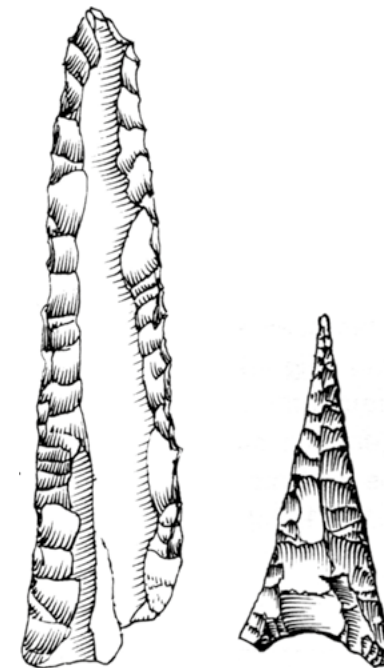
Na estrada que liga a povoação de Póvoa de Espinho a Outeiro de Espinho encontra, a 0,8 km, um caminho de terra batida que dá acesso à Quinta dos Carvalhais. O monumento fica a 0,9 km. Siga a sinalética.

o MONUMENTO

Situado no topo de uma zona aplanada, a 479 m de altitude, a Orca dos Padrões domina visualmente um vasto território. A paisagem deslumbrante é dominada pela serra da Estrela e, bem mais próximas, pelas extensas vinhas da Quinta dos Carvalhais.

Tal como outros monumentos da região, também este dólmen foi explorado por Leite de Vasconcelos, desta feita em setembro de 1892, tendo escavado a câmara e o corredor. Em 1993 foi alvo de novos trabalhos arqueológicos, de restauro e valorização.

Embora muito arruinado, este monumento define-se arquitetonicamente como um dólmen de câmara poligonal de nove esteios, de planta tendencialmente retangular, com 2,8 m de largura, 3,2 m de comprimento e 2,32 m de altura, e corredor com 3,8 m de comprimento.



LÂMINA E PONTA DE SETA EM SILEX
TAMANHO REAL | DESENHO: JOSÉ AUGUSTO DIAS

Surpreendente é a grande laje que poisa ao lado do monumento com quase 3 m de comprimento e que teria sido a primitiva tampa da câmara funerária. Esta laje tem uma forma antropomórfica, apresentando a zona da cabeça dividida da do corpo por um sulco bem afeiçoado e definido, com 10 cm de profundidade.

A mamoa, muito destruída, deveria ter tido um diâmetro de cerca de 20 m.

Durante os trabalhos efetuados em 1993 foram recolhidas várias amostras de carvões, que permitiram datar que o monumento deve ter sido construído entre 3140 e 2880 a.C.



LAJE ANTROPOMÓRFICA



O ESPÓLIO

O espólio exumado é muito interessante e revela uma intensa reutilização deste dólmen nos inícios da Idade do Bronze. Para além de um machado de pedra polida, recolhido por Leite de Vasconcelos no corredor, e de um outro machado e uma enxó, exumados por Castro Nunes na década de 60 do século XX, a escavação de 1993 permitiu o achado de mais

um machado de pedra polida, de nove pontas de seta e sete micrólitos em sílex e quartzo, cinco lâminas também em sílex, um núcleo prismático em quartzo hialino e uma conta de colar em variscite. Foram ainda achados mais de centena e meia de fragmentos cerâmicos, muito deles pertencentes a vasos da Idade do Bronze, decorados com linhas incisas em forma de espinha.



VASO DECORADO
DA IDADE DO BRONZE
DESENHO (ADAPTADO):
JOSÉ AUGUSTO DIAS

De referir, ainda, o achado de uma pequena laje de contorno antropomórfico no interior da câmara, que aparenta ser uma peça de carácter simbólico.

Por último, temos de mencionar o achado de algumas peças de períodos mais recentes, como telhas de Época Romana e de uma fivela de Época Visigótica, bem demonstrativas do interesse e curiosidade que estes monumentos despertam nas comunidades humanas desde, pelo menos, há dois mil anos.



OUTRAS INFORMAÇÕES

O espólio exumado por João de Castro Nunes encontra-se no Núcleo de Arqueologia de Arganil.

PRÓXIMO PONTO NELAS

> 9 km

PRÓXIMO MONUMENTO ORCA DO FOLHADAL

> 13 km



NELAS

Nelas é um concelho que facilmente fica no coração. Quem percorre este território e fala com a suas gentes, facilmente se apercebe quais são os dois elementos que definem a sua maneira de ser e de estar: a água e o vinho.

A água porque está presente, sobretudo, num dos principais pontos turísticos do concelho: as termas das Caldas da Felgueira. Sítio de excelência, estas termas, localizadas na margem direita do rio Mondego, possuem uma característica que as torna únicas. A água emerge a uma temperatura de cerca de 35° C, classificando-se assim como uma água mesotermal, por ser próxima da temperatura corporal humana, sendo, de facto a água mineral natural portuguesa com temperatura de emergência mais próxima da nossa. Estas águas termais são usadas no tratamento de problemas das vias respiratórias, reumatologia e reabilitação e no tratamento da pele.

Mas se a água trata o corpo, o vinho trata a alma e Nelas está no cerne da região vitivinícola do vinho do Dão. É aqui que funciona, desde 1946, o Centro de Estudos Vitivinícolas do Dão que promove estudos científicos sobre o vinho, a vinha e o território e que se realiza, anualmente, a maior feira de vinho do Dão da região.

Nelas é também um território com "pedigree". E isso está bem patente na vila de

Santar, recheada de solares e casas senhoriais, testemunho inequívoco de um passado nobre e distinto. É precisamente nesta vila de Santar que se tem desenvolvido um projeto singular denominado de "Santar, Vila Jardim" que aposta na preservação, conservação e valorização dos jardins e terraços que envolvem a Casa dos Condes de Santar e Magalhães, Casa da Magnólia, Jardim da Igreja da Misericórdia, Jardim dos Linhares, Casa Ibérico Nogueira, Casa das Fidalgas, entre outros.

O Município de Nelas foi um dos pioneiros da região a apoiar a investigação arqueológica, logo nos meados dos anos 80 do século XX, tendo sido um parceiro ativo no desenvolvimento do PEABMAM (Programa de Estudo Arqueológico da Bacia do Médio e Alto Mondego), integrado entre 1984 e 1989, na linha de ação (Unidade) de Arqueologia (UNIARCH) do Centro de História da Universidade de Lisboa, no âmbito das atividades do Instituto Alexandre Herculano de História Regional e Municipalismo e Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa, liderado pelo professor João Carlos de Senna-Martinez. Atualmente, e a par com o município vizinho de Carregal do Sal, encontra-se a apoiar o projeto NeoMega, que tem como objetivo a continuação do estudo do megalitismo, com a escavação da Orca da Lapa do Lobo, na freguesia da Lapa do Lobo, com o prestigioso apoio da Fundação Lapa do Lobo, e a escavação da Orca de Troviscos, em Carregal do Sal.



SALA-MUSEU DE CANAS DE SENHORIM

A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Canas de Senhorim apoia, desde os anos 80, um vasto conjunto de trabalhos de investigação arqueológica desenvolvidos no concelho de Nelas. Esta singular ligação, movida por razões de interesse local e científico, resultou na abertura da Sala-Museu de Canas de Senhorim em 1996, então composta por coleções arqueológicas da Pré-História ao período Medieval dos concelhos de Nelas, Carregal do Sal e Seia.

Posto de turismo de Nelas

Praça Professor Dr. José Veiga Simão,
3520-054 Nelas
232 942 371 | posto.turismo@cm-nelas.pt

segunda a sexta-feira | 9h > 13h · 14h > 17h
encerra ao sábado e domingo

Sala-Museu de Canas de Senhorim

Rua do Comércio
3525-052 Canas de Senhorim
232 671 272 | secretaria@bvcanas.com
mediante marcação prévia

Presentemente, a A.H.B.V. de Canas de Senhorim coopera com o Município de Nelas para proceder à modernização do espaço museológico.

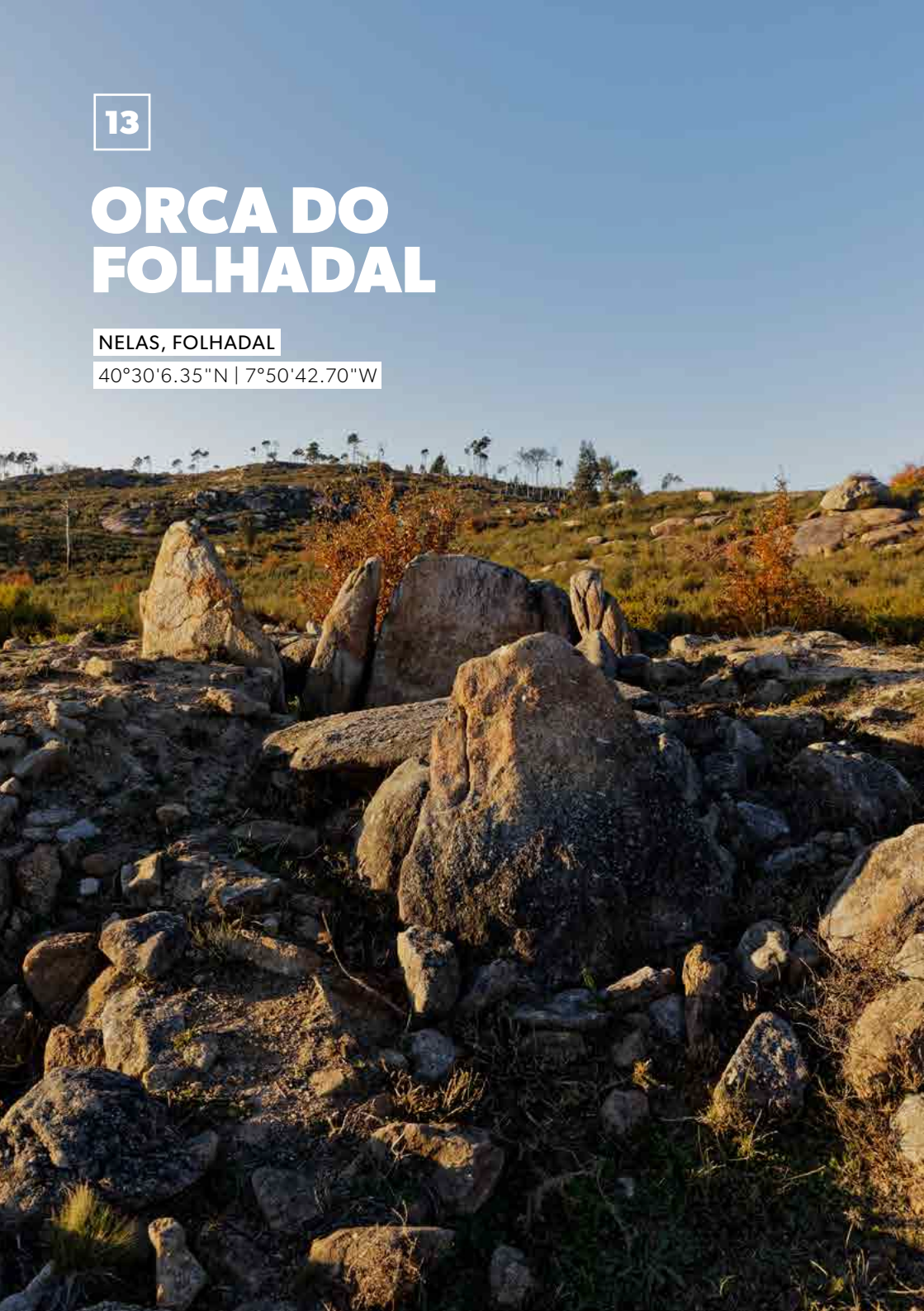


13

ORCA DO FOLHADAL

NELAS, FOLHADAL

40°30'6.35"N | 7°50'42.70"W



MICRÓLITOS, LÂMINAS E NÚCLEO EM SÍLEX E QUARTZO
SALA-MUSEU DE CANAS DE SENHORIM

A narrativa que este dólmen encerra é verdadeiramente deslumbrante. Sob o monumento, os arqueólogos descobriram os vestígios de uma pequena aldeia onde, certamente, viveram os antepassados dos seus construtores.



ACESSOS

Vindo da vila Nelas, tome a EN231 e, logo à saída, corte à direita para a Avenida António Monteiro. Siga até à povoação de Folhadal. Atravesse a povoação até ao Largo do Comércio e siga pela estrada de terra

batida por 0,8 km. Estacione e siga por mais 0,5 km a pé. Desfrute da extraordinária paisagem. Siga a sinalética.



O MONUMENTO

Este singular dólmen foi arqueologicamente intervenção entre 1997 e 1998 por João Carlos de Senna-Martinez e José Quintã Ventura. Estas intervenções colocaram a descoberto um dólmen de câmara poligonal e corredor curto e, excepcionalmente bem conservadas, as estruturas defronte do corredor, nomeadamente o corredor intratumular e o átrio. É um dos



VISTA PARA A SERRA DA ESTRELA
DA ORCA DO FOLHADAL

poucos monumentos que preserva a porta em pedra, original, a obstruir a entrada do corredor.

A continuação dos trabalhos, entre 1999 e 2001, revelou um dado invulgar: a existência de um povoado mais antigo que se

estende por debaixo do dólmen. Concretamente, foram descobertos os vestígios de cinco cabanas com plantas ovais, com 4 m de comprimento e 3 m de largura.

A edificação do dólmen acabou por se apropriar deste espaço, marcando-o ago-

ra com a construção de um monumento funerário. Teria havido um propósito ritual ou, simplesmente, a memória de uma antiga povoação neste local que já havia sido esquecida?



O ESPÓLIO

O espólio exumado no dólmen é composto por seis micrólitos e duas lâminas em sílex, sendo de referir a ausência de cerâmica.

Na mamoa foram recuperados alguns artefactos, certamente trazidos da área envolvente, onde se encontrava o povoado, nomeadamente alguns fragmentos cerâmicos muito erodidos e, sobretudo, lascas, lamelas e lâminas em quartzo e sílex.

O parco espólio associado às cabanas e as suas características apontam para um momento que se pode caracterizar como o Neolítico Antigo Evolucionado regional, dos inícios do 5º milénio a.C., também reconhecido em outros sítios como a Quinta do Soito, localizado a 500 m de distância e o Penedo da Penha, a 4 km.



OUTRAS INFORMAÇÕES

O espólio encontra-se depositado na Sala-Museu de Canas de Senhorim, da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Canas de Senhorim.

Este monumento encontra-se inserido no Circuito Pré-Histórico de Nelas.

**PRÓXIMO
MONUMENTO**
**ORCA DE
PRAMELAS**
> 10,4 km



14

ORCA DE PRAMELAS

NELAS, CANAS DE SENHORIM

40°30'46.74"N | 7°54'47.84"W

IMÓVEL DE INTERESSE PÚBLICO



BRAÇAL DE ARQUEIRO EM XISTO
TAMANHO REAL | SALA-MUSEU DE CANAS DE SENHORIM

Com uma história singular, este dólmen foi visitado pelos romanos que, provavelmente, também o usaram como sepultura.

1 ACESSOS

Partindo da vila de Nelas, tome a N234 em direção a Canas de Senhorim. Daqui, siga pela estrada que segue para a povoação de Aguieira e corte à esquerda para um estrada em terra batida, que se encontra a 0,8 km. O monumento encontra-se a 0,2 km.

TV O MONUMENTO

A Orca de Pramelas, ou Orca de Tramelas, entrou na história da arqueologia em 1985, após ter sido descoberta por Horácio Manuel da Silva Peixoto.

Os trabalhos arqueológicos, então levados a cabo por João Carlos de Senna-Martinez e António Carlos Valera, puseram a descoberto um interessante dólmen de câmara poligonal de planta trapezoidal, com nove esteios e um corredor curto, com apenas 2 m de comprimento. O chão da câmara era pavimentado com lajes em granito, sobre o qual foi colocada uma fina camada de areia muito fina e o corredor



ESPÓLIO DA ORCA DE PRAMELAS
SALA-MUSEU DE CANAS DE SENHORIM

pavimentado com um empedrado de cascalho miúdo.

Um aspeto muito curioso foi o achado de vestígios romanos no interior da câmara, que poderão, eventualmente, corresponder a uma reutilização como sepultura no século IV. Esta ocupação romana selava o nível de utilização primária, do Neolítico, à qual pertencia um conjunto de artefactos que se enquadram na fase mais antiga do megalitismo regional.

Esta apropriação do monumento por outros povos de cronologias mais recentes demonstra claramente o fascínio que os dólmenes exerceram ao longo de milhares de anos.

O ESPÓLIO

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos entre 1986 e 1987 permitiram a recolha de um conjunto de peças que se enquadram na fase mais antiga do megalitismo regio-

nal. Concretamente, foram exumados dez micrólitos, duas lâminas, dois machados de pedra polida, um colar feito de 450 pequenas contas discoidais em xisto e vários fragmentos de moinhos manuais. Destaque especial para uma peça muito rara nos contextos funerários pré-históricos da Beira Alta, tecnicamente denominada por "braçal de arqueiro", em xisto. Este tipo de peça tem surgido sempre associado a contextos do Calcolítico, sendo, por isso, de considerar uma ocupação deste monumento durante este período.

Menos comum foi o achado de peças da Época Romana. Efetivamente, foram exumadas três moedas do século IV, vários fragmentos de vasos e dois fragmentos de cossoiros.

OUTRAS INFORMAÇÕES

O espólio exumado neste monumento encontra-se exposto na Sala-Museu de Canas de Senhorim.

O monumento encontra-se incluído no Circuito Pré-Histórico de Nelas.



NUMMUS DE MAGNÊNCIO DATADA DO ANO 351-353
DIÂMETRO: 3 CM | SALA-MUSEU DE CANAS DE SENHORIM

PRÓXIMO MONUMENTO

ORCA DE FIAIS DA TELHA

> 10,6 km

15

ORCA DE FIAIS DA TELHA

CARREGAL DO SAL, OLIVEIRA DO CONDE

40°26'37.81"N | 7°56'17.20"W

MONUMENTO NACIONAL



ESPÓLIO DA FASE DE UTILIZAÇÃO DO NEOLÍTICO MÉDIO
MUSEU MUNICIPAL MANUEL SOARES DE ALBERGARIA, CARREGAL DO SAL

Autêntico modelo megalítico, este é, sem dúvida, um dos mais emblemáticos dólmenes portugueses. O seu excelente estado de conservação permite percebermos, como em nenhum outro, o engenho e a arte necessária para a edificação destes imponentes monumentos.

ACESSOS

Depois de passar Canas de Senhorim, tome a estrada que segue para Carregal do Sal. Atravesse a povoação da Lapa do Lobo e passados cerca de 1600 m tome um ca-

minho à esquerda. Percorra a estrada mais 1 km até entrar num estradão em terra batida. O monumento encontra-se a 1300 m. Siga a sinalética.

O MONUMENTO

Também denominado por Dólmen da Orca e Lapa da Orca, este admirável sepulcro ergue-se num extenso planalto solbranceiro ao rio Mondego, que corre a sul, encontrando-se integrado numa necrópole de uma dezena de dólmenes de variada tipologia.

Foi intervencionado pela primeira vez em setembro de 1895, por Maximiano



VASOS DECORADOS DA FASE DE REUTILIZAÇÃO DO SEPULCRO NO CALCOLÍTICO/IDADE DO BRONZE
MUSEU MUNICIPAL MANUEL SOARES DE ALBERGARIA, CARREGAL DO SAL

Apolinário, resultando no achado de uma ponta de seta, então depositada no Museu Nacional de Arqueologia. Contudo, foi preciso esperar 90 anos para este monumento ser alvo de um estudo arqueológico. Efetivamente, entre 1986 e 1988, J. C. Senna-Martinez e J. M. Quintã Ventura desenvolveram três campanhas de escavação arqueológica, resultando num conjunto de dados que tornaram este monumento uma referência incontornável do megalitismo nacional.

Trata-se de um dólmen de câmara poligonal de planta subrectangular, composta por nove esteios, com 4 m de comprimento e 2,8 m de largura e um corredor longo com 7,6 m de comprimento. O esqueleto

dolménico é envolvido pela mamoa que tem uma planta oval com 21 m no eixo maior e 18 m no eixo menor.

Um dos aspetos mais interessantes deste dólmen é o facto de ainda conservar a "laje de guilhotina" na posição original. De facto, é um dos raros dólmenes do centro de Portugal, e o único desta rota, que ainda mantém esta laje que fecha o vão criado pelo desnível entre o corredor e a câmara.



ORCA DE FIAIS DA TELHA



O ESPÓLIO

As escavações efetuadas permitiram a recolha de um dos mais numerosos conjuntos de artefactos pré-históricos da região, composto por pontas de seta, micrólitos, lâminas, lamelas, machados de pedra polida, contas de colar de várias matérias-primas e uma enorme quantidade de fragmentos cerâmicos.

Tal como em quase todos os monumentos megalíticos da região, o espólio integra-se em duas fases de utilização do sepulcro, uma mais antiga, no Neolítico Final, e outra no Calcolítico/Idade do Bronze.



OUTRAS INFORMAÇÕES

O espólio pode ser visto no Museu Municipal Manuel Soares de Albergaria, Carregal do Sal.

Este monumento encontra-se integrado no mais antigo circuito megalítico da região, o Circuito Pré-Histórico Fiais/Azenha, e no Percorso Pedestre de Pequena Rota PR2 CRS – "Rota dos Narcissus".

**PRÓXIMO
MONUMENTO**
**ORCA DA
PALHEIRA**
> 1,8 km



16

ORCA DA PALHEIRA

CARREGAL DO SAL, OLIVEIRA DO CONDE

40°26'38.64"N | 7°57'1.31"W

A Orca da Palheira encontra-se num local bucólico, onde a magia do tempo nos envolve. Passado e presente fundem-se numa mesma arquitetura. O local sagrado dos mortos de há seis mil anos transformou-se num lugar dos vivos no século XX. Hoje, a história deste monumento continua através de todos que o visitam, de si, de todos nós.

4 ACESSOS

Vindo da Orca de Fiais da Telha, retorne pelo mesmo caminho de terra batida por cerca de 0,4 km e corte à esquerda. Percorra mais 0,5 km e corte à direita. O monumento encontra-se a 0,8 km. Siga a sinalética.

o MONUMENTO

A Orca da Palheira, ou Orca 1 de Oliveira do Conde, é um monumento muito peculiar. Mesmo nunca tendo sido arqueologicamente intervencionado, este dólmen contém uma história incrível.

O local onde se encontra implantado este dólmen parece retirado de um livro de contos de fadas. O verde impera e somos completamente envolvidos pela magia dos pinheiros mansos.

Quando chegamos ao dólmen, deparamo-nos com um cenário pouco habitual. As enormes pedras do dólmen foram reaproveitadas para a construção de uma casa

que esteve em funcionamento até aos anos 70 do século XX, onde habitou, por último, a família conhecida como "os Planetas". A câmara funerária era onde estava a cozinha com a sua lareira. O espaço dos mortos, tornou-se o espaço dos vivos.

Em termos arquitetónicos, e mesmo que bastante danificado, podemos afirmar que se trata de um dólmen de câmara poligonal, provavelmente com nove esteios e corredor.

o ESPÓLIO

Não foi recolhido nenhum artefacto até ao momento.

i OUTRAS INFORMAÇÕES

Este monumento encontra-se integrado no mais antigo circuito megalítico da região, o Circuito Pré-Histórico Fiais/Azenha.

PRÓXIMO PONTO
CARREGAL DO SAL

> 5,9 km

PRÓXIMO MONUMENTO
ORCA DE SANTO TISCO

> 11 km





CARREGAL DO SAL

Localizado em pleno Planalto Central, entre os rios Mondego, a sul, e o Dão, a norte, o concelho de Carregal do Sal fascina pela quantidade e diversidade de ofertas que possui.

Das grandes salinas aqui outrora existentes, resta apenas o topónimo. O sal vinha da Figueira da Foz pelo Mondego acima até ao Porto da Raiva, na foz do Dão, e daí transportado em carros de bois até às salinas de Carregal do Sal. Deste entreposto seria vendido para diversas regiões mais a norte, Espanha inclusive.

Dos inúmeros pontos de interesse que existem, e que definem este território e as suas pessoas, há um que se destaca: a Casa do Passal, em Cabanas de Viriato. É o orgulho de todos os habitantes do concelho de Carregal do Sal, mas também de todos os portugueses. Foi aqui que residiu Aristides de Sousa Mendes, o cônsul português em Bordéus que, por ocasião do Holocausto nazi, arriscou a própria vida ao passar inúmeros vistos, salvando assim milhares de vidas. A Casa do Passal é, sem dúvida, o símbolo da coragem e da perseverança.

E se o passado recente enobrecer este concelho, existem também elementos patrimoniais mais antigos dignos de visita, como é o caso do Túmulo do Cavaleiro Fernão Gomes de Góis, camareiro-mor de D. João I, uma obra-prima do Renascimen-

to, que data de cerca de 1440, classificado como Monumento Nacional desde 1910, e que pode ser visitado na Igreja Matriz de Oliveira do Conde.

A identidade de Carregal do Sal está também vincada numa das mais afamadas tradições desta região: o Carnaval de Cabanas de Viriato, caracterizado pela famosa "Dança dos cus" ou "Dança Grande". Esta tradição surgiu durante o Carnaval de 1865, quando um grupo de teatro existente em Cabanas de Viriato levou a cena uma peça com tal sucesso que terminou na rua com grande animação do público e dos artistas. Foi então improvisada uma valsa pelo músico Ricardo Gonçalves e assim nasceu uma dança que terminou ao romper do dia de segunda-feira gorda. Duas imensas filas intermináveis vão percorrendo as ruas de Cabanas de Viriato e, ao terceiro compasso da monocórdica valsa, juntam-se os pares ao meio da rua para, após dois passos de dança, baterem com os "traseiros".

Carregal do Sal é detentor de um legado invejável espelhado nos diversos patrimónios, mas sobretudo na forma de estar e de receber das suas gentes.



Museu Municipal Manuel Soares de Albergaria

Rua Alexandre Braga, nº 32,
3430-007 Carregal do Sal
232 960 404 | museu@cm-carregal.pt
terça a sábado: 10h > 12h30 · 14h30 > 17h30
encerra à segunda-feira, domingo e feriados
entrada gratuita

O Município de Carregal do Sal tem, juntamente com o vizinho Município de Nelas, apoiado desde os anos 80 do século XX, o estudo do megalitismo através de consecutivos projetos de investigação coordena-

nados por João Carlos de Senna-Martinez e por José Manuel Quintã Ventura. Os resultados estão à vista, sendo esta uma das áreas mais estudadas em termos arqueológicos da região, tendo como corolário várias rotas culturais e uma Sala de Arqueologia no Museu Municipal Manuel Soares de Albergaria.



17

ORCA DE SANTO TISCO

CARREGAL DO SAL, OLIVEIRA DO CONDE

40°27'32.41"N | 8°0'18.56"W



ESPÓLIO DO NEOLÍTICO
MUSEU MUNICIPAL MANUEL SOARES DE ALBERGARIA, CARREGAL DO SAL

A observar o sol ou olhar para uma estrela, os homens do Neolítico edificaram este admirável dólmen e representaram o astro num dos seus esteios.

1 ACESSOS

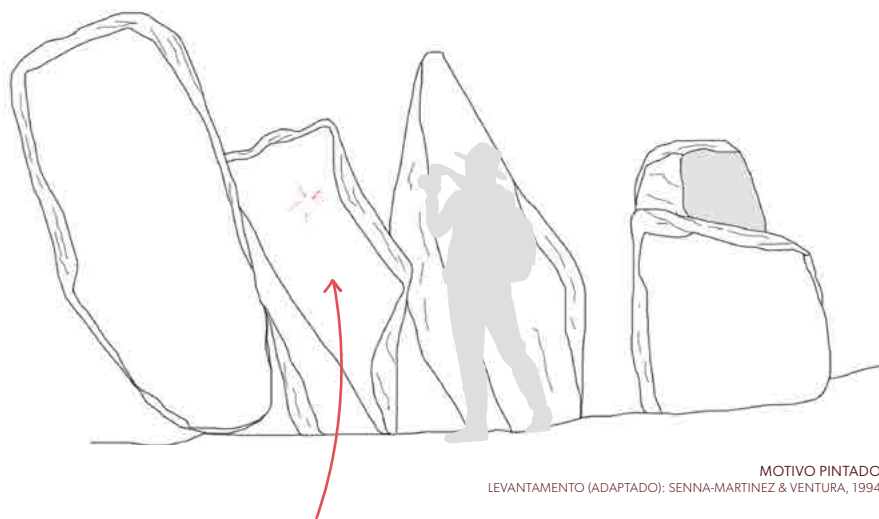
Partindo do Museu Municipal Manuel Soares de Albergaria deve tomar a estrada que segue até Cabanas de Viriato. A 3,5 km encontra a típica aldeia de Travanca de S. Tomé. A meio da povoação, corte à esquerda. Ao fim de 700 m corte novamente à esquerda e ande mais 400 m em caminho de terra batida. Siga as placas sinaléticas.

TV O MONUMENTO

Também conhecido como Mina dos Mouros ou Casa Desarrumada, este monumento foi salvo da destruição em 1992, através da intervenção arqueológica realizada em 1992 e 1993 pela equipa liderada por João Carlos de Senna-Martinez e José Ventura, no âmbito do 7º e 8º Campo Arqueológico de Canas de Senhorim.

Este dólmen apresentava-se, à altura, bastante destruído, muito em parte por ter sido alvo de escavações clandestinas, nos anos 40 do século XX, por trabalhadores agrícolas a mando do proprietário de então.

Em termos arquitetónicos, apresenta algumas características um pouco dife-



MOTIVO PINTADO
LEVANTAMENTO (ADAPTADO): SENNA-MARTINEZ & VENTURA, 1994



rentes das do dólmen típico desta região. Efetivamente, trata-se de um dólmen de corredor incipiente, apenas marcado com dois esteios deitados sobre a sua base maior, formando o que geralmente se denomina de um corredor de tipo ves-

tibular. Outra característica singular é o facto de a cabeceira ser formada por dois esteios, o que faz com que a câmara adquira uma planta subretangular com nove esteios. A mamoa apresenta uma forma elíptica com 13 m por 9,5 m, com 1 m de altura conservada.

Um dos elementos que faz com que a visita a este monumento seja obrigatória é a existência de um motivo pintado a vermelho num dos esteios da câmara, que representa o sol ou, talvez, uma estrela. Um outro traço a vermelho pode também ser observado em outro esteio, o que vem atestar que a maioria dos esteios, ou mesmo a totalidade, deviam estar originalmente pintados. Curiosamente, foi achado o que parece ser um pequeno lápis em ocre, muito provavelmente para a realização das pinturas nos esteios e, certamente, nos corpos.



VISTA GERAL DA ORCA DE SANTO TISCO



O ESPÓLIO

O espólio é muito interessante, porque coloca este monumento num período em que se começaram a usar pontas de seta. De facto, juntamente com micrólitos, enxós em anfibolito, uma lâmina e uma lamela, foram exumadas sete pontas de seta. Contudo, a cerâmica está ausente, levando os investigadores a colocar este monumento numa fase antiga do megalitismo regional, mas não a mais antiga, provavelmente nos finais do 5º milénio a.C.



OUTRAS INFORMAÇÕES

O espólio pode ser visto no Museu Municipal Manuel Soares de Albergaria, em Carregal do Sal.

Este monumento encontra-se integrado no mais antigo circuito megalítico da região, o Circuito Pré-Histórico Fiais/Azenha.

Quando se dirigir para a Anta da Arquinha da Moura, irá atravessar a povoação de Cabanas de Viriato. Não deixe de visitar a Casa do Passal, onde, após se ter casado, residiu o cônsul Aristides Sousa Mendes, que salvou milhares de vidas durante o Holocausto.



18

ANTA DA ARQUINHA DA MOURA

TONDELA, LAGEOSA DO DÃO

40°30'30.26"N | 8°0'31.97"W

IMÓVEL DE INTERESSE PÚBLICO



VASO DECORADO DO CALCOLÍTICO/IDADE DO BRONZE
MUSEU TERRAS DE BESTEIROS, TONDELA

Escondido até ao século XX, este imponente dólmen é um dos mais extraordinários embai-xadores do megalitismo portu-guês. Ao entrarmos no interior deste sepulcro, somos envolvi-dos por uma aura mágica que nos transporta até à Pré-Histó-ria. Por pouco, não tocamos nos nossos antepassados.



ACESSOS

Partindo de Cabanas de Viriato, deve tomar a estrada que segue até Ferreirós do Dão e apanhar a M640. Tomar a estrada que segue até à povoação de Lageosa do

Dão. Ao final de 5 km, cortar à esquerda por caminho de terra batida. O dólmen encontra-se a 0,5 km.



O MONUMENTO

Até 1990, apenas os habitantes locais e os caçadores conheciam este monumento. Utilizavam-no como abrigo, tendo ganhado o nome de "pedra merendeira", numa clara alusão à tampa de cobertura que servia de mesa.

De facto, foi uma surpresa enorme para a comunidade científica haver, ainda no século XX, um monumento megalítico de grande envergadura que tivesse conseguido escapar a todos os inventários, cartas e

monografias. Um outro aspeto que tornava este achado sensacional era o seu excelente estado de conservação.

O monumento foi identificado pelo Dr. Figueiredo, médico da povoação de Lageosa do Dão, que o deu a conhecer num artigo publicado no Jornal de Tondela, a 18 de janeiro de 1990.

O seu estado de conservação e o perigo de violações levou o então Instituto Português do Património Arquitectónico a promover uma ação de trabalhos arqueológicos, que decorreu entre 1991 e 1993. Entre 2005 e 2007, a autarquia de Tondela promoveu ações de restauro e de valorização do monumento.

A Anta da Arquinha da Moura é um dólmen de tipo clássico, provido de câmara poligonal de sete esteios em granito, com uma área aproximada de 9,3 m², 2,58 m de altura e um corredor médio, com 4 m de comprimento e 1,67 m de altura.

A mamoa, de forma elíptica, possui 27 m no sentido E-O e 20 m no sentido N-S, tendo sido construída com terras argilosas e compactas, o que possibilitou a sua boa conservação até aos nossos dias.

Os trabalhos de 2007 puseram a descoberto a área fronteira ao corredor: o átrio. Este aproveita os afloramentos graníticos para criar um pequeno anfiteatro, onde se realizavam as cerimónias fúnebres. Aqui foram feitos depósitos votivos de facas em sílex, de cerâmica e também de vários ídolos em xisto.

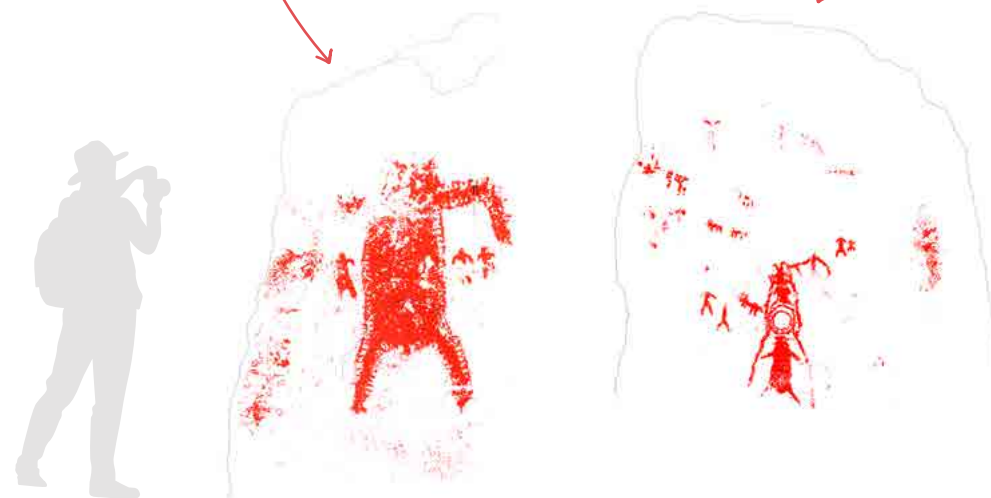
A intervenção arqueológica do século XX permitiu a obtenção de um dado raro nos dólmenes desta região. Efetivamente, com

estes trabalhos foram recolhidos 162 fragmentos de ossos humanos, tendo sido possível fazer, assim, uma estimativa do número de indivíduos depositados nesta anta: oito, sendo que sete eram adultos e um não adulto, de ambos os sexos e de idades diversas. Salienta-se a presença de um indivíduo "idoso", com 45 a 60 anos, tendo em conta que a esperança de vida no Neolítico era de 35 anos. A análise do desgaste dos dentes permitiu aferir que tinham uma alimentação baseada em produtos abrasivos e que havia infeções provocadas pela falta de vitamina C. Foram processadas três amostras pelo Carbono 14 em alguns destes ossos humanos. A média ponderada das datas obtidas, aponta para um período entre 2197-1978 a.C., indiciando tratar-se das populações que (re)utilizaram o monumento durante os inícios da Idade do Bronze, período ao qual pertence a maioria do espólio exumado.

Outro dos aspetos que torna este dólmen num monumento singular, a nível mundial, é o conjunto de motivos pintados que ostenta em alguns dos esteios da câmara. De facto, o sepulcro apresenta pinturas bem visíveis em dois esteios da câmara e vestígios noutros dois.

As figuras estão maioritariamente pintadas com dois tons de vermelho, um mais escuro e outro alaranjado, que apenas aparece em motivos periféricos, sendo este menos resistente aos fatores de degradação. No esteio nº 7, sobre o braço direito da figura central, consegue-se ver um conjunto de linhas muito finas a preto.

No esteio de cabeceira podemos observar a preocupação que os construtores tiveram



MOTIVOS PINTADOS NOS ESTEIOS DA CÂMARA
LEVANTAMENTO: CUNHA, 1993



ESPÓLIO DO CALCOLÍTICO/IDADE DO BRONZE
MUSEU TERRAS DE BESTEIROS, TONDELA

na preparação da superfície da pedra, cobrindo-a com uma pasta branca que serviria não só para regularizar a superfície, como também para acentuar o contraste das figuras a vermelho que se lhe sobrepunham. Neste esteio podemos observar uma figura central, um dos mais belos e enigmáticos motivos de toda a iconografia da arte megalítica. Trata-se de uma composição de duas figuras an-

tropomórficas sobrepostas e unidas por uma figura circular, envolvida por veados e cabras e outras figuras humanas mais pequenas.

Verdadeiramente impressionante é a figura, com mais de 1 m de altura, no esteio nº 7, de uma "pele esticada", que tem a particularidade de apresentar o contorno exterior rematado por uma espécie de rendilhado e, em seu torno, representações humanas.



O ESPÓLIO

As escavações arqueológicas permitiram a recolha de uma enorme quantidade de utensílios que acompanhavam os defuntos. O pacote artefactual compreende grandes lâminas (facas), três ou quatro foices, cerca de 300 micrólitos, 400 pontas de seta, dezena e meia de potes, numerosas contas de colar e cerca de 80 machados de pedra polida.

Na câmara foi ainda recolhida uma folha em ouro nativo, encontrando-se completamente amassada, como se fosse um bocado de papel.

Na zona do átrio foram recolhidas algumas peças relacionadas com depósitos votivos, como lâminas e ídolos em xisto.

A grande maioria das peças exumadas, sobretudo no interior do monumento, inserem-se cronologicamente no Calcolítico, ou mesmo nos inícios da Idade do Bronze, constituindo um dos maiores e mais representativos conjuntos de artefactos desse período desta região.

Algumas peças poderão indiciar, ainda, uma reocupação mais tardia, talvez da Idade do Ferro, como é o caso de uma conta de colar em ouro, exumada sobre o corredor intratumular, no exterior do monumento.



OUTRAS INFORMAÇÕES

O espólio encontra-se exposto no Museu Terras de Besteiros, em Tondela.



PRÓXIMO PONTO TONDELA

> 15 km

PRÓXIMO MONUMENTO ESTELA-MENIR DA CAPARROSA

> 30 km



TONDELA

Herdeiro de um extraordinário passado onde o imaginário tem um papel preponderante, bem patente no facto de estas terem sido as antigas Terras de Besteiros, o concelho de Tondela possui uma identidade muito marcada. A cidade, cosmopolita, distingue-se por assentar grande parte do seu desenvolvimento em projetos culturais, destacando-se a ACERT, uma entidade cultural que promove, desde 1979, a prática artística.

Protegido pela serra do Caramulo, a oeste, este território espalha-se pelo extenso planalto beirão, apenas recortado pelo rio Dão, tendo a serra Estrela no horizonte a sudeste. Ao percorrer esta região somos constantemente surpreendidos, seja por um sítio arqueológico, um museu, um trilho, uma paisagem.

Exemplo disto é a Estação Rupestre de Molelinhos, um interessantíssimo local onde na Idade do Bronze Final e início da II Idade do Ferro, há cerca de 3000 anos, foram gravadas armas nas rochas de xisto. Igualmente excecional é o Castro de Três Rios, onde pode ser observada uma enorme inscrição rupestre dedicada a Peinticis, uma divindade indígena, feita por dois romanos que pertenciam à tribo Emília, uma das raras menções a uma tribo que se conhece nesta região.

Dos inúmeros templos cristãos, destaque especial para a Igreja Velha de Santa Maria, que preserva ainda a frontaria original do século XIV, na qual se evidencia o portal com o arco ogival e o remate com campanário de duas ventanas. Contudo, um outro monumento cristão merece uma referência especial, a Igreja do Mosteiro de Fráguas, de singela traça, de uma só nave com paredes de silharia, aberto numa fachada estreita e com teto de abóbada de berço. No interior da igreja existe um conjunto de quadros ao gosto e estilo dos artistas de Viseu. Se não forem, pelo menos, da oficina de Vasco Fernandes, têm afinidades com Grão Vasco e pertencem à escola de Viseu.

Uma chamada de atenção para um agradável pormenor no centro da cidade de Tondela, a Fonte da Sereia. A falta de água, sentida nos finais do século XVIII, levou à construção de um chafariz no centro da vila, junto à antiga casa da Câmara. Atualmente, o chafariz encontra-se na avenida Tomaz Ribeiro. A fonte possui um belo frontão com as armas reais, encimado por uma figura de uma mulher empunhando uma trombeta, a qual, diz a lenda, durante a ocupação moura, vigiava o horizonte fazendo soar a trombeta em caso de perigo eminente e ao "tom dela" toda a gente se preparava para a defesa da povoação.

Nas margens do rio Dão podemos encontrar as termas de Sanjemil, famosas no tratamento de patologias do foro reumatológico e respiratório. As características das suas águas têm levado à sua utilização com fins terapêuticos desde o século XVIII.



MUSEU TERRAS DE BESTEIRO

Tratam-se de águas minerais hipertermais, mineralizadas, alcalinas, sulfúreo-sódicas e fluoretadas, sendo captadas a uma temperatura de 49° e a uma profundidade de cerca de 100 metros.

Com o sugestivo nome de "Os ambientes do ar" foi desenvolvido um espantoso projeto na aldeia de Souto Bom, no sopé da serra do Caramulo, estruturado em torno de um conjunto de moinhos e da antiga escola primária. Foi, assim, possível requalificar um núcleo de sete moinhos localizados ao longo da ribeira da Pena. É uma oportunidade única de mergulhar num ambiente rural que se está a perder e de percorrer o velho casario, as suas ruas e quelhas estreitas,

calçadas de pedra, observar canastos que guardam o milho e as eiras. É também uma oportunidade de conhecer como funcionavam os moinhos de água, engenhos de construção antiga que se destinavam à moagem de cereais.

Este é um território de tradição e o mais incrível é o investimento feito para que esta não se perca. No topo dos produtos artesanais está o Barro Negro de Molelos. Inicialmente teve uma função utilitária, em que as púcaras e as bilhas eram usadas para guardarem azeitonas, cereais, azeite, para cozinhar e, até, para servir à mesa. Hoje,



Museu Terras de Besteiros

Solar de Sant'Ana
Rua Dr. Simões de Carvalho, 3460-588 Tondela
232 811 125 (extensão 646)
museu.terras.besteiros@cm-tondela.pt

segunda a sexta-feira: 9h30 > 17h30 | sábado: 9h30 > 13h · 14h > 17h30 | encerra ao domingo e feriados
entrada gratuita

uma geração de oleiros cria peças, para além das peças de uso culinário, e, partindo das primitivas formas, convertem-nas em novos objetos de design, renovando antigos conceitos e dando-lhes nova apresentação e utilidade.

A gastronomia é também aqui um dos principais estímulos turísticos. Como pratos obrigatórios temos o cabrito no forno, com batata assada e arroz de miúdos, a chanfana na padela, a vitela assada no

forno, pratos todos eles confeccionados nas famosas assadeiras de Barro Negro de Molelos, que lhe conferem um paladar particular. Os enchidos, os fumados e os peixes do rio com molho de escabeche completam a afamada mesa desta região. Como complemento, uma doçaria regional espantosa: aletria, arroz doce, as mais variadas compotas, tortas, as laranjas de Besteiros, os licores, o mel do Caramulo, o chamado "ouro da montanha", as nozes,

as castanhas, produtos endógenos que se destacam pelo seu paladar.

As lagaretas escavadas na rocha com quase dois mil anos, como a de Parada de Gonta, remetem-nos para a importância que o vinho tem tido ao longo de séculos neste concelho. Hoje, no concelho de Tondela, produzem-se alguns dos mais afamados vinhos do Dão.



19

ESTELA-MENIR DA CAPARROSA

TONDELA, CAPARROSA

40°37'59.30"N | 8°5'7.84"W

IMÓVEL DE INTERESSE PÚBLICO



Cravado no solo há mais de seis mil anos, este notável monumento conta narrativas incríveis gravadas nas suas faces. Durante milénios foi um marco sagrado para as comunidades da região, até que o tempo apagou essa memória e o transformou num marco territorial.

1 ACESSOS

Partindo do Museu Terras de Besteiros, saia da cidade de Tondela pela M627, em direção a Vilar de Besteiros, passe por fora das povoações de Paranho de Besteiros e Caparrosa. O monumento encontra-se junto à estrada, à esquerda, 1 km após a povoação da Caparrosa.

2 O MONUMENTO

Conhecida pela população local como Marco da Anta, a Estela-menir da Caparrosa é um dos raros monumentos megalíticos não funerários que existe nesta região e o único na MEG. Descoberto em 1975 por F. Patrício Curado, este monumento foi estudado por Mário Varela Gomes e Jorge Pinho Monteiro.

Este monólito faria parte de um monumento mais complexo, do qual ainda há uns anos restava o alinhamento de oito pedras, rudemente afeiçãoadas, entretanto destruído.

Ainda colocado na sua posição original, este monólito paralelepípedo, com 2,8

m de altura, apresenta motivos gravados em todas as suas faces e no topo. A análise das diferentes técnicas estilísticas e de pátinas permitiu distinguir sete períodos no desenho dos motivos, quatro na Pré e Proto-história e os três últimos na Época Histórica. Efetivamente, o registo das figuras foi obtido por picotagem, com recurso a utensílios líticos e metálicos, abrangendo uma longa diacronia que se estende desde Neolítico Final até ao século XIX.

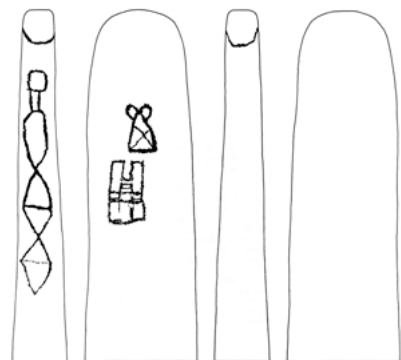
Com paralelos formais evidentes em monumentos do género existentes a sul do rio Tejo, os motivos mais antigos, como os "escutiformes", parecem estar em harmonia com alguns motivos existentes no interior de alguns dólmens da região, bem como em alguns dólmens da Bretanha.

Impressionantes são os dois círculos que decoram o topo do anverso da estela, como dois grandes olhos, consagrando um aspeto humano ao monumento. Estes terão sido gravados na passagem para a Idade do Cobre, num período em que havia já uma forte influência meridional.

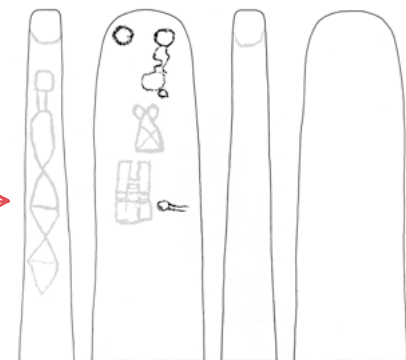
Um outro motivo que nos remete para um mundo místico é a cabeça ou prótomo antropomórfico. Este motivo parece relacionar-se com as práticas mágico-religiosas pertencentes ao "círculo das cabeças cortadas" ou "cabeças troféu", de origem céltica, da Idade do Ferro, muito provavelmente relacionado com um povoado fortificado existente, junto à aldeia de Caparrosa.

Quase três mil anos depois, o caráter sagrado perde-se e o monólito é usado para

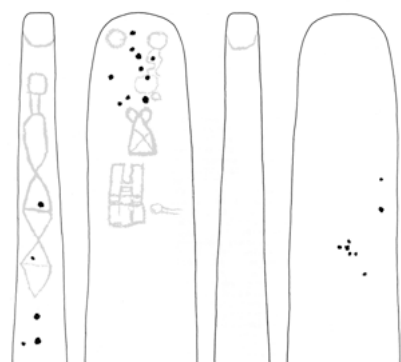
FASE 1 NEOLÍTICO FINAL



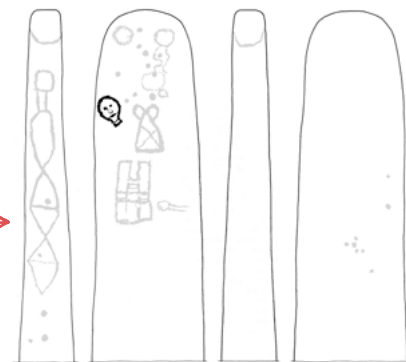
FASE 2 NEOLÍTICO FINAL/CALCOLÍTICO



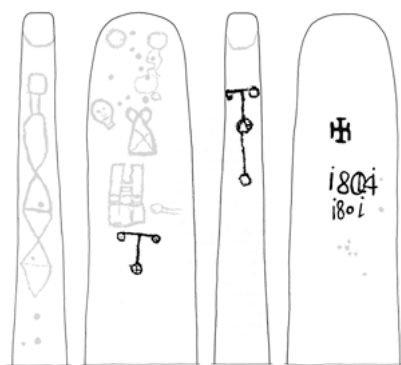
FASE 3 NEOLÍTICO FINAL/CALCOLÍTICO



FASE 4 IDADE DO FERRO



FASE 5 PERÍODO MEDIEVAL E MODERNO



DIFERENTES FASES DE GRAVAÇÃO, SEGUNDO O DECALQUE DE MÁRIO VARELA GOMES, 1993
A - LATERAL OESTE B - FACE SUL C - LATERAL ESTE
D - FACE NORTE



FOTOGRAFIA ONDE AINDA SE PODE VER O ALINHAMENTO DE PEDRAS, ATUALMENTE INEXISTENTE
IMAGEM: GOMES, 1993

marcar limites territoriais: primeiro, na Idade Média, com a gravação de uma cruz de Cristo, depois, no Período Moderno, os "T" que indicavam os limites do concelho de Tondela e, finalmente, as datas de 1801 e 1804, que se relacionarão com levantamentos geográficos e cadastrais ou com confirmações das freguesias e concelhos que separa.



O ESPÓLIO

Não foi exumado qualquer espólio.

**PRÓXIMO PONTO
VOUZELA**

> 10 km

**PRÓXIMO
MONUMENTO**

**CASA DA ORCA
DA MALHADA DO
CAMBARINHO**

> 26,6 km



VOUZELA

Dominado pela sublime serra do Caramulo e irrigado por rios límpidos, como o Vouga e o Alfusqueiro, o território de Vouzela envolve-nos com sensações únicas. É uma região onde a natureza desempenha um papel preponderante e ninguém fica indiferente à luxuriante vegetação que se distribui por todo o concelho. Um especial destaque para a Reserva Botânica de Cambarinho, local de grande biodiversidade, que alberga inúmeras espécies de grande valor conservacionista. Contudo, a sua particularidade é a presença do loendro, espécie endémica da Península Ibérica, que nos meses de maio e junho nos presenteia com a sua magnífica floração, representando um dos ex-líbris naturais deste território. Não podemos deixar de referir, igualmente, a belíssima mata da N^a Sr^a do Castelo, que resultou de uma iniciativa popular que, em 1908, promoveu a sua reforestação, e a mata da Penoita, uma extensa zona de folhosas, com inúmeros carvalhos e bétulas.

Este é também um território sulcado por imensos cursos de água que desaguam nos dois maiores rios que correm no concelho: o Vouga e o Alfusqueiro. Para além da importância ecológica, a água destes rios serve, ainda, para regar os campos de forma tradicional. Disso é testemunho a enorme rede de levadas que, ainda hoje, encaminham a água para os lameiros. As

mesmas serviam também para levar a água aos moinhos e azenhas que proliferavam nas margens dos nossos cursos de água.

Foi esta riqueza natural que fez com que desde a Pré-História se estabelecessem comunidades humanas e, se é um facto que Vouzela possui alguns dos mais extraordinários exemplares do megalitismo da região, edificados pelos primeiros agricultores, não menos importante é o conjunto de torres medievais, autênticos símbolos do poder local, que tinham na terra a sua principal riqueza. Visitar as torres de Alcofra, Vilhariques ou Cambra é fazer uma apaixonante viagem no tempo até aos tempos medievais.

Quando visitar a torre de Alcofra, não deixe de comer o típico prato regional desta localidade: a sopa seca. Esta iguaria é feita à base de pão e da água do cozido, sendo confeccionada numa panela de barro. Este é apenas um dos deliciosos pratos que pode comer nesta região, sobretudo conhecida pela afamada vitela de Lafões, confeccionada de várias e saborosas maneiras. No entanto, o produto que mais fama traz a esta região é o doce mais emblemático do concelho: o pastel de Vouzela. Nasceu no século XIX na vila, fruto do trabalho honrado de uma senhora órfã que fora adotada quando era criança por nove irmãs, tendo duas destas sido freiras no Convento de Santa Clara do Porto. Mais tarde, vendo-se com catorze bocas para alimentar, recorreu à receita desta delícia que lhe fora ensinada pelas freiras. A massa finíssima e leve e o recheio de doce de ovos proporcionam uma experiência gastronómica única a quem o prova.



Museu Municipal de Vouzela

Praça Morais de Carvalho, 3670 -274 Vouzela
232 740 579 | museu@cm-vouzela.pt

terça a sexta-feira: 9h30 > 13h · 14h > 17h | sábado e domingo: 14h > 17h | encerra à segunda-feira
entrada gratuita

Um outro acepipe pode, igualmente, ser degustado em Vouzela: o folar de Vouzela. Com origem no receituário do convento da antiga rua das Eiras da cidade do Porto, o folar de Vouzela é um pão doce que tem na base da sua confeção farinha, água e ovos. É enriquecido com um recheio à base de açúcar e manteiga. É a coroa de glória nas casas dos Vouzelenses e não só. Pela Páscoa, os afilhados ofereciam o folar aos seus padrinhos, recebendo em troca outras

prendas. Razão pela qual se atribui a sua origem às famílias mais abastadas.

Percorrer o território de Vouzela é uma experiência singular, em que nos sentimos envolvidos por uma paisagem deslumbrante, pelo extraordinário património, pela forte tradição e pela deliciosa gastronomia.



CASA DA ORCA DA MALHADA DO CAMBARINHO

VOUZELA, VENTOSA

40°40'47.66"N | 8°7'31.87"W



CASA DA ORCA DA MALHADA DO CAMBARINHO
DESENHO: J. RODRIGUES DA COSTA (GIRÃO, 1921)

Dominando um extenso e majestoso planalto, quase no topo da serra do Caramulo, este dólmen é uma das mais fortes marcas da identidade humana da região.

4 ACESSOS

Partindo do Museu Municipal de Vouzela, dirija-se para a serra do Caramulo, tomando a CM1308, siga até à povoação de Ventosa, passe depois pela povoação de Joana Martins. O monumento encontra-se a 1,7 km, à direita.

π O MONUMENTO

Referido pela primeira vez em 1921, por Amorim Girão, que ali efetua uma "exploração", este dólmen encontra-se integrado numa necrópole de mais quatro monumentos funerários, que se estende por um extenso planalto à cota média dos 780 m.

A Casa da Orca da Malhada de Cambarinho é um dólmen complexo, de câmara e corredor médio, aberto a E-SE, com uma



ASPETO DO CORREDOR, 2021

mamoas com 14,65 m de diâmetro no eixo E-O e 10,24 m no eixo N-S.

A câmara funerária encontra-se quase totalmente desmantelada, restando apenas o primeiro esteio do lado norte, deslocado e bastante inclinado para o interior. O corredor, com onze esteios conservados, possui 5,52 m de comprimento e uma altura máxima de 1,4 m. Na única tampa existente no corredor podem observar-se três covinhas, bem como a letra "A" gravada, inicial de "Antero", o irmão de Amorim Girão, que o

acompanhava, e a data de 1910, altura em que a visita foi feita.

Particular destaque merece o monumento recentemente descoberto e estudado, localizado a 130 m a norte, o "Afloramento monumentalizado da Malhada do Cambarinho", uma nova tipologia de monumento, que começa a ser identificada na região e que se relacionará com cultos feitos nos finais da Idade do Bronze. Este monumento é visitável e encontra-se sinalizado.



VISTA AÉREA DO AFLORAMENTO MONUMENTALIZADO
FOTO: ROBERTO DIAS



O ESPÓLIO

Como resultado da exploração feita em 1921, por Amorim Girão, foi recolhido um cristal de quartzo, três pontas de seta, três lâminas, um micrólito geométrico e vários fragmentos de cerâmica.



OUTRAS INFORMAÇÕES

Este monumento encontra-se integrado na Rota Cultural de Vouzela "Gigantes de Pedra".



**PRÓXIMO PONTO
MEG. CENTRO
DE INTERPRETAÇÃO**

> 6,7 km

**PRÓXIMO
MONUMENTO
LAPA DA MERUJE**

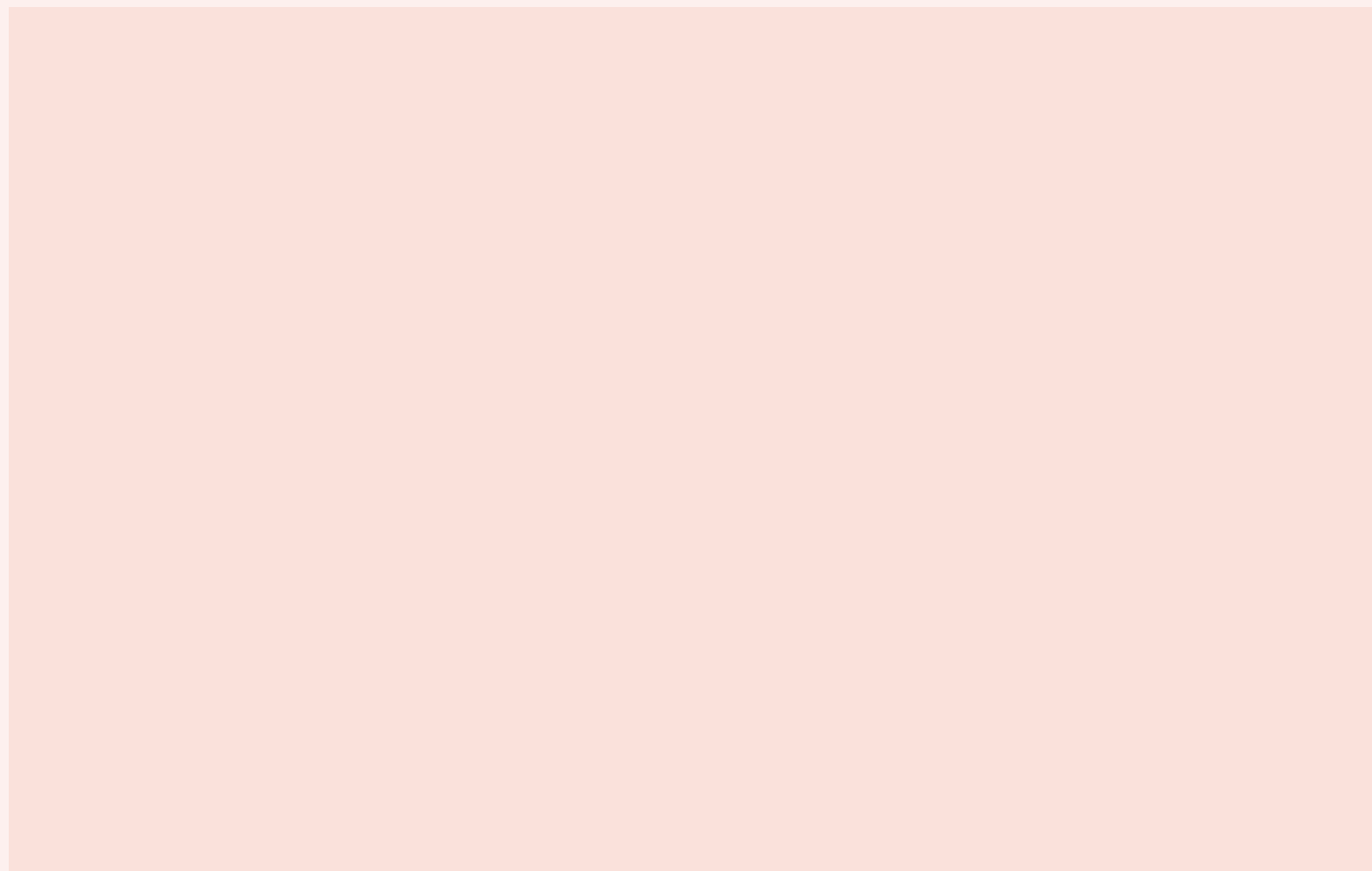
> 10,5 km



Este espaço, localizado na antiga escola primária de Carvalhal de Vermilhas, é um ponto de apoio não apenas para todos aqueles que fazem a MEG, mas também para as pessoas que não conhecem esta rota e que, desta forma, tomam o primeiro contato com este produto.

Aqui tem acesso a um conjunto alargado de informações sobre o percurso e sobre os monumentos.

Encontram-se, igualmente, em exposição algumas peças com arte gravada recolhidas em monumentos do concelho de Vouzela.



MEG. Centro de Interpretação

AAAAAAA
FOTO: AAAA

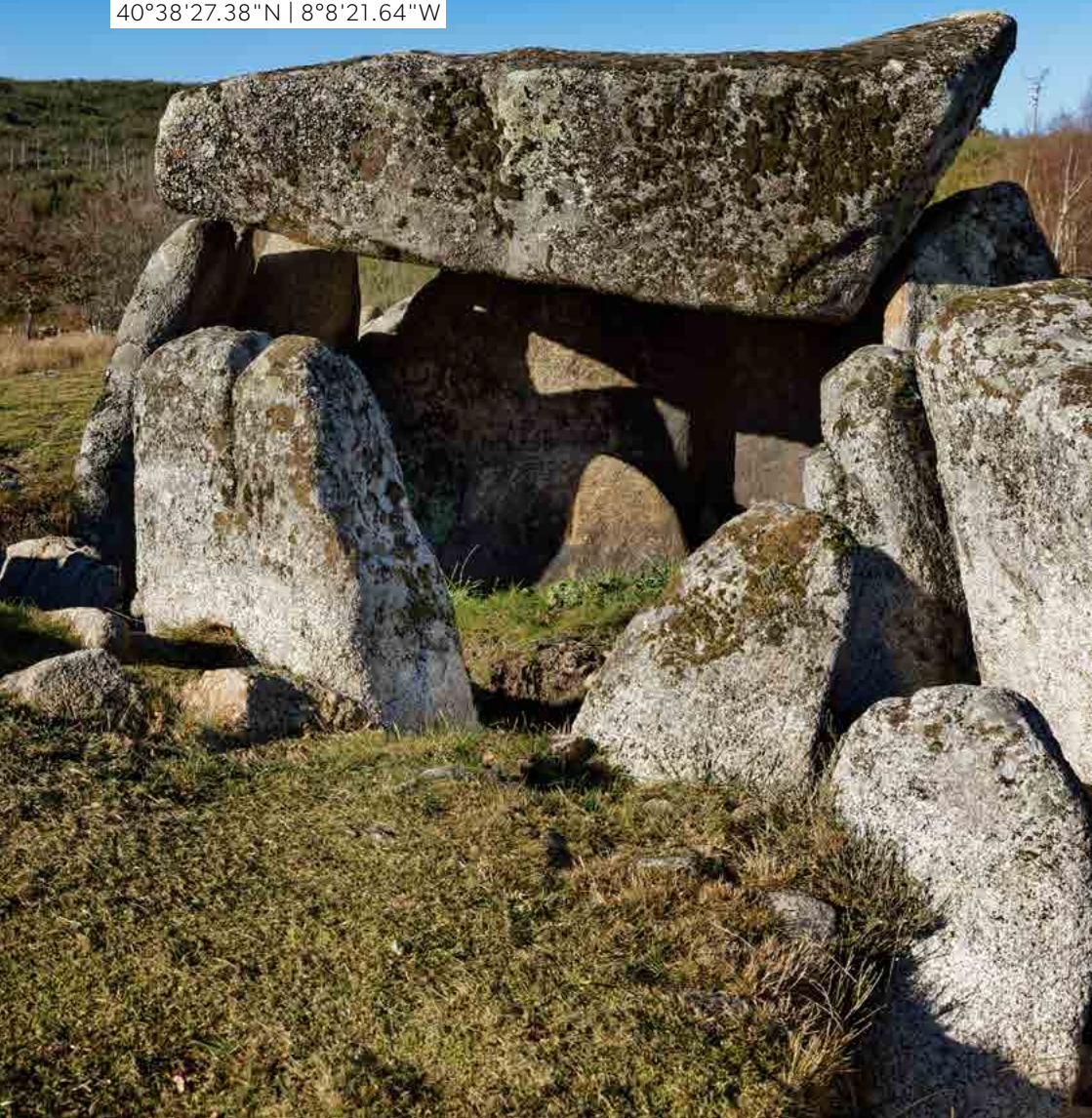


21

LAPA DA MERUJE

VOUZELA, CAMBRA E CARVALHAL DE VERMILHAS

40°38'27.38"N | 8°8'21.64"W



ESPÓLIO EXUMADO NAS INTERVENÇÕES DE 2016
MUSEU MUNICIPAL DE VOUZELA

Quase a tocar o céu, no topo da serra do Caramulo, ergue-se, imponente, a Lapa da Meruje. Enquadrada numa paisagem deslumbrante, tudo é azul e verde. Respira-se cultura e natureza.

1 ACESSOS

Saindo da Casa da Orca da Malhada de Cambarinho, retorne à EM622 e siga até Carvalho de Vermilhas. Aproveite e visite o Centro de Interpretação da MEG, à saí-

da desta aldeia. Cerca de 0,2 km a seguir a esta povoação, corte à esquerda e siga a estrada por mais 2,3 km, onde encontra o monumento. Desfrute da fantástica paisagem.

TV O MONUMENTO

Este imponente dólmen encontra-se integrado numa das mais sublimes paisagens da região, quase a mil metros de altitude, definida por um pequeno planalto situado na vertente noroeste da serra do Caramulo. A lagoa artificial que se encontra muito próxima, concede a este lugar algo de mágico e de belo.

Descoberto e estudado em 1917 por Amorim Girão, este monumento tem sido alvo de um projeto de estudo desenvolvido pela Universidade do Algarve desde 2016, sob a responsabilidade de António Faustino Carvalho.

Trata-se de um enorme dólmen com câmara de planta poligonal de sete esteios, com 3 x 3 m de área e um corredor com 8 m de comprimento.

Os trabalhos desenvolvidos nos últimos anos puseram a descoberto um possante contraforte que envolve o monumento, bem como as estruturas existentes defronte ao corredor, como o corredor intratumular e o átrio.

A mamoa, com um diâmetro de 35 m e uma altura máxima de 2 m, apresenta uma carapaça pétrea ainda muito bem preservada na maior parte da sua extensão.

No interior da câmara e no corredor é possível observarem-se alguns motivos gravados nos esteios, como um báculo e uma meia-lua (lúnula). Associados a estes motivos pré-históricos, encontram-se também gravados símbolos de épocas históricas, como uma custódia no interior da câmara, que terá sido realizada na segunda metade do século XX, as covinhas e o jogo do alquerque, no topo da tampa ou chapéu.

As recentes investigações identificaram, imediatamente sob a mamoa, um nível formado por peças líticas, cerâmica lisa e abundantes carvões, que poderão corresponder a uma ocupação mais antiga, ou então à realização de rituais prévios à edificação do monumento.



LAPA DA MERUJE E A LAGOA ARTIFICIAL, EM SEGUNDO PLANO



O ESPÓLIO

O espólio recolhido neste monumento é pouco numeroso e espelha a sua antiguidade. Efetivamente, a ausência de cerâmica no interior da câmara nos níveis mais antigos e a sua associação a micrólitos e uma enxó no corredor aponta nesse sentido.

A análise feita a algumas peças demonstrou que o sílex de que são feitas provém de uma jazida localizada a 170 km de distância, no Maciço Calcário Estremenho, em Rio Maior.

O restante espólio resulta de reutilizações e de visitas posteriores. É o caso do achado de alguma cerâmica decorada com triângulos preenchidos do Calcolítico, de um pendente de xorca dos finais da Idade do Bronze e cerâmica do século XII.



OUTRAS INFORMAÇÕES

Este monumento encontra-se integrado na Rota Cultural de Vouzela "Gigantes de Pedra".

PRÓXIMO
MONUMENTO

ANTA DO ESPÍRITO
SANTO D'ARCA

> 15,8 km



22

ANTA DO ESPÍRITO SANTO D'ARCA

OLIVEIRA DE FRADES, PARANHO DE ARCA

40°36'27.24"N | 8°12'47.55"W

MONUMENTO NACIONAL



ANTA DO ESPÍRITO SANTO D'ARCA
IMAGEM: VASCONCELOS, 1898: 339

Guardião de lendas milenares e referido nos livros há mais de duzentos anos, este extraordinário dólmen é uma marca da identidade das pessoas do Caramulo. Aqui se revêem, porque sabem que os seus antepassados aqui estiveram e deixaram uma mensagem carregada de fé e de misticismo.

↑ ACESSOS

Saindo da Lapa da Meruje, retome a estrada principal, a M619, em direção a Varzielas. Antes de chegar a esta povoação, corte à direita pela N230, até à povoação de Arca. O monumento encontra-se junto à estrada.

⌵ O MONUMENTO

Conhecido igualmente como Anta da Arca ou Pedra dos Mouros, este dólmen é, mais do que nenhum, pertença da identidade da comunidade local; é o orgulho das pessoas que vivem no seu entorno. Este sentimento foi adquirido pela importância que,



POSTAL ANTIGO DA ANTA DO ESPÍRITO SANTO D'ARCA

desde o século XVIII, muitos autores lhe foram atribuindo nas suas obras. De facto, já em 1748, o Padre Luís Cardoso escrevia no seu *Diccionario Geografico*: "Há junto da Igreja huma como mesa, ou altar, que consta de três pedras postas ao alto, e de huma grande lagem, que tem quinze palmos de vão [...]".

Curiosa é também a descrição que o Padre Pedro Henriques Ribeiro faz, no dia 5 de junho de 1758, nas *Memórias Paroquiais*, onde descreve este dólmen como "[...] um grande lapam de pedra groça, suspenso no ar sobre outras três pedras postas ao alto que são da mesma pedra grossa e [muar] e tem de altura, as posta ao alto doze palmos e meio e a dita pedra incuberta tem de comprimento vinte e hum palmos e de largura quinze palmos e meio, e tem por nome a pedra de Arqua e sempre

conservou o mesmo nome thé onde chega a memória dos homens".

Mais de cem anos depois, em 1898, Leite de Vasconcelos publica o primeiro artigo com cariz científico, dando a conhecer este dólmen à comunidade arqueológica.

Não podemos deixar, igualmente, de citar a descrição que Amorim Girão fez do monumento, em 1921, ao referir que as suas grandes dimensões permitiam "[...] passar-se a cavalo por baixo e impedindo subir a ela sem auxilio duma escada [...]". Era uma forma muito própria e eficiente de se descrever o que se observava, pois, assim, todos os leitores da sua obra faziam facilmente uma imagem clara do que se descrevia. Hoje já ninguém anda a cavalo...

O seu aspeto fotogénico tornou-o, juntamente com a Orca da Cunha Baixa (nº 11 da MEG), em Mangualde, no dólmen com mais representações fotográficas em livros e revistas. A ausência de mamoa fez com que essas fotos criassem a imagem generalizada, mas errada, de que um dólmen ou anta é um monumento constituído por três pedras ao alto e uma tampa em pedra. Efetivamente, este dólmen é composto por uma câmara de sete esteios, com 4,5 m de largura, 3,76 m de comprimento e 4,5 m de altura, apresentando, igualmente, os vestígios de um corredor curto.

Segundo Amorim Girão, existiu uma outra mamoa a cerca de 20 m de distância, da qual hoje não restam vestígios.

Tal como acontece em muitos outros monumentos do género, o imaginário atribuiu-lhe uma lenda, segundo a qual esta anta foi edificada por uma moura encantada,

que chegou ao local carregando a pedra da laje de cobertura, com o filho ao colo, enquanto fiava numa roca. Esta moura aparece todos os anos na madrugada de São João, a fiar, em cima da anta, rodeada de objetos de ouro que se encontram escondidos no interior da anta. Ao feliz mortal que lá passar em primeiro lugar, será perguntado de qual gostará mais: se dos olhos da moura, se dos objetos de ouro que ela lá tem. Aqueles que admirem mais os objetos de ouro são transformados em cinzas.

Uma outra lenda conta que, conduzidos pelo livro de São Cipriano, três ou quatro indivíduos foram lá à meia-noite a fim de roubarem o ouro que se dizia enterrado debaixo da anta. Diz-se que, logo às primeiras leituras, se levantara tal ventania que todos eles fugiram atemorizados, cada um para seu lado, em direção a suas casas.



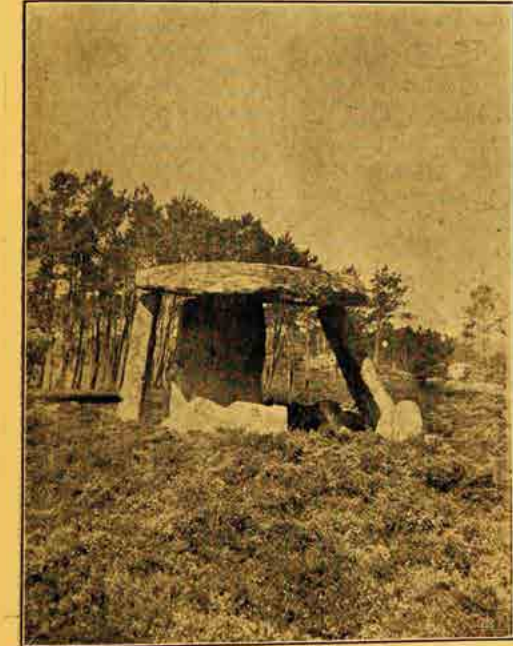
O ESPÓLIO

Não há referências a espólio exumado neste monumento.



OUTRAS INFORMAÇÕES

Este monumento encontra-se integrado no trajeto do Percorso Pedestre PR4 – "Rota dos Caminhos com Alma".



Em Espírito Santo d'Arca (Oliveira de Frades.)
Dolmen existente proximo da igreja parochial e povoação d'Arca
visto do lado nascente.
(Photo. de Tono Elza.)

ANTA DO ESPÍRITO SANTO D'ARCA
IMAGEM: PORTUGAL PRÉ-HISTÓRICO, 1916: 695



PRÓXIMO PONTO
OLIVEIRA
DE FRADES
> 20 km

PRÓXIMO
MONUMENTO
DÓLMEN DE ANTELAS
> 29,5 km



OLIVEIRA DE FRADES

Parte integrante da região de Lafões, o concelho de Oliveira de Frades é, indubitavelmente, marcado pelos imensos fluxos de água que lhe dão um toque especial. O rio Vouga, uma verdadeira autoestrada que desde o Paleolítico atraiu populações humanas, mas também o rio Teixeira, o Alfusqueiro e o Águeda, que proporcionam uma crescente oferta no turismo de natureza e no desporto radical. A magia dos rios pode-se desfrutar na recente albufeira de Ribeiradio, mas também nas Zonas de Fruição Ribeirinha de Sejães e Carriça, ou nos Parques Fluviais de Destriz e Virela.

Este é um dos raros concelhos portugueses territorialmente descontínuos, dividindo-se em duas partes, uma secundária, um exclave, onde se encontra a União de Freguesias de Arca e Varzielas, e uma parte principal, onde se inclui a sede do concelho.

A identidade deste território nasceu precisamente no rio Vouga, no sítio do Vau, onde foram, recentemente, colocados a descoberto importantes vestígios de ocupações humanas que remontam ao Paleolítico Superior. A vertente artística destas populações ficou registada numa pequena placa de xisto onde foram gravados, há cerca de 20 000 anos, figuras de cavalos, cervos, veados, de uma ave e de antropomorfos. Esta mesma vertente artística é,

igualmente, sentida nos motivos pintados do Dólmen de Antelas, uma verdadeira catedral do Neolítico, com seis mil anos. E a veia artística das gentes de Oliveira de Frades continua pela Idade dos Metais, havendo um enorme conjunto de afloramentos graníticos com motivos gravados, com especial relevo para a Pedra das Ferraduras Pintadas e dos Cantinhos, em Benfeitas.

As mãos sábias, que gravaram e pintaram na paisagem, deram lugar a uma outra forma de arte: o artesanato. Esta forma de expressão da cultura popular, que está gradualmente a desaparecer, vai sobrevivendo graças à persistência de alguns artesãos, que vão mantendo vivos os seus ofícios.

Mas a arte está também patente nas expressões gastronómicas. Oliveira de Frades é, desde 2012, Capital Gastronómica do Frango do Campo. À mesa dos restaurantes do concelho pode encontrar uma boa dose de mimos e prazeres, capazes de agradar ao paladar mais exigente.

Os percursos pedestres do concelho caracterizam-se por um rico e diversificado património ao longo dos seus trajetos, onde abundam recantos que são “encantos”.

Água, natureza e arte são atributos que adquirem um sentido especial quando as sentimos no sorriso de quem sempre recebe bem em Oliveira de Frades.



Museu das Técnicas Rurais – Museu Municipal de Oliveira de Frades

Praça Luís Bandeira 18,
3680-139 Oliveira de Frades
232 763 789 | museu@cm-ofrades.pt

terça a sexta-feira: das 9h > 12h30 · 14h > 17h30 |
sábado, domingo e feriados: 14h > 17h30
entrada gratuita



23

DÓLMEN DE ANTELAS

OLIVEIRA DE FRADES, PINHEIRO

40°42'45.18"N | 8°14'38.49"W

MONUMENTO NACIONAL



VISTA FRONTAL DO DÓLMEN DE ANTELAS

O Dólmen de Antelas está para a arte pré-histórica como o teto da Capela Sistina está para a arte renascentista italiana. Em Antelas, há um prodígio da criatividade humana. Os seus construtores pintaram e gravaram mensagens cujo significado se perdeu no tempo, mas que nos envolvem com um profundo sentimento de admiração e de respeito.

(PÁG. SEGUINTE) INTERIOR DA CÂMARA DO DÓLMEN DE ANTELAS

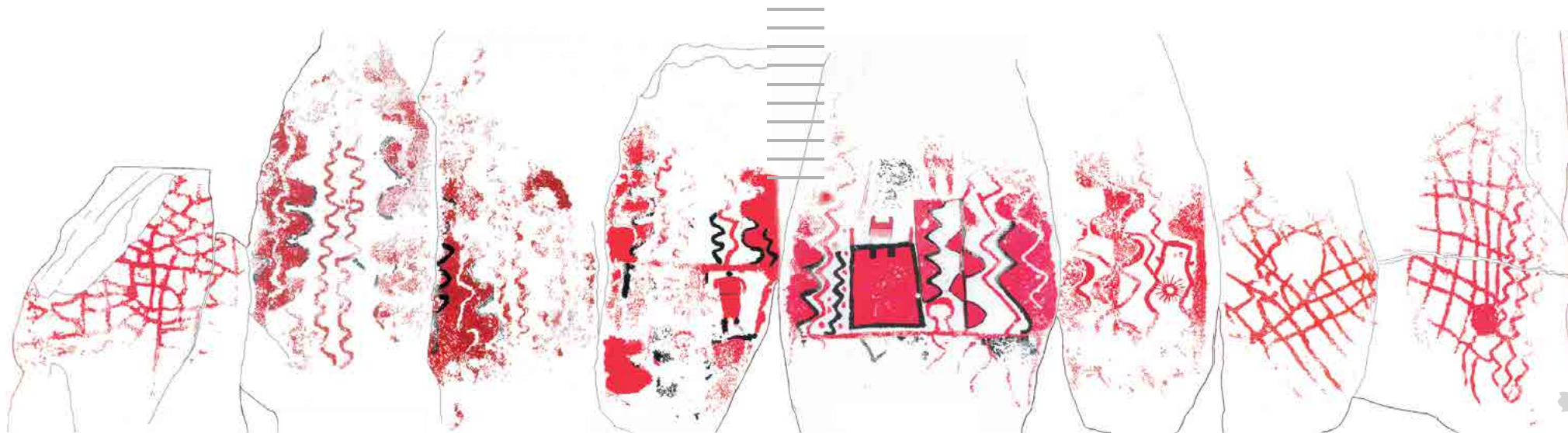
1 ACESSOS

Partindo de Oliveira de Frades, tome a N16 em direção a Pinheiro de Lafões, após a qual tome a M617 até à povoação de Antelas. O monumento fica a menos de 1 km da povoação.

2 O MONUMENTO

O Dólmen de Antelas, também conhecido por Anta Pintada de Antelas, é referido pela primeira vez por Amorim Girão, na sua emblemática obra de 1921, "*Antiguidades Pré-Históricas de Lafões*". De todos os monumentos que descobriu na zona da povoação de Antelas, chamou-lhe a atenção





MOTIVOS PINTADOS NOS ESTEIOS DA CÂMARA
LEVANTAMENTO: SANTOS, CRUZ E BARBOSA, 2017

um com o topónimo de Mâmoa, com "as lajes, alisadas na face interna, apresentam uns vivos desenhos em xadrez, a ocre vermelho, estando a tinta perfeitamente conservada, mesmo na parte mais diretamente exposta à intempérie [...]", tendo-o explorado no dia 24 de março de 1917 "por nos parecer absolutamente intacta".

Quarenta anos depois, em agosto de 1956 e abril de 1957, Luís Albuquerque e Castro, Octávio da Veiga Ferreira e Abel Viana, no âmbito da sua investigação sobre o megalitismo da bacia do Vouga, escavaram este monumento e revelaram ao mundo todo o esplendor das manifestações pictóricas dos seus esteios. A descoberta era tão excecional que acarretou uma enorme responsabilidade a estes investigadores, cientistas da fragilidade das pinturas. Assim, decidiram selar o dólmen com "terra peneirada

sobreposta por grande número de pedras", tendo concebido, igualmente, um plano de proteção e conservação do monumento que apresentam ao I Congresso Nacional de Arqueologia, realizado em Lisboa, entre 15 e 20 de dezembro de 1958.

Este espantoso dólmen entra, assim, pela porta grande da arqueologia, assumindo-se como um dos mais importantes monumentos portugueses.

Entre 1993 e 1995, o monumento foi alvo de trabalhos de reescavação e de restauro, levados a cabo por Domingos Cruz, tendo sido colocado a descoberto a área fronteira ao corredor, a zona de átrio.

O Dólmen de Antelas caracteriza-se como um dólmen de câmara poligonal e corredor diferenciado em planta e em alçado. A câmara funerária é composta por oito esteios em granito, medindo 2,6 m de lar-

gura, 2,4 m de comprimento e 2,2 m de altura. O corredor, diferenciado daquela em planta e alçado e orientado a Este (100°), é formado por cinco esteios, também em granito, no lado norte e quatro no lado sul, medindo 3,4 m de comprimento, 1/1,1 m de largura e 1,3 m de altura, apresentando um ligeiro estrangulamento à sua entrada, com a colocação do primeiro esteio do lado sul deslocado relativamente ao seu eixo, com o primeiro esteio do lado norte a ocupar parte do espaço do corredor.

Na área fronteira ao corredor encontra-se um átrio de planta ovalada com 2,2 m de comprimento, delimitado perifericamente por uma cintura de pedras, ao qual se acede por um corredor intratumular com 5,4 m e 1 m de largura.

Um dos aspetos mais importantes da intervenção de Domingos Cruz foi a obten-

ção de quatro datações por radiocarbono, permitindo fixar o momento da construção do Dólmen de Antelas entre 3990 e 3700 a.C. Esse investigador datou, igualmente, uma amostra de um "pigmento" preto das pinturas da laje de cabeceira, que permite considerar que o período de execução ou retoque das pinturas possa ter ocorrido num período entre 3630 e 3140 a.C.

Recentemente, António Faustino Carvalho, Telmo Pereira e Juan Francisco Gibaja analisaram laboratorialmente algumas peças em sílex, exumadas neste monumento, que revelaram um dado surpreendente. As peças não revelaram vestígios de uso levando a concluir que as comunidades que usaram o sepulcro fizeram peças propositadamente para serem colocadas junto dos defuntos. De facto, as comunidades construtoras deste dólmen deram-se ao luxo de



FRAGMENTO DE ESTEIO PINTADO DA CÂMARA
MUSEU GEOLÓGICO DE LISBOA / FOTO: DINIZ CORTES

prescindir de peças feitas com matéria-prima vinda de longe, para as colocar como oferendas sepulcrais.

Estas mesmas comunidades, que escolheram com carinho o sílex vindo de longe para fazer oferendas, conceberam um dos espaços mais assombrosos da Pré-História europeia. Ao penetrarmos no interior deste dólmen, mergulhamos num mundo onde a magia de dezenas de símbolos pintados e gravados nos envolve e emociona. Grande parte dos motivos encontra-se emoldurada por fiadas verticais de triângulos sobrepostos e linhas serpentiformes. Destaca-se o esteio de cabeceira que ostenta uma misteriosa figura retangular de cor vermelha, debruada a preto, sobre a qual se encontra o famoso "pente". À esquerda, noutro esteio, encontra-se uma das mais belas

representações de uma figura humana da Pré-História europeia e, à direita, a representação de um sol.



O ESPÓLIO

Amorim Girão recolheu, a 2,5 m de profundidade, quatro machados em pedra polida, uma placa de xisto "*sem interesse*", uma lâmina de sílex e "*numerosos calhaus de quartzito por vezes rolados*". Um facto interessante foi a identificação de pedaços de carvão e "*muita cinza*" em contacto com o saibro.

A intervenção da equipa de Albuquerque e Castro permitiu a recolha de dezasseis micrólitos em sílex, duas lâminas, uma em sílex e outra em quartzito leitoso, três machados em anfibolito, um fragmento de

polidor em quartzito, restos de pilões, mós de gneiss e de anfibolito.

O espólio exumado por Domingos Cruz compreende um micrólito de quartzo, uma lasca residual, de sílex, e dois fragmentos de um vaso cerâmico. Muito interessante foi a identificação de depósitos votivos relacionados com as estruturas fronteiras ao corredor e aos vários momentos de uso e de selagem do átrio e corredor intratumular. Efetivamente, foram exumadas três lâminas de sílex no átrio, *in situ*, que terão sido depositadas enquanto o monumento ainda se encontrava em funcionamento ou num momento pouco anterior ao do seu encerramento definitivo. Por outro lado, entre as pedras que constituíam o fecho da "estrutura de condenação", foi exumado um conjunto de artefactos considerados como depósitos votivos: uma lasca residual de sílex, um machado de pedra polida, de anfibolito, e fragmentos de um vaso cerâmico de pequenas dimensões.



OUTRAS INFORMAÇÕES

O espólio pode ser visto no Museu das Técnicas Rurais de Oliveira de Frades e no Museu Geológico de Lisboa.

As visitas ao interior do monumento são restritas e efetuadas por marcação prévia (patrimoniostempo@cm-ofrades.pt / 961 786 064).



REcriação de cena no interior do DÓLMEN
ILUSTRACÃO: © ANYFORMS/EON

**PRÓXIMO
MONUMENTO**
**DÓLMEN 2 DE
CHÃO REDONDO**
> 10 km



24

DÓLMEN 2 DE CHÃO REDONDO

SEVER DO VOUGA, TALHADAS

40°39'50.3"N | 8°18'42.2"W

IMÓVEL DE INTERESSE PÚBLICO



MOTIVOS GRAVADOS NOS ESTEIOS DA CÂMARA

As mãos sensíveis de artista gravaram neste dólmen alguns dos mais extraordinários motivos artísticos que o homem pré-histórico nos legou. Esses homens esculpiram o que lhes ia na alma, desenhando signos enigmáticos que foram sendo transmitidos de geração em geração.

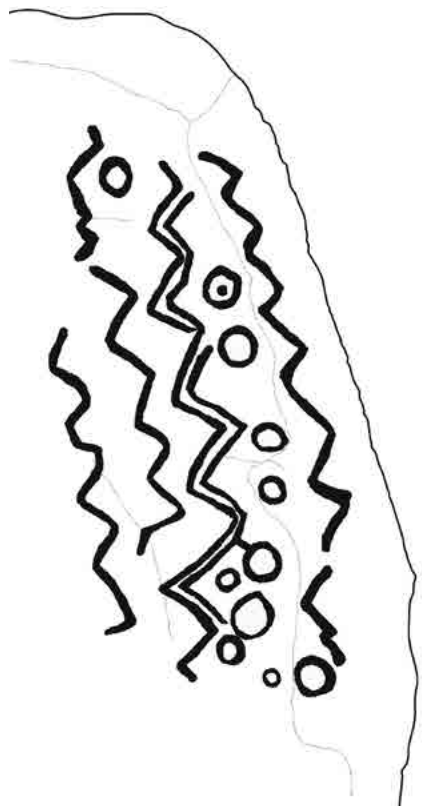
1 ACESSOS

Tendo como ponto de partida o Dólmen de Antelas, deve retornar à estrada alcatroada e dirigir-se pela M617 até ao nó da A25,

onde, depois de a atravessar, encontra a indicação para Benfeitas, seguindo a estrada até Talhadas. O monumento encontra-se a cerca de 0,7 km antes da povoação.

TV O MONUMENTO

O Dólmen 2 de Chão Redondo, denominado também como Monumento Megalítico de Chão Redondo 2, é um dos dólmenes desta região mais referenciado a nível mundial. A sua verdadeira importância advém de este ser um dos dólmenes mais profusamente decorado, com motivos gravados, da Península Ibérica. De facto,



MOTIVOS GRAVADOS NUM DOS ESTEIOS DA CÂMARA
LEVANTAMENTO: SANTOS ET ALII, 2010-2011

quando Albuquerque e Castro, em 1960, dá a conhecer estas gravuras, tanto a nível nacional como internacional, faz deste monumento uma referência constante quando se estuda a arte megalítica.

Os motivos gravados distribuem-se pela câmara funerária e pelo corredor. O esteio de cabeceira apresenta uma singular figura composta por uma série de "Vs", que podem representar uma entidade tutelar, ou seja, uma entidade que protege o espaço, a comunidade, a memória...

O esteio da direita regista ziguezagues e círculos e o do corredor um meandro. Albuquerque e Castro refere, ainda, uma laje solta que teria gravado o que interpretou como uma manada de bois de cabeça virada para baixo.

Mais do que tentar interpretar os motivos representados, devemos tentar entendê-los como manifestações rituais que se encontram inseridas num discurso em que

todo o monumento faz parte. Este mesmo discurso só faz sentido quando olhamos para o monumento como um todo e pensamos como ele também interagiu com os restantes monumentos da necrópole.

Em termos arquitetónicos, este é um dólmen de câmara poligonal alongada de sete esteios, em granito, com 2,3 m de comprimento, 2 m de largura e 1,9 m de altura, e um corredor com 2,2 m de comprimento, 0,8 m de largura e 1,4 m de altura máxima.

De referência obrigatória é o conjunto de estruturas colocadas a descoberto na área fronteira ao corredor. De facto, ao visitar este dólmen pode reparar que, antes de entrar no interior do monumento, através do corredor, passa por um espaço delimitado por um pequeno murete de pedras: o átrio. Era aqui que se efetuavam as cerimónias fúnebres, era o espaço comum, o espaço da comunidade. A seguir ao átrio, e após ultrapassar uma simbólica linha de pedras, o visitante entra num novo espaço ainda aberto, o corredor intratumular. Só depois é que penetra no sepulcro, através do corredor.

Todos estes passos e espaços são pensados numa lógica que hoje nos ultrapassa, mas que estava decerto relacionada com os complexos rituais da morte do Neolítico. A mamoa, com quase 2 m de altura, apresenta um diâmetro de 18 m.

O Dólmen 1 de Chão Redondo, bastante mais destruído, encontra-se a 40 m de distância.

O ESPÓLIO

O espólio arqueológico exumado é bastante homogéneo, sendo constituído por machados de pedra polida, micrólitos geométricos, lâminas, moventes de moirinhos manuais e apenas um fragmento de cerâmica.

O cariz arcaizante destas peças, com a ausência de pontas de seta e quase inexistência de cerâmica, aponta para que este monumento tenha sido construído e utilizado numa fase antiga do megalitismo, por volta dos finais do último quartel do 5º milénio / inícios do 4º milénio a.C., ou seja há cerca de 6000 anos.

OUTRAS INFORMAÇÕES

O espólio exumado neste monumento pode ser visto no Museu Municipal de Sever do Vouga. Este monumento encontra-se integrado na Rota da Água e da Pedra.

PRÓXIMO MONUMENTO
ANTA DA CAPELA DOS MOUROS
> 6,5 km



25

ANTA DA CAPELA DOS MOUROS

SEVER DO VOUGA, TALHADAS

40°41'29.13"N | 8°18'14.17"W



ESTEIO DA CÂMARA EXPOSTO NO MUSEU MUNICIPAL DE SEVER DO VOUGA
COLEÇÃO: MUSEU DE AVEIRO

Com uma arquitetura singular e única, este dólmen é um dos mais incríveis monumentos megalíticos do centro de Portugal. Penetrar no seu interior é como entrar no umbigo da Terra.

4 ACESSOS

Do Monumento Megalítico de Chão Redondo 2, siga até à povoação de Talhadas. Na povoação, corte para a N328, em direção a Sever do Vouga, e percorra 0,6 km. Corte à direita no cruzamento para a CM1500, em direção à povoação de Ar-

cas. Estacione no parque à saída da povoação e percorra 0,4 km, preferencialmente, a pé.

π O MONUMENTO

Este monumento foi intervencionado nos finais dos anos 50 do século XX por Albuquerque e Castro, tendo sido alvo de uma nova campanha de escavação e de restauro em 1999. Esses estudos permitem-nos afirmar que este dólmen possui características arquitetónicas singulares que o diferenciam dos outros monumentos desta rota e, em geral, do megalitismo regional. Efetiva-



VISTA DO CORREDOR E DO ÁTRIO

mente, ao contrário do que é comum, este monumento quase que não apresenta uma diferenciação entre a câmara e o corredor, assemelhando-se a uma galeria coberta. A câmara poligonal alongada possui onze esteios e um corredor de médias dimensões, com 3,9 m de comprimento.

A mamoa, bem conservada, apresenta 18 m de diâmetro no eixo E-O e 17,4 m no eixo N-S. Trata-se, deste modo, de um monumento com características arquitetónicas pouco comuns no megalitismo regional. A intervenção de 1999 permitiu colocar a descoberto as estruturas na área

fronteira ao corredor que indiciam complexos rituais fúnebres neste espaço.

Amorim Girão refere mais dois monumentos perto deste lugar.



O ESPÓLIO

O espólio exumado é arcaico e reduzido, sendo constituído por micrólitos, lâminas, machados e poucos fragmentos cerâmicos. Este conjunto artefactual indicia um momento antigo do megalitismo que rondará os finais do 5º milénio (cerca de 6000 anos).

Um outro aspeto peculiar deste monumento foi o achado de uma pedra em granito, por Albuquerque e Castro, no interior da câmara funerária, com 13 cavidades com a forma de calotes de esferas. A verdade é que esta não é mais do que um dos esteios da câmara que se encontra exposto no Museu Municipal de Sever do Vouga.



OUTRAS INFORMAÇÕES

O espólio exumado neste monumento pode ser visto no Museu Municipal de Sever do Vouga, onde se encontra exposto, igualmente, o esteio encontrado por Albuquerque e Castro.



PRÓXIMO PONTO
SEVER DO
VOUGA

> 15 km

PRÓXIMO
MONUMENTO
DÓLMEN DA ARCA
DA CERQUEIRA
> 26,5 km



SEVER DO VOUGA

Em Sever do Vouga respira-se e sente-se a natureza de uma forma diferente. Ela está sempre presente e faz-nos uma terna companhia, envolvendo-nos com paisagens luxuriantes. E tudo isso porque este concelho possui inúmeros cursos de água que descem montanhas à procura dos rios que correm intrépidos. Aqui, até os rios têm histórias. O rio Bom que se transforma em rio Mau, o Gresso, imortalizado pelo nome que deu a uma marca de leite, o Lordelo, o Fílveda, o Vouga e o Alfusqueiro, um dos melhores rios da região para se pescar. São estes mananciais de água que fazem com que os solos desta região sejam tão produtivos, mas são também os grandes responsáveis pelos cenários idílicos criados nas cascatas da Cabreia e da Frágua da Pena, nos rios Mau e Fílveda, da Aqualva e do Gresso, nos rios Lordelo e Gresso, e da Água D'Alte, na ribeira do Vilarinho e na praia fluvial da Quinta do Barco.

O ambiente extremamente propício para a vida animal atraiu, desde cedo, o Homem a este território. Não é, assim, por acaso que, junto ao rio Vouga, no sítio do Rôdo, tenham surgido vestígios de ocupação do Paleolítico Superior, com cerca de 20 000 anos.

Contudo, a Pré-História deste concelho é essencialmente marcada pelas primeiras arquiteturas funerárias de grande dimen-

são: os dólmenes. A autarquia de Sever do Vouga tem investido na valorização destes monumentos desde os finais do século XX, tendo sido já recuperados seis monumentos. Mas o mundo fascinante da Pré-História tem outros reflexos no concelho. Na vertente ocidental da serra do Arestal, a dominar uma paisagem deslumbrante que se estende até ao estuário do rio Vouga, encontramos uma das mais extraordinárias manifestações artísticas do Homem: o Forno dos Mouros, na freguesia de Silva Escura, um enorme afloramento onde, na Idade do Bronze, há cerca de 3500 anos, foram gravados círculos, espirais e reticulados que formam uma coreografia de enorme beleza.

Contudo, se a Pré-História nos impressiona, os tempos modernos também marcaram fortemente esta região. Quem não se impressiona com a enorme ponte ferroviária do Poço de Santiago, edificada em 1913, a mais alta ponte em alvenaria da Península Ibérica, com quase 30 m de altura? Por aqui passava o Vouguinha, comboio a vapor que fazia a Linha do Vouga. O som do "pouca-terra, pouca terra" deu lugar a uma ecopista que permite uma fruição emotiva deste monumento.

Neste fantástico concelho, a tradição teima em manter-se viva. Pode conhecer as artes locais como a cestaria, tecelagem, cantaria, tamancaria e tanoaria na Casa do Artesão, em Sever do Vouga.

O rio, sempre o rio, é igualmente o responsável por levar à mesa algumas das mais gostosas iguarias desta região. A lampreia dá lugar a alguns pratos que fazem o



Museu Municipal de Sever do Vouga

Rua do Parque, 80, 3740-260 Sever do Vouga
234 597 079 | museu@cm-sever.pt

terça-feira a sábado: 10h > 12h30 · 14h > 17h30 |

encerra à segunda-feira e domingo

entrada gratuita

deleite dos aficionados, como o Arroz de Lampreia e a Lampreia à Bordalesa. Mas, do rio também vêm os pratos como o peixe do rio em Molho de Escabeche. A carne, essa, é suculenta e é sobretudo marcada pela vitela e pelo cabrito. Estes produtos encontram-se integrados em vários certames como a Festa da Lampreia e da Vitela e a Rota do Cabrito.

Para adoçar a boca podemos comer o delicioso bolo de laranja da avó, as bateiras do Vouga e as barquinhas do Vouga. Contudo,

há um produto que, se implantou e que se tornou num verdadeiro ex-libris: o mirtilo. Denominado como "rei dos antioxidantes", o mirtilo é um dos principais produtos económicos do concelho, sendo também responsável por inúmeros doces como as queijadinhos de mirtilo e licores, como o *gin* de mirtilo.



26

DÓLMEN DA ARCA DA CERQUEIRA

SEVER DO VOUGA, COUTO DE ESTEVES

40°46'47.9"N | 8°18'35.0"W

IMÓVEL DE INTERESSE PÚBLICO



Majestoso, este dólmen domina um território sagrado, fazendo-se acompanhar de mais doze monumentos. Ao longo de três mil anos, este foi o monumento central, aquele em torno do qual foram sendo construídos, como sinal de respeito, monumentos satélites.

1 ACESSOS

Saindo do Museu Municipal de Sever do Vouga, tome a direção de Rocas do Vouga. Passe a povoação em direção a Sanfins, passe a aldeia e continue até ao limite do concelho. Corte à esquerda em direção à povoação de Cerqueira. O monumento encontra-se à beira da estrada, a 0,1 km.

O MONUMENTO

Denominado igualmente por Dólmen 1 da Pedra da Moura, Dólmen da Casa da Moura ou Anta da Cerqueira, este monumento representa, em si, o expoente do megalitismo. É grande (*mega*), bastante completo e preserva ainda o chapéu da câmara, com quase 15 toneladas. O topónimo é bastante elucidativo sobre a marca que um monumento deste tipo pode ter nas populações locais. As primeiras referências são-nos dadas por Amorim Girão, em 1921, sendo explorado mais tarde, entre abril e maio de 1956, por uma equipa de arqueólogos liderada por Albuquerque e Castro, que estudava os vestígios arqueológicos da bacia do Vouga. Em 1987, sofreu uma nova



PONTA DE SETA EM SÍLEX
3X TAMANHO REAL | MUSEU MUNICIPAL DE SEVER DO VOUGA

intervenção arqueológica e de restauro, da responsabilidade de Ana Bettencourt. A abertura da estrada que liga à povoação de Cerqueira arrasou, infelizmente, a parte Este deste monumento, truncando o corredor e destruindo a sua área fronteira, onde estaria localizado o átrio e outras estruturas relacionadas com o acesso ao sepulcro.

Este monumento é um típico dólmen de corredor que tão bem caracteriza o megalitismo do centro de Portugal. A câmara sepulcral de nove esteios e planta polígono-



INTERIOR DA CÂMARA FUNERÁRIA DO
DÓLMEN DA ARCA DA CERQUEIRA

nal apresenta 3,54 m de largura, 3 m de comprimento, a altura máxima observada de 2,18 m e um corredor com 4,4 m de comprimento.

Um outro aspeto interessante são os vestígios de motivos gravados que se encontram na zona esquerda do esteio de cabeceira. Dispostos numa sequência vertical, po-

dem-se observar dois círculos gravados no intervalo dos quais surge uma linha horizontal serpentiforme, sendo motivos comuns da arte megalítica do Noroeste peninsular.

O Dólmen da Pedra da Moura 1 terá sido edificado no Neolítico Médio, há cerca de 6000 anos. Contudo, à semelhança de outros monumentos congêneres, terá so-

frido de uma reutilização por comunidades mais tardias, já do Calcolítico ou mesmo da Idade do Bronze. Não podemos esquecer que este dólmen se encontra inserido numa necrópole de mais 12 túmulos, alguns dos quais, pela tipologia das suas mamoas, deverão pertencer a uma fase plena da Idade do Bronze.



O ESPÓLIO

Os artefactos exumados durante as escavações arqueológicas compreendem pontas de seta, micrólitos, lâminas, lamelas e lascas, em sílex e quartzo, e pouca cerâmica. Particular relevo para o achado de dois fragmentos de uma lâmina em ouro, provavelmente de um objeto de adorno, achada nas escavações de 1956, hoje desaparecida. Da lista de espólio encontrado constam, igualmente, pequenos núcleos e fragmentos de mós, que podem indiciar a existência de um pequeno povoado contemporâneo da construção do dólmen ou anterior.



OUTRAS INFORMAÇÕES

O espólio exumado neste monumento pode ser visto no Museu Municipal de Sever do Vouga.

Este monumento encontra-se integrado na Rota da Água e da Pedra, bem como no Percurso Pedestre PR8 SVV – "Trilho da Pedra Moura".

**PRÓXIMO
MONUMENTO
DÓLMEN DO JUNCAL**

> 22,5 km

27

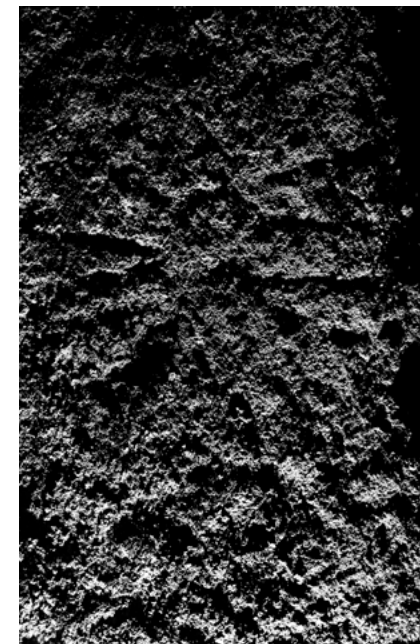
DÓLMEN DO JUNCAL

SÃO PEDRO DO SUL, MANHOUCE

40°47'48.88"N | 8°11'53.01"W



PORMENOR DE MOTIVO PINTADO A BRANCO, 2001
IMAGEM: CARRERA RAMÍREZ, 2011



MOTIVO SOLAR GRAVADO NUM
DOS ESTEIOS DA CÂMARA

Durante milhares de anos, este monumento impõe-se como um farol na paisagem, tendo guiado os viajantes que atravessavam a serra da Gravia. Serviu de esconderijo a ladrões e malfeitores que assaltavam os almocreves.

1 ACESSOS

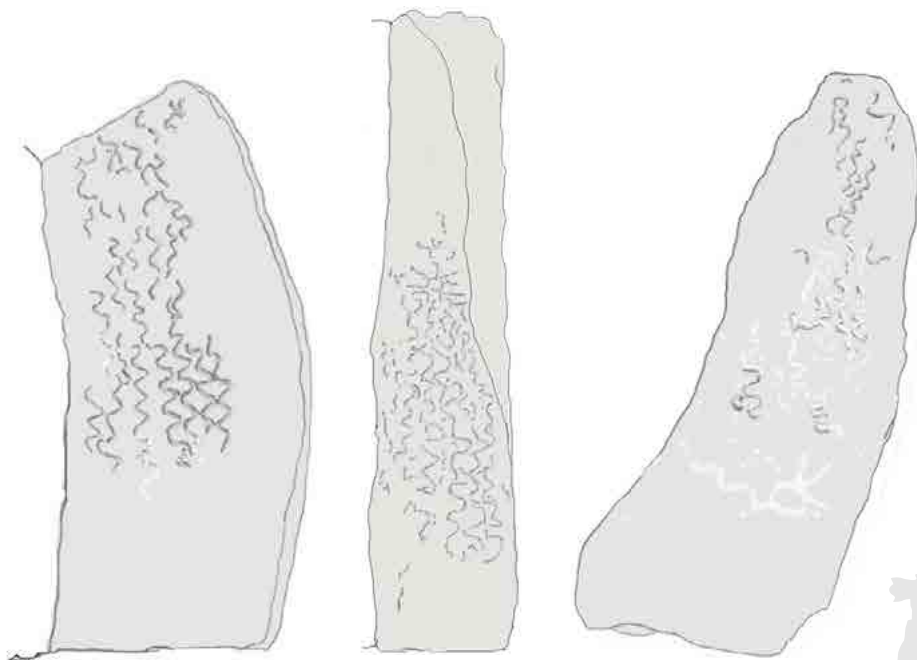
Apanhe a CM1383, passe pelas povoações de Cercal e Campo de Arca e tome a N227, em direção à povoação São João da Serra. Nesta povoação, tem que cortar em direção a Bustarenga, tendo que apanhar

a M612. Siga a estrada que sobe a serra. O monumento encontra-se no topo.

π O MONUMENTO

O Dólmen do Juncal, ou Mamoa 1 do Juncal, encontra-se implantado num dos mais espantosos sítios de toda a rota. Ao centro de um planalto em plena serra da Gravia, ou da Grávia, consegue dominar um território extenso, sendo, desde há milénios, um impressionante marco na paisagem.

Este monumento esconde uma incrível narrativa transmitida de geração em geração. Diz-se que o dólmen servia de esconderijo a malfeitores e ladrões que



ESTEIOS COM GRAVURAS E PINTURAS A BRANCO
LEVANTAMENTO (ADAPTADO): CARRERA RAMÍREZ, 2011

assaltavam os viajantes que ali passavam na estrada para o Porto. Os ladrões colocavam-se no interior do monumento e o sinal era dado por uma corda que atravessava o caminho. Por isso, este monumento é conhecido pelas populações locais como Covil ou Coval de Ladrões.

Referido pela primeira vez em 1880, nos apontamentos de José Martins, publicados apenas em 1969 por Maria Cristina Santos, este dólmen, devido às suas dimensões, foi alvo de diversas violações e escavações clandestinas, tendo sido arqueologicamente intervencionado em 1996 e 2000 por Fernando Silva.

Inserido numa mamoa com 25 m de diâmetro e quase 3 m de altura, este dólmen

apresenta uma câmara funerária de planta poligonal de oito esteios e um possível corredor, muito destruído. Trabalhos de escavação arqueológica poderão definir se, de facto, existe um corredor e se este é, como parece, um corredor curto ou de tipo vestibular.

Um dos dados mais importantes e singulares deste dólmen é a conciliação entre motivos pintados e motivos gravados. Infelizmente, já pouco se notam os motivos pintados.

Todos os esteios da câmara possuem motivos gravados e/ou pintados. Contudo, falta ainda um correto levantamento destes. Ao momento, contamos com os decalques provisórios feitos por Fernando Carrera Ra-



MAMOA DO DÓLMEN DO JUNCAL

mírez (Carrera, 2005: 385-387), que nos mostram raros motivos pintados a branco que formam linhas ondulantes e sois.

Os motivos gravados são serpentiformes horizontais, verticais e oblíquos, motivos circulares e motivos solares (heliomorfos). Os motivos pintados são verdadeiramente únicos e espetaculares. Num dos esteios foram pintados, a branco, motivos solares e, em outros esteios, os serpentiformes foram continuados por pintura branca.

Esta combinação entre a arte gravada e pintada é, verdadeiramente, única e demonstra como grande parte dos motivos gravados na arte megalítica podiam estar combinados com arte pintada.

Cerca de 20 m a oeste, podemos encontrar uma outra mamoa que encerra uma cista da Idade do Bronze.

O ESPÓLIO

Surgiram fragmentos de cerâmica manual e a torno, um fragmento de lamela em sílex e uma conta tronco-cónica em barro.

OUTRAS INFORMAÇÕES

O espólio exumado encontra-se depositado no Centro de Arqueologia de Arouca.

PRÓXIMO PONTO
SÃO PEDRO
DO SUL

> 19 km

PRÓXIMO
MONUMENTO
ANTA DO REPILAU

> 32 km



SÃO PEDRO DO SUL

Podemos afirmar com segurança que no território de São Pedro do Sul vivem os senhores das montanhas. Estas montanhas mágicas proporcionam paisagens sublimes e envolvem aldeias onde o tempo parou. É, por isso, obrigatório visitar as típicas aldeias com as casas em xisto da Pena, do Fujaco, de Covas do Monte, de Covas do Rio e de Manhouce. Abençoadas pelas centenárias capelas de São Macário de Cima e de São Macário de Baixo, estas aldeias vivem envoltas em tradição, rituais, mitos, lendas, crenças de cabras que matam lobos, de serpentes que comem homens e de santos que transportam brasas acesas nas mãos, cujas memórias não se apagaram no correr dos novos tempos.

Não é qualquer um que se aventura nesta viagem. Mas quem o faz nunca mais esquece. Descer à aldeia da Pena ou à Aldeia do Fujaco e observar o casario de xisto é uma experiência única. Percorrer a estrada sinuosa que nos conduz a Covas do Monte vale por si. Encaixada nos montes, esta aldeia fica no sopé da montanha e oferece um passeio único por entre as suas ruas estreitas e sinuosas e o aglomerado de casas, quase todas construídas em xisto e com telhados lousa.

O concelho de São Pedro do Sul possui um património histórico e arqueológico invejável, que demonstra, de uma forma

inequívoca, a importância que este território teve ao longo de milhares de anos. Particular destaque para o Povoado da Senhora da Guia ou de Baiões. Poucas estações arqueológicas há em Portugal que tenham a dimensão internacional que esta tem. Aqui, quase no topo do monte onde se encontra um povoado dos finais da Idade do Bronze, com cerca de 3000 anos, surgiu um "depósito de fundidor" com peças raras em bronze, grande parte delas relacionadas com complexos rituais. Estas peças extraordinárias refletem os contactos destas populações com o Mediterrâneo, mas também com o Centro da Europa. A razão deste achado prende-se com a riqueza deste território em estanho, que era uma matéria-prima essencial para a produção de bronze. Uns séculos mais tarde, o topo dos montes começou a ser ocupado por populações da Idade do Ferro, que construíram povoações tão grandes que quase podemos afirmar que serão as primeiras cidades da região. As casas de pedra eram defendidas por possantes muralhas e fosos: os castros. Foram estas populações que os romanos encontram quando aqui chegaram no dealbar do ano zero. Particular referência para o Castro da Cárcoda, em



ALDEIA DA PENHA

Carvalhais, e para o Castro do Banho localizado perto das termas.

E foram precisamente os romanos que descobriram as águas termais junto ao rio Vouga, hoje a principal estância termal de Portugal: as Termas de São Pedro do Sul. Abertas durante todo o ano, dispõem de dois balneários termais que dão resposta a diferentes valências: termalismo terapêutico, fisioterapia e bem-estar termal.

A água termal emerge do interior de uma grande falha tectónica a uma temperatura natural de 68,7° C. A fantástica história destas termas inicia-se há 2000 anos, quando os romanos edificam um *Balneum*. Mais tarde, já no século XII, mais concretamente em 1152, D. Afonso Henriques, reconhecendo a crescente importância da

vila onde brotavam tão especiais águas, concedia Foral à Vila do Banho, outorgando-lhe assim a importância de concelho. E é o próprio primeiro rei de Portugal que, em 1169, após fratura da perna sofrida na batalha de Badajoz, vem aqui recuperar da ferida, construindo a pequena Capela a São Martinho, ainda hoje aberta ao público. Já nos primeiros anos do século XVI, é o Rei D. Manuel I que decide desenvolver as Caldas Lafonenses, construindo no local o Hospital Real das Caldas de Lafões e concedendo, em 1515, novo Foral à Vila do Banho. Nos séculos XIX e XX, as Termas de São Pedro do Sul conhecem um novo impulso e modernização. Em 1884, a Câmara Municipal de São Pedro do Sul decide construir um moderno balneário que substituirá o tricentenário Hospital Real das Caldas de Lafões. E, passados dez anos, em 1894, a Rainha D. Amélia vai mesmo a banhos pela primeira vez no novo balneário, tratando de alguns problemas físicos, vindo a determinar que as Caldas de Lafões se passem a denominar Caldas da Rainha D. Amélia.

Apenas no século XX, já com a República implantada, em 1910, é que estas passam a ser denominadas de Termas de São Pedro do Sul.

A gastronomia é rica e destina-se a todos os que gostam de comer bem. A Vitela Assada é o prato mais famoso, dada a qualidade da carne e a mestria dos temperos. Mas o Cabrito à Lafões (cabrito assado no forno de lenha), os Rojões à Moda de São Pedro, o Arroz de Vinha d'Alhos, o Arroz de Carqueja, o Arroz de Cabidela de Galinha, o Cozido à Portuguesa à Moda da Pena, o Bacalhau com Broa e a Sopa de Feijão com Couve à Lafonense são pratos muito apreciados.

Quanto a doces, vale a pena provar o delicioso Pão de Ló de Sul, o Folar, os Caladinhos, os Vouguinhas, o doce de sopa seca e as filhós da Pena.

Esta é uma terra onde as montanhas são mágicas e onde a água brota saúde, onde as pessoas, seja na cidade ou na aldeia, sabem receber e há sempre um sorriso à espera.



Posto de turismo

Av. da Ponte, 3660-484 São Pedro do Sul
232 711 320 | postodeturismo@cm-spsul.pt
segunda-feira a domingo: 10h > 13h · 14h > 18h



28

ANTA DO REPILAU

UISEU, COUTOS DE VISEU

40°41'41.47"N | 7°59'16.79"W

IMÓVEL DE INTERESSE PÚBLICO



LAPA DO REPILAU NOS INÍCIOS DO SÉCULO XX
IMAGEM: GIRÃO, 1923-1924

Envolvido por dezenas de outros monumentos funerários pré-históricos, a Lapa do Repilau é um extraordinário dólmen que faz, indubitavelmente, parte da identidade das pessoas que habitam em seu redor.

4 ACESSOS

Partindo de São Pedro do Sul, tome a N16 em direção a Viseu. Ao chegar à povoação de Bodiosa, corte à direita em direção a Couto de Cima. Passe a povoação de Lobagueira e percorra a 0,5 km, onde se encontra o monumento.

π O MONUMENTO

O dólmen conhecido como Lapa do Repilau, ou Anta do Repilau, encontra-se integrado num dos mais fantásticos conjuntos tumulares pré-históricos da Beira Alta com, pelo menos, dezanove monumentos identificados. Se, por um lado, esta vasta necrópole é dominada pelas grandes mamoas do Neolítico, não podemos descurar a quantidade de monumentos de menor dimensão, com cronologias mais recentes, que, na maioria satelitizam as mamoas neolíticas, como a conhecida Antela do Repilau, localizada a cerca de 50 m de distância. Efetivamente, a Necrópole da Lobagueira parece obedecer a um padrão que começa



ALÇADO DA CÂMARA COM MOTIVOS GRAVADOS E PINTADOS
LEVANTAMENTO: CARVALHO & ALVES, 2018

a tomar forma, em que, no Neolítico Final, terão sido edificados grandes monumentos de corredor e, muito provavelmente, monumentos de câmara simples. Mais tarde, no Calcolítico / inícios da Idade do Bronze, alguns destes monumentos de corredor terão sido reutilizados, mas assistir-se-á, igualmente, à construção de novos monumentos, sobretudo na Idade do Bronze. O epílogo deste movimento tumular termina com a proliferação de pequenas mamoadas, construídas nos finais da Idade do Bronze, entre os séculos XI e IX a.C.

(PÁG. SEGUINTE) MOTIVOS GRAVADOS
NO ESTEIO DE CABECEIRA

A Lapa do Repilau é referida pela primeira vez por Amorim Girão, em 1923, que a visita e descreve após uma visita feita em 1921, ressaltando a publicação de uma foto do monumento ostentando ainda a laje de cobertura da câmara, entretanto fragmentada nos anos 60 do século XX, para a construção de uma represa.

Entre 30 de abril e 24 de agosto de 1966, no âmbito da Missão Arqueológica na Beira Alta, coordenada por Vera Leisner e Leonel Ribeiro, foram intervencionados onze monumentos megalíticos, sete dos quais na região da Lobagueira, incluindo-se neste grupo a Lapa do Repilau.





Em 1988, este monumento é alvo de novos trabalhos arqueológicos no âmbito do Projeto de Valorização de Monumentos Megalíticos da Região Centro, desenvolvido pelo Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro, sob a direção de Domingos Cruz.

A Lapa do Repilau é um monumental dólmen composto por uma câmara poligonal alargada de nove esteios, com 2,75 m de comprimento, 4 m de largura e 2,75 m de altura, e corredor desenvolvido, orientado a E-SE, com 5,4 m de comprimento, mantendo a altura constante de 1,8 m.

Uma das particularidades desta necrópole é possuir dois dos monumentos megalíticos com arte gravada e pintada mais emblemáticos de toda a arte megalítica, nomeadamente a Mamoa do Fojo, ou Lobagueira 4, e a Anta da Lapa do Repilau.

A Lapa do Repilau ostenta figurações pintadas e/ou gravadas no monumental esteio de cabeceira e no esteio que o ladeia pelo lado direito.

No esteio de cabeceira foram gravados dois motivos de feição vagamente antropomórfica, pouco comuns no repertório figurativo da arte megalítica peninsular, sobretudo na sua forma gravada. Um outro aspeto muito relevante nesta composição é a presença de um segmento de linha pintada a vermelho, que ocupa o interior de um dos sulcos na extremidade superior direita. Ainda neste esteio registou-se um

outro motivo gravado a picotado, com forma de gancho.

O esteio imediatamente à direita da laje de cabeceira exhibe um magnífico conjunto de motivos figurativos pintados a vermelho, de traço esquemático, entre os quais se contam dois antropomorfos, um arboriforme e um provável zoomorfo.

O ESPÓLIO

As intervenções arqueológicas permitiram a exumação de um grande número de artefactos, que inclui pontas de seta, micrólitos, lâminas, objetos de adorno e um significativo conjunto de vasos cerâmicos. Destaque especial para o achado, durante a intervenção de 1988, de um "ídolo-placa", em grés, com gravação nas duas faces, e de uma "plaquinha" de tipo idoli-forme, peças que raramente aparecem nos dólmenes desta região.

OUTRAS INFORMAÇÕES

O monumento encontra-se integrado no Percorso Pedestre PR16 VIS – "O Homem e a Natureza por Coutos de Viseu".



(PÁG. ANTERIOR) FOTO DOS ANOS 60 DO SÉCULO XX, ONDE AINDA SE PODE VER A TAMPA DA CÂMARA
IMAGEM: ARQUIVO LEISNER / DAI MADRID / PÓLO LISBOA /
BIBLIOTECA DE ARQUEOLOGIA DA DGPC / COTA: D-DAI-LX-AL-KB-4243

EXPLORAR

A REGIÃO



As ofertas turísticas do território da MEG, Rota de Megalitismo de Viseu Dão Lafões e Sever do Vouga não se esgotam, obviamente, nas extraordinárias manifestações megalíticas.

Existe uma enorme gama de ofertas para todos aqueles que procuram momentos diferentes e únicos. A CIM (Comunidade Intermunicipal) de Viseu Dão Lafões tem feito uma crescente aposta na valorização do turismo de proximidade promovendo e dinamizando os recursos endógenos. Isto permite que hoje seja possível conhecer, visitar e usufruir um conjunto cada vez maior de produtos sejam eles relacionados com o património cultural – histórico, arqueológico, imaterial – ou com o património natural – percursos, trilhos, termas. Desta forma, apontamos neste capítulo alguns dos produtos estruturantes do turismo desta região. Deixe-se envolver e venha conhecer o ADN destas terras e das pessoas que fazem deste um espaço muito especial.

Venha e seja cúmplice da nossa história, aventure-se nas nossas montanhas, saboreie a nossa gastronomia. Goze, goze muito!



ECOPISTAS

As antigas linhas de caminho de ferro são hoje um dos principais polos turísticos desta região. Primeiro foi recuperada como ecopista a Linha do Dão e, mais recentemente, a Linha do Vouga.

Ainda a Linha da Beira Alta não tinha sido inaugurada (1882) e já se faziam planos para a construção do Ramal de Viseu-Linha do Dão, inaugurado em 25 de novembro de 1890. Pretendia-se, desta forma ligar o litoral ao interior, com Viseu como ponto de união entre estas duas realidades territoriais.

A Ecopista do Dão mostra-nos os antigos e pitorescos apeadeiros da área metropolitana de Viseu, num troço especialmente rico em bosques de carvalhos, tal como o troço a norte de Tondela, que revela as incríveis vistas para as serras do Caramulo, a poente, e da Estrela, a nascente. A partir de Tondela, o rio Dinha acompanha a Ecopista até encontrar as águas do Dão e algumas das suas famosas vinhas. No troço de Santa

Comba Dão, o rio permanece à nossa esquerda até à travessia da Ponte do Granjal, oferecendo extraordinários cenários da sua albufeira.

A Linha do Dão foi projetada pelo Eng.º Dinis Mota, o mesmo que desenhou a Linha do Tua (1887), sendo ambas as primeiras vias-férreas de bitola estreita (via métrica) em Portugal. A construção começou em 1885 e nos 49,2 km de extensão da linha foram erguidas sete pontes e abertos dois túneis. Cerca de 80 anos após a inauguração, a linha entrou em decadência, primeiro com a suspensão do transporte de mercadorias (1972) e depois com o encerramento definitivo (1988). Entre 1997 e 1999 os carris e as travessas foram levantados. Não havia retorno. Surge então a ideia de se criar uma Ecopista, entre os municípios de Viseu, Tondela e Santa Comba Dão, inaugurada a 2 de julho de 2011. Em cada concelho atribuiu-se uma cor ao pavimento: vermelho, verde e azul, respetivamente.

A construção da Linha do Vouga, inaugurada na sua extensão total a 17 de março de 1914, depois da abertura dos troços entre Ribeiradio-Vouzela e Vouzela-Bodiosa, foi uma obra de ambição equiparável à dificuldade do empreendimento. Com a construção das Linhas da Beira Alta e do Dão, a Linha do Vouga serviria para fazer a ponte de passageiros e mercadorias entre Viseu e o Porto, por meio de um traçado que conectava com a Linha do Norte, em Espinho. Para a complementar, avançou-se simultaneamente com a construção do Ramal de Aveiro, que ligava a cidade costeira

a Sernada do Vouga, criando assim uma extensão total de 175 km de via férrea.

Os trabalhos começaram em dezembro de 1907, ainda com D. Carlos sentado no trono, tendo funcionado até 1 de janeiro de 1990, data em que o troço entre Sernada do Vouga e Viseu foi desativado.

Esta Ecopista parte à descoberta da zona norte e noroeste da área metropolitana de Viseu até atingir a Igreja Matriz de Bodiosa. Daqui, rumo às antigas Terras de Lafões, atravessando carvalhais e pinhais, antes de encontrar o vale do Vouga, junto à antiga Estação Ferroviária de São Pedro do Sul. O troço de Vouzela é especialmente rico em áreas de floresta autóctone e a passagem do vale do rio Zela, pela antiga ponte ferroviária, é memorável. Continua pelos territórios de Oliveira de Frades, dominados pela avassaladora presença do Maciço da Gralheira, até avistar novamente as serenas águas do Vouga.

Para andar a pé, de bicicleta e até de automóvel, as ecopistas são veículos privilegiados para conhecer e vivenciar este território. Não fique indiferente e experimente! (www.visitviseudaolafoes.pt/guia-de-percursos)



A ROTA DOS VINHOS DO DÃO

O enoturismo é hoje uma feliz realidade no nosso país. E a nossa região do Dão é uma das mais felizardas por ser soprada pelo bafo de Baco. De facto, a região do Dão tem-se afirmado como uma das que possui alguns dos melhores vinhos do país. Quem não se lembra do sexto filme da saga James Bond, quando, em 1968, no Palácio Hotel do Estoril, o ator australiano George Lazenby, segundo agente da saga James Bond, depois de Sean Connery, bebe um vinho do Dão?

Este potencial turístico proporcionou a criação, em 1995, da Rota dos Vinhos do Dão. O centro de acolhimento desta rota encontra-se no Solar do Vinho do Dão, em Viseu. É um espaço que dispõe de duas

salas de provas, uma mediateca e um espaço de exposições. Os visitantes podem provar e adquirir vinhos dos produtores em prova e outros que se encontrem em exposição.

A Rota dos Vinhos do Dão, com mais de quatro dezenas de produtores, convida à descoberta desta região e da maturidade e elegância dos seus vinhos.

A produção dos vinhos da região está subordinada às condições meteorológicas verificadas anualmente. Cerca de 500.000 hectolitros de vinho produzidos em anos normais, apenas 250.000 a 300.000 são suscetíveis de denominação Dão, repartidos por adegas cooperativas, centros de vinificação, produtores-engarrafadores, produtores e vinificadores.

Os vinhos do Dão estão, hoje em dia, em mais de 50 países dos cinco continentes e os mercados mais representativos são: Dinamarca, Alemanha, França, Países Baixos, Reino Unido, Brasil, E.U.A., Macau, Roménia, Noruega, Suíça, Canadá e Angola. (www.rotavinhosdao.pt)



TERMALISMO

Uma das principais ofertas que esta região tem para si é o conjunto de termas medicinais fruto da sua particularidade geomorfológica tectónica.

É na região Viseu Dão Lafões que se localizam a maior parte das termas em funcionamento no nosso país, com diversas características e indicações terapêuticas. A qualidade das águas, aliada aos equipamentos, às técnicas de tratamento e à intervenção de médicos e de outros profissionais especializados, converte as estâncias termais em locais apazíveis que convidam o visitante a usufruir de dias de repouso.

Existem atualmente, sete complexos termais que pode visitar e usufruir, alguns deles com origens na época romana como o de São Pedro do Sul.

Assim, encontram-se ao seu dispor as Termas das Caldas da Cavaca, em Aguiar da Beira, as Termas do Carvalhal, em Castro Daire, as Termas das Felgueiras, em Nelas, as Termas de S. Pedro do Sul, as Termas de

Sangemil, em Tondela e as Termas de Alcafache, em Mangualde. (www.visitviseudao-lafoes.pt/guia-de-percursos)



REDE PATRIMONIAL

A CIM Viseu Dão Lafões estruturou um suporte gráfico que reúne os principais elementos patrimoniais do seu território. É um ponto de partida para conquistar o espaço, mas sobretudo o Tempo.

Aqui encontram-se elencados os principais monumentos e sítios do passado humano deste território. (www.visitviseudao-lafoes.pt/roteiro-da-rede-patrimonial)



MONTANHAS MÁGICAS®

O produto Montanhas Mágicas® é constituído por dez itinerários turísticos que percorrem dez espaços naturais do território do Centro/Norte de Portugal, entre os rios Douro e Vouga, constituído pelos maciços montanhosos da Gralheira (serras da Freita, Arada e Arestal) e do Montemuro e a área administrativa dos municípios de Arouca, Castelo de Paiva, Castro Daire, Cinfães, São Pedro do Sul, Sever do Vouga e Vale de Cambra.

Estes itinerários têm como objetivo facilitar a descoberta dos principais atrativos naturais e culturais deste incrível território, implicando, nalguns casos, a deslocação em veículo todo o terreno e/ou a realização de pequenos treços a pé. (www.montanhasmagicas.pt)

BIBLIOGRAFIA ESSENCIAL

ALVES, Lara B. (2019). Dissolução | Conservação. A pintura rupestre da Beira Alta. *Kairós*. Boletim do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património, nº 1, pp. 4-8. <http://ceaacp.uc.pt/kairós/>

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo de (2006). Arte parietal megalítico em la Península Ibérica, in *Arte Parietal Megalítico em el Noroeste Peninsular. Conhecimento y conservación*, ed. F. Carrera Ramírez y R. Fábregas Valcarce, Tórculo ediciones, pp. 61-151.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo de; BARROSO BERMEJO, Rosa (2016). Megalithic art in the Iberian Peninsula. Thinking about graphic discourses in the European megaliths, in *Function, uses and representations of space in the monumental graves on Neolithic Europe*, dir. Guillaume Robin, André D'Anna, Aurore Schimtt & Maxence Baily, Préhistoires de la méditerranée, Presses Universitaires de Povençence, pp. 185-203.

CARDOSO, João Luís (2008). O. da Veiga Ferreira (1917-1997): sua vida e obra científica, Home-nagem a Octávio da Veiga Ferreira, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 16, Câmara Municipal de Oeiras, pp. 13-123.

CARRERA RAMÍREZ, Fernando; FÁBREGAS, Ramón (2003). The protection and management of the megalithic art of Galicia, Spain. *Conservation and Management of archaeological sites*, vol 6, nº 1, London, pp. 23-37.

CARRERA RAMÍREZ, Fernando (2006). Arte Parietal en Monumentos Megalíticos del área noroccidental peninsular, in *Arte Parietal Megalítico em el Noroeste Peninsular. Conhecimento y conservación*, ed. F. Carrera Ramírez y R. Fábregas Valcarce, Tórculo ediciones, pp. 61-151.

CARRERA RAMÍREZ, Fernando (2011). El arte parietal en monumentos megalíticos del Noroeste Ibérico, *BAR International Series*, 2190, Oxford.

CARTAILHAC, Émile (1886). *Les ages préhistoriques de l'Espagne et du Portugal: résultats d'une mission scientifique du Ministère d l'Instruction publique*, Paris, C. Reinwald.

CARVALHO, António Faustino de; PEREIRA, Telmo; GIBAJA, Juan Francisco (2018). Proveniências e utilização do sílex no megalitismo de Lafões (Viseu, Portugal). Primeira abordagem a partir dos conjuntos dos dólmenes de Lapa da Meruje e de Antelas, *De Gibraltar aos Pirenéus. Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular*, editores científicos João Carlos de Senna-Martinez, Mariana Diniz, António Faustino de Carvalho, ed. Fundação Lapa do Lobo, pp. 217-231.

CARVALHO, António Faustino; CARVALHO, Pedro Sobral de; MELO, Daniel; ANASTÁCIO, José Pedro; ROCHA, João; PEREIRA, Luís André (2021). Monumentos dolménicos e estruturas tumulares proto-históricas de Vouzela no quadro da região de Lafões; resultados preliminares dos trabalhos em curso, Atas das I Jornadas de Arqueologia, 14-16 de novembro de 2019, Vouzela, *Estudos de História e Arqueologia*, Câmara Municipal de Vouzela, pp. 24-37.

CARVALHO, Pedro M. Sobral de (2005). A necrópole megalítica da Senhora do Monte (Penedono, Viseu). Um espaço sagrado pré-histórico na Beira Alta, *Estudos Pré-históricos*, vol. 12, Viseu.

CARVALHO, Pedro Sobral de; ALVES, Lara Bacelar (2018). A Necrópole da Lobagueira, Viseu: expressões de arte e arquitetura do megalitismo da Beira Alta, Centro de Portugal. *De Gibraltar aos Pirenéus. Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular*, editores científicos João Carlos de Senna-Martinez, Mariana Diniz, António Faustino de Carvalho, ed. Fundação Lapa do Lobo, pp. 431-251.

CASTRO, Luís Albuquerque (1966). L'art mégalithique au Portugal, in *Atti del VI Congresso Internazionale delle Scienze Preistoriche e Protostoriche – Sezioni V-VIII*, pp. 370-374, est. CLXIV.

CASTRO, Luís Albuquerque e; FERREIRA, Octávio da Veiga; VIANA, Abel (1957a). *Acerca dos monumentos dolménicos da bacia do Vouga*,

Publicações do XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Coimbra, 1-5 de Junho de 1956), separata do tomo VIII, Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, Coimbra, pp. 5-16.

CASTRO, Luís Albuquerque e; FERREIRA, Octávio da Veiga; VIANA, Abel (1957b). O Dólmen Pintado de Antelas (Oliveira de Frades), *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, vol. XXXVIII, Lisboa, pp. 325-346.

COELHO, José (1912). *A Prehistoria e o seu ensino. Mamaltar do Vale de Fochas*, Estudos Pré-históricos, I, Tipografia Popular, Viseu.

COELHO, José (1924). *Policromia megalítica*, Estudos Pré-históricos, II, Tipografia Popular, Viseu.

COELHO, José (1949). *Notas Arqueológicas – Subsídios para o estudo Etnológico da Beira*, volume I, edição do autor.

COITO, Lúcia Cristina; CARDOSO, João Luís; MARTINS, Ana Cristina (2008). *José Leite de Vasconcelos, fotobiografia*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia.

COSTA, Francisco António Pereira da (1868a). *Monuments Megalithiques du Portugal*, in *Congrès international d'anthropologie et d'archéologie préhistoriques: compte rendu de la 2me session*, Paris, pp. 180-185.

COSTA, Francisco António Pereira da (1868b). *Noções sobre o Estado Prehistorico da Terra e do Homem seguidas da descrição de alguns dolmens ou antas de Portugal*, Lisboa.

CRUZ, Domingos Jesus da (1995). Cronologia dos monumentos com *tumulus* do noroeste peninsular e da Beira Alta, *Estudos Pré-Históricos*, 3, Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, Viseu, pp. 81-119.

CRUZ, Domingos Jesus da; VILAÇA, Raquel (1989). A Anta da Cunha Baixa (Mangualde). Escavação, restauro e conservação de um monumento megalítico, *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Coleção Ser e Estar, nº 2, Governo Civil de Viseu, pp. 51-60.

CRUZ, Domingos Jesus da; VILAÇA, Raquel (1990). Trabalhos de escavação e restauro no Dólmen 1 de Carapito (Aguaiar da Beira, dist. Da Guarda). Resultados preliminares, *Trabalhos do Instituto de Antropologia “Dr. Mendes Corrêa”*, Faculdade de Ciências do Porto, nº 45, Porto.

CRUZ, Domingos Jesus da (2001). *O Alto Paiva. Megalitismo, Diversidade Tumular e Práticas Rituais durante a Pré-História Recente*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (dissertação de doutoramento, policopiada).

CUNHA, Ana Maria Cameirão Leite (1993). Pinturas rupestres na Anta da Arquinha da Moura (conc. de Tondela, Viseu): notícia preliminar, *Estudos Pré-históricos*, 1, Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, Viseu, pp. 83-87.

DAMÁSIO, Fr. Manoel de S. Caetano (1793). *Thebaida Portuguesa: compêndio histórico da congregação dos monges pobres de Jesu Christo da Serra de Ossa chamada depois de S. Paulo I*, Eremita, em Portugal, vol. 1, Lisboa, Officina de Simão Thadeu Ferreira.

DEVIGNES, Marc (1992a). L' Art des dolmens peints en Espagne et Portugal, *Archéologia*, nº 280, pp. 50-57.

DEVIGNES, Marc (1992b). Analyse du phénomène des dolmens peints ibériques, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XXXII, fasc. 1-4, Porto, pp. 113-140.

FABIÃO, Carlos (2016). Os altares dos “primeiros povoadores da Lusitânia”: visões do megalitismo ocidental, in “Terra e água. Escolher sementes, invocar a Deusa. Estudos de homenagem a Victor S. Gonçalves”, *Estudos & Memórias*, 9, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 45-67.

GIRÃO, Aristides de Amorim (1921). *Antiguidades Pre-historicas de Lafões. Contribuição para o estudo da arqueologia de Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade.

GIRÃO, Amorim (1921-1922). Monumentos pré-históricos do concelho de Viseu, *O Archeologo Português*, série 1, 25, Lisboa, pp. 183-189.

GIRÃO, Amorim (1923-1924). Monumentos pré-históricos do concelho de Viseu, série 1, 26, Lisboa, pp. 282-288.

GOMES, Luís Filipe C. (1994). A necrópole megalítica da Lameira de Cima (Penedono - Viseu), *Estudos Pré-históricos*, 4, Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, Viseu.

GOMES, Mário Varela (1993). O Marco de Anta ou Estela-menir de Caparrosa (Tondela – Viseu), *Estudos Pré-históricos*, 1, Viseu, Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, pp. 7-27.

JORGE, Vítor Oliveira (1996/1997). Em torno da arte megalítica: revisitando uma visão de 1981, *Portugália*, Nova Série, vols. XVII-XVIII, Porto, pp. 51-76.

JORGE, Vítor Oliveira (1998). Interpreting the “megalithic art” of Western Iberia: some preliminary remarks, *Journal of Iberian Archaeology*, vol. 0, ADECAP, Porto, pp. 69-81.

LEISNER, George (1934). Die malereien des dolmen Pedra Coberta. *Jahrbuch für Prähistorische und Ethnographische Kunst*, 9, pp. 23-44.

LEISNER, George; LEISNER, Vera (1956). *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*, “Madrid Forschungen”, band. 1, Berlin.

LEISNER, Vera (1998). *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*, 4, Lieferung, Walter de Gruyter, Berlin–New York.

LEAL, Pinho (1874). *Portugal Antigo e Moderno. Dicionário geográfico, Estatístico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as cidades, villas e freguesias de Portugal*, Lisboa.

MARQUES, Jorge Adolfo; EUSÉBIO, Fátima (2007). *Distrito de Viseu. Tesouros de arte e arqueologia*, Viseu, Governo Civil do Distrito de Viseu.

MARTINS, Ana Cristina (2018). Megalithism and identity dialogues: texts, contexts and pretexts, in *De Gibraltar aos Pirenéus: Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular*, editores científicos João Carlos de Senna-Martinez, Maria-

na Diniz, António Faustino Carvalho, Fundação Lapa do Lobo, pp. 21-35.

MOITA, Irisalva Nóbrega (1966). Características predominantes do grupo dolménico da Beira Alta, *Ethnos*, V, pp. 189-297.

OLIVEIRA, Lurdes (2020). Uma Pré-História do Vale do Vouga, in *O Património Histórico e Arqueológico do Vale do Vouga – o aproveitamento hidroelétrico de Ribeiradio-Ermida*, ed. EDP Produção, pp. 169-279.

PEDRO, Ivone; VAZ, João Luís Inês.; ADOLFO, Jorge (1994). *Roteiro arqueológico da região de turismo Dão-Lafões*, Viseu.

Portugal Pré-histórico (29.04.1916). *Ilustração Catholica*, nº 148, ano III, Braga.

REAL, Manuel; CARVALHO, António Faustino; TENTE, Catarina (2017). Projeto de estudo do património histórico-arqueológico de Vouzela (Viseu): objetivos e primeiros resultados, *Arqueologia em Portugal. Estado da Questão*, Associação dos Arqueólogos Portugueses.

ROMERO, Fernando Alonso (1998). Las moursas constructoras de magalitos: estudio comparativo del folclore galego com el de otras comunidades europeas, *Anuario Brigantino*, nº 21, Betanzos, pp. 11-27.

SANCHES, Maria de Jesus (2006). Passage-graves of northwestern Iberia: setting and movements. An approach to the relationship between architecture and iconography, *Journal of Iberian Archaeology*, vol. 8, ADECAP, Porto, pp. 127-158.

SANCHES, Maria de Jesus (2008-2009). Arte dos dólmenes do noroeste da Península Ibérica: uma revisão analítica, *Portugália*, Nova Série, vol. XXIX-XXX, pp. 5-42.

SANTOS, André Tomás; CRUZ, Domingos Jesus; BARBOSA, Fernando (2017). Gravuras e pinturas em dólmenes. O “Grupo de Viseu” de E. Shee (1981) trinta anos depois, in ed. CRUZ, D. J., A Pré-História e a Proto-História no centro de Portugal: avaliação e perspectivas de futuro. Viseu, Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, *Estudos Pré-Históricos*, vol. 17, pp. 25-57.

SANTOS, Filipe João Carvalho; PERPÉTUO, João Miguel André; SANTOS, André Tomás; GOMES, Luís Filipe Coutinho (2010-1011), O Dólmen 2 de Chão Redondo (Sever do Vouga, Aveiro): um monumento com iconografias. Resultados dos trabalhos de escavação e restauro, *Portugalia*, Nova série, 31-32, Porto, FLUP/IA, pp. 5-41.

SARMENTO, Francisco Martins (1883). *Expedição Científica à Serra da Estrela em 1881. Secção de Archeologia. Relatório*, Sociedade de Geografia de Lisboa, Lisboa.

SENNA-MARTINEZ, João Carlos de (1989). *Pré-História recente da bacia do Médio e Alto Mondego. Algumas contribuições para um modelo sociocultural*, Lisboa, Universidade de Lisboa (dissertação de doutoramento; policopiada).

SENNA-MARTINEZ, João Carlos de; VENTURA, José Manuel Quintã (1994). A Orca de Santo Tisco: resultados preliminares da campanha de 1992, *Atas do Seminário "O megalitismo do Centro de Portugal"* (Mangualde, nov. 1992), Viseu, pp. 43-54.

SENNA-MARTINEZ, João Carlos de; VENTURA, José Manuel Quintã (2000). Pastores, recolectores e construtores de megálitos, eds. J. C. Senna-Martinez & Ivone Pedro, *Por Terras de Viriato: Arqueologia da Região de Viseu*, Viseu, Governo Civil de Viseu e Museu Nacional de Arqueologia, pp. 53-62.

SENNA-MARTINEZ, João Carlos de; VENTURA, José Manuel Quintã (2008). Do mundo das sombras ao mundo dos vivos: Octávio da Veiga Ferreira e o megalitismo da Beira Alta, meio século depois, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, vol. 16, Câmara Municipal de Oeiras, pp. 317-350.

SILVA, Fábio (2012). Landscape and Astronomy in megalithic Portugal: the Carregal do Sal Nucleus and Star Mountain range, *PIA*, vol. 22, pp. 99-114.

SILVA, Fernando A. Pereira da (1993). Megalitismo e tradição megalítica no Centro-Norte Litoral de Portugal: breve ponto da situação, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Atas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. I, vol. XXXIII (fasc. 1-2), pp. 93-130.

SILVA, Fernando A. Pereira da (1994). Túmulos do Centro-Norte Litoral. Prolegómenos a uma periodização, *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 2, Lisboa, ed. Colibri, pp. 9-33.

SILVA, Fernando Augusto Pereira da (1998). Um novo dólmen pintado e gravado da bacia do médio Vouga — o dólmen do Juncal (Manhous, S. Pedro do Sul). Notícia preliminar, in Atas do Colóquio "A Pré-História na Beira Interior", Tondela, Novembro de 1997, Viseu, *Estudos Pré-históricos*, vol. 6, Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, Viseu, pp. 95-103.

SILVA, Fernando A. Pereira da (1999a). Neolitização e megalitismo nos planaltos centrais do Centro-Norte Litoral de Portugal (Maciço da Graíheira): afirmação e consolidação das economias agro-pastoris em ambiente de média montanha, *Sanguntum*, Plav, Extra – 2, II Congrès del Neolític a la Península Ibérica, pp. 521-530.

SILVA, Fernando A. Pereira da (1999b). Práticas funerárias da Pré-História Recente na região Centro-Norte Litoral, *Arqueologia e História*, vol. 51, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp. 158-195.

TOWHIG, Elizabeth Shee (1981). *The Megalithic Art of Western Europe*, Oxford, Clarendon Press.

VASCONCELLOS, José Leite de (1897). *Religiões da Lusitânia na parte que principalmente se refere a Portugal*, 1º volume, Lisboa, Imprensa Nacional.

VASCONCELLOS, José Leite de (1898). Dolmen de Espírito-Santo D'Arca (Beira Alta), *O Archeologo Português*, volume IV, pp. 338-339.

VASCONCELLOS, José Leite de (1904). Arqueologia Prehistórica da Beira, *O Archeologo Português*, volume IX, pp. 302-308.

VASCONCELLOS, José Leite de (1907). Peintures dans les dolmens de Portugal, *L'Homme Préhistorique*, 2, pp. 33-37.

VENTURA, José Manuel Quintã (1993). Novos monumentos megalíticos no concelho de Carregal do Sal, Viseu: notícia preliminar, *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, Lisboa, pp. 9-21.



COMUNIDADE INTERMUNICIPAL
VISEU DÃO LAFÕES